

**TORBORG
NEDREAAS
NADA
NASCE
AO
LUAR**



TORBORG NEDREAAS

Nada nasce ao luar

Tradução do norueguês
Kristin Lie Garrubo



TORBORG NEDREAAS

Nada nasce ao luar

Tradução do norueguês
Kristin Lie Garrubo



Sumário

Capa

Rosto

1

2

3.

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

Sobre a autora

Créditos

NADA NASCE AO LUAR

Ando à procura de uma pessoa. Há treze dias procuro por ela. Já cruzei a cidade em todas as direções. Passei por todos os saguões de hotel e fiquei à espreita. Peguei o bonde sem destino, esperando, como se fosse algo natural, ver aquele mantô de lã se destacar dentre os outros passageiros — onde quer que houvesse gente, andei escrutinando os rostos, caso aquele rosto cruzasse novamente meu caminho. Mas nada. Talvez eu não queira mais nada além de rever aquelas feições por um instante e reconhecê-las. Nem sabemos o nome um do outro. Só quero fitá-la por um momento, mergulhar naquela alma humana por um breve segundo e levá-la comigo. Olhar nas profundezas de um destino humano que me foi entregue uma noite por duas mãos trêmulas.

Na verdade, é muito difícil dizer o que me fez reparar nela. Mas devem ter sido várias coisas — meu próprio estado de espírito, o tempo, o vazio daquele dia específico. Sei lá. Mas alguns dias são assim — vazios. Eles doem por dentro, te excluem e rejeitam. E eu estava perambulando, sem vontade de ir a lugar nenhum e sem vontade de voltar para casa. Uma daquelas noites de primavera com chuvisco, uma garoa tão leve que você apenas percebe os pontinhos nas calçadas, mas ainda assim um crepúsculo muito azul, com ar ameno e fresco. Os lampiões acabavam de ser acesos, velas louras que

despontavam à meia-luz azul. Cheirava a noite de março e calçada úmida. Fui entrando a esmo na estação de trem. Na verdade, eu não tinha nada para fazer ali, mas comprei um jornal na banca para dar a impressão de que tinha algo para fazer ali.

Foi então que a notei. Bem quando enfiava o jornal no bolso e me virava para ir embora, vi que ela estava procurando alguém, esperando por alguém. Acima de nós, o telhado de vidro filtrava a penumbra madreperolada, enquanto a luz amarela de um poste recaía sobre os ombros e os cabelos dela. Sua cabeça estava descoberta. O rosto permaneceu na sombra, eu não podia ver nada dele com nitidez.

As vozes soavam como marteladas cantantes no saguão da estação, todos os sons reverberavam e nos envolviam, isolando-nos. Talvez tenha sido essa a razão, e também aquele seu olhar inquieto. Senti como se ela estivesse me procurando, ou algo assim, é difícil dizer, pois sua aparência não era nada especial, e eu não estava à procura de nenhuma garota, não tinha intenção nenhuma de viver uma aventura naquela noite. Mas preciso me deter um pouco aqui, porque se trata de uma lembrança que me é estranhamente cara. Preciso acariciá-la e abraçá-la, embora possa parecer insignificante.

Lá estava uma jovem que me dava a impressão de ter uns dezenove ou vinte anos. Uma completa desconhecida cujo rosto eu nem conseguia ver. Lá estava ela, com uma pequena mala vermelha, parecendo não saber para onde ir. O mantô de lã, aberto e solto em seu corpo, uma das mãos no bolso. A que segurava a mala estava despida, sem luva. Cabelos lisos, sapatos baixos. Contornei-a e me aproximei por trás, ela estava com a cabeça levemente curvada. Dirigi-me ao cabelo que lhe caía suavemente até o ombro, eu não tinha intenção nenhuma e nem sequer pensei no que dizer, ou se deveria dizer algo.

Posso ajudá-la em alguma coisa, senhorita? Surpreendi-me um pouco com a ternura na minha voz, afinal era possível que eu fosse rejeitado — ou ainda que ela fosse uma prostituta. Ela sacudiu lentamente a cabeça sem olhar para mim,

nem se dando ao trabalho de se virar para ver quem falava com ela ou me lançar um olhar gélido. Eu ainda não tinha visto seu rosto. Disse eu, posso levar sua mala. Então ela começou a andar, devagar, com a cabeça baixa. Estava indo em direção à saída. Eu a segui de perto. Ela parou, como se estivesse indecisa. Disse eu, vamos pela outra saída. E a ultrapassei sem olhar para ela — sabia que estava ali, bem ao meu encalço. Percebi que sua mala fazia um leve ruído, senti sua respiração, e o som de seus sapatos logo atrás parecia íntimo e próximo, como se ela estivesse sussurrando algo para mim.

Meus pensamentos estavam um caos. Para onde íamos, que diabos eu faria com aquela moça desconhecida, quem era ela, como era ela — como terminaria aquela noite? Sem mais nem menos perguntei, para minha casa ou para a casa da senhorita? Ela hesitou antes de responder. Vamos caminhar um pouco primeiro, disse ela. Em seguida, me virei para ela, deixando-a se aproximar de mim. Só então olhei para ela, vendo seu rosto pela primeira vez. E aqui preciso de novo me deter um pouco, porque há um significado nisso, em ver o rosto de uma pessoa pela primeira vez. Tendemos a voltar a esse momento para encontrar o fio que leva à fase seguinte: o instante em que você vê o ser humano que é dono desse rosto, o ser humano propriamente dito. Estávamos nos aproximando de um lampião, já havia escurecido um pouco. A luz recaiu diretamente sobre seu rosto, desnudando-o para mim. Depois passamos o poste, e o rosto ficou na sombra. Era como se ela tivesse se escondido de novo. Mas no breve segundo em que a luz recaiu sobre suas feições, vi que ela era bem mais velha do que eu imaginara, vinte e tantos anos, talvez se aproximando dos trinta. As próprias feições tinham um quê de infantis, de algo ainda não vivido, mas com idade suficiente para que as finas linhas em torno dos olhos e um vinco bastante perceptível que descia a partir da base do nariz aparecessem ali. Ela disse, podemos simplesmente andar um pouco por aí.

Caminhávamos em silêncio. Os carros passavam por nós deslizando sobre o asfalto sem ruído, os faróis brincavam com nossas sombras, fazendo-as girar ao

nosso redor. De quando em quando, eu olhava para ela, ela olhava fixo para a frente com algo sombrio e pensativo nos olhos. A boca era grande, de uma sensibilidade túrgida, mas sem cor e firmemente fechada a respeito de seus pensamentos. Se é que havia algum. Eu não sabia, talvez nem tivesse pensado nisso. Eu me intrigava com o fato de que não a desejava. Mas meu coração batia inquieto, seus passos sussurravam para mim, e senti sua proximidade como um toque apreensivo.

Quando passamos por algo — um acontecimento ou uma pessoa — que cala fundo em nossa existência, dotando-a de significado, tendemos a nos fixar nas pequenas coisas. Tudo o que nos conecta a essa experiência vive sua própria vida dentro de nós e exige algo de nós, até mesmo as menores insignificâncias. Lá estava eu, caminhando pelas ruas numa noite chuvosa de março com uma moça desconhecida, não conversávamos, eu nem sequer sabia o nome dela, mas tudo o que aconteceu se gravou em mim e sempre será parte de mim, parte de minhas sensibilidades mais profundas. Descemos em direção às docas, senti o cheiro do mar e dos barcos de pesca ancorados ali, e uma gaivota gritou. Sempre reviverei essa forte experiência quando sentir o cheiro do mar, e achei curioso ouvir o grito da gaivota à noite. Foi um só grito, logo um carro buzinou, e então um bonde passou guinchando nos trilhos. Já molhado, o cabelo dela grudava na cabeça. Tinha sido puxado da testa e estava lisinho. Quando a luz o iluminava, era amarelo, de resto era louro-acinzentado. A luz e a sombra recaíam sobre ela conforme andávamos, seu rosto ora se revelava aos poucos ora mergulhava na sombra outra vez. Chegamos aos bairros antigos, onde só havia um ou outro lampião a gás, com uma luz bruxuleante que desenhava listras fosforescentes em zigue-zague nos velhos paralelepípedos molhados pela chuva. As pequenas casas ficavam no meio da rua ou escondidas num toco de jardim, desordenadas, sem simetria. Escondiam-se atrás de galpões mais novos, despontando ansiosamente, as janelinhas cheias de flores que cochichavam à luz dos lâmpões a gás.

Ela parou em frente a uma daquelas casinhas, segurando a grade que

protegia o restante do pequeno jardim. Sua voz feminina era calorosa e madura.

Sempre quis morar numa casa como esta, disse. Uma casinha minúscula assim, com pequenas janelas perscrutadoras e muitas flores.

Eu não disse nada. Garotas que saem acompanhando homens desconhecidos dizem tanta coisa, e não se sabe o quanto disso é real.

Voltamos a caminhar em direção ao centro. Em seguida ela disse, deveria ter roupa pendurada num pequeno varal no jardim. Do tipo que cheira a limpeza e maciez e brinca ensolarada ao vento.

Escutei. Aquilo que ela dizia respirava uma atmosfera particular, aquela conversinha de roupa no varal e uma casinha minúscula. Algumas pessoas sabem falar de arte ou literatura ou contar uma anedota interessante que você ouve mas que não vai além do cérebro, da consciência. Mas também é possível falar de modo que aquilo que é dito se insinue pela pele e te deixe sentir algo no íntimo. Aquela moça falava de roupa secando ao sol e de uma casinha de um jeito que me envolvia, e assim ela me transmitiu uma sensibilidade que entrava em meu sangue e se tornava algo que eu estava vivenciando. Portanto, preciso me deter e pensar também nisso, preciso revivê-lo, porque entreabriu uma porta para aquela pessoa que eu não conhecia. Chegando perto do centro da cidade outra vez, ela imperceptivelmente se aconchegou mais a mim. Eu não a desejava. Mas queria que aquela caminhada nunca acabasse. Vez ou outra, seu ombro roçava meu braço. Era uma sensação boa. Eu não a queria mais perto.

Era uma vitrine iluminada, onde havia rolos de corda, equipamentos de pesca e pilhas de redes de pesca feitas à mão. Ela parou, de costas para a vitrine. Tinha aquela expressão sombria e pensativa nos olhos.

Sabe de uma coisa?

Apenas essas palavras. Elas acenderam uma alegria radiante em mim. Não me atrevi a responder, não tinha coragem de ouvir minha própria voz, para não turvar aquela alegria em mim. Escutei.

É estranho. Mas caminhar assim como estamos fazendo agora é bom. Estou

me sentindo muito bem.

Não havia melancolia em sua voz, nem alegria. Ela simplesmente falou, constatando, sem estranheza. Continuamos a andar e ela disse, só Deus sabe por quê. Afinal de contas, deve ser a única coisa que desejamos, o calor de um semelhante ao nosso lado.

Ela deu ênfase a cada palavra. Cada uma daquelas palavras continuou ardendo lentamente quando ela parou de falar. Senti minha respiração tremer.

É difícil traduzir em palavras o que aconteceu. Minha experiência de sua pessoa foi sucessiva, vez após vez, uma porta se entreabriu, a porta para uma alma humana. E a cada vez eu vislumbrava mais e mais daquilo que ali se escondia.

Uma alma humana é algo que só tem significado para quem tem alma. Grande parte da humanidade carece de alma. E os que a têm tomam bastante cuidado para não a expor. Por isso, a experiência é tão intensa quando no primeiro encontro sentimos o toque daquilo que se chama de alma humana. E aqui preciso dar um passo para trás, preciso investigar isso um pouco, não posso deixar passar com tanta facilidade.

Encontrei uma jovem que me acompanhou sem mais nem menos. Você pode conhecer moças que são belas, ou cujos meneios despertam seu desejo, moças que jogam o jogo. Em geral, elas conversam, elas falam, dão risada e brincam. Faz parte. E então encontrei essa, não sabia se era bela, ela simplesmente estava parada na estação carregando uma pequena mala vermelha, sem meneio algum, já que estava parada. E ela não falava, nem combinamos nada sobre aonde ir, e eu mesmo tampouco fazia ideia do que queria com ela. Mas o tempo todo a senti perto de mim. Algo na sua proximidade me arrepiava a pele, algo me deixava inquieto e fazia meu coração bater com um misto de expectativa e ansiedade, sem desejo. E foi essa comunicação muda entre nós enquanto caminhávamos que me permitiu intuir a *pessoa* que estava andando ali. A pessoa com uma alma capaz de absorver a dor e a felicidade, mas acima de tudo a fúria da dor humana que pode matar,

ou que lá permanece quando a felicidade a abraça, e que molda a pessoa, para depois emanar da pele como um estranho magnetismo.

Ela não disse nada quando parei diante da porta de entrada e a destranquei. Seguiu porta adentro, na minha frente. Na escada, esperou um pouco, abrindo espaço para mim e tocando de leve em meu braço. Ela perguntou, você tem alguma coisa para beber?

Essa pergunta poderia ter contribuído para rotulá-la. Se eu não soubesse tanto sobre ela como já sabia. Mas, do jeito que foi, despertou em mim uma ternura, aquela coisa de ter algo para beber, uma ternura um tanto lastimosa: eu não podia ajudá-la em nada, a não ser lhe dando algo para beber.

Eu tinha alguma coisa, não muito. Mas ela se satisfez. Um monte de cigarros?, perguntou, uma quantidade suficiente de cigarros?

Por sorte, eu tinha um estoque inteiro de cigarros.

Ela fez um gesto de recusa quando tentei ajudá-la a tirar o mantô. Espere, disse. Estava entretida examinando minha estante de livros.

Agora, costumo conseguir julgar, grosso modo, meus semelhantes com base no que primeiro lhes interessa na minha sala. Se vão direto para a estante, muitas vezes fico cético. Pode ser pura afetação. Mas as moças tendem a mostrar sua afetação ficando enlevadas diante de uma pintura. Nem olham para as gravuras francesas. Eu poderia imaginar que aquela jovem tivesse pegado uma obra de filosofia ou algo relacionado à história da arte para mostrar que tinha qualificação. Isso é humano. Sua escolha me surpreendeu um pouco. Era o *Decameron* que ela folheava. Sua boca esboçava um sorriso discreto, mas os olhos estavam pensativos como antes. Perguntei se o conhecia. Ela fez que sim, sem tirar os olhos do livro. Suas mãos, que manuseavam o livro, eram longas e expressivas. Era possível seguir sua ossatura vigorosa e nobre sob a pele sedosa. Os dedos da mão direita estavam escurecidos pela nicotina, e havia vestígios também na esquerda. Não usava anel nem joia. Quando ela devolveu o livro, perguntei o que achava dele. Ela encolheu os ombros.

Quando eu era nova, gostava dele. Gostava dele enquanto pensava que o

amor era algo alegre e divertido. Diz “amor” onde deveria dizer “paixão”.

Perguntei se não achava que era mais ou menos a mesma coisa. Então ela me encarou. Você sabe tão bem quanto eu que paixão é prazer e — se quiser — felicidade. E que o amor é antes — ah, quase sempre, um inferno. Baixou o olhar, sua voz se reduziu a um sussurro. Aí fez uma careta, se jogando numa poltrona, ainda sem tirar o mantô.

Acho que estamos começando a ficar cerimoniosos, disse ela.

Isso me feriu os ouvidos.

Enchi as taças, bebemos em silêncio. Procurei seus olhos, eles se desviaram. Ela fumava avidamente. Bem, disse, erguendo a taça para mim e bebendo seu conteúdo como se fosse algo que queria tirar da frente. Olhe, disse logo depois, preciso ficar um pouco alta. Não havia sinal algum de piada em seus olhos. Eu me senti incomodado com aquilo em que ela estava pensando agora, queria lhe dizer que não precisava se preocupar. Afinal, eu não exigia nada dela, a não ser que ficasse ali na minha sala e não fosse embora. O calor de um semelhante ao nosso lado — se ela soubesse como acertou ao dizer isso. A questão é que existem tão poucos semelhantes.

Ouvi as tragadas veementes que ela dava no cigarro, seus olhos estavam fixos em mim, perscrutadores e sem insinuações. Agora o vinco em sua testa estava bem visível. Ocorreu-me que ela poderia até ter passado dos trinta. Mas a figura era de menina-moça. Pernas longas de menina, um dos pés estava virado um pouco para dentro. Por baixo do mantô, vestia uma saia esportiva cinza e uma blusa chemisier azul-pálida com gravata. A seriedade da gravata tornou suas feições ainda mais infantis. Bonita mesmo ela não era de forma alguma, com a exceção da boca. A boca era linda.

Ela fumava sedenta, devorando os cigarros até ter que segurar a bituca entre o polegar e o indicador para poder sugar a última tragada. O relógio tiquetaqueava na cornija da lareira. No apartamento de cima, o rádio tocava uma música saltitante de acordeão que arranhava as paredes. Ela estava

recostada na poltrona, com os olhos fechados. Perguntei, não quer tirar o mantô? Ela respondeu sem abrir os olhos, estou com frio.

A luz recaía diretamente sobre seu rosto. O cansaço era o que mais o marcava, agora que ela relaxara. Sua boca tremia de leve, sabe o que eu queria fazer esta noite?, disse devagar. Eu me inclinei para ela, pegando sua mão, que ficou totalmente mole na minha.

Mas não sei se posso, acrescentou ela. Não sei se você quer. Apertei sua mão suavemente.

Esta noite tenho vontade de falar. Mas só te deixaria entediado, talvez. Seus olhos ainda estavam fechados, e pela sua boca mal dava para ver que dizia algo. Beijei sua mão com a leveza de um sopro e senti seus dedos se fecharem muito levemente em torno dos meus. Ela disse, posso? Abriu os olhos, eles estavam perguntando. Soltei sua mão e acendi um cigarro, recostando-me. Estou esperando, disse eu. Um breve e pequeno sorriso perpassou pelo seu rosto, sem que a seriedade abandonasse o fundo dos olhos castanho-acinzentados. Ela se acomodou mais para a frente, na beira da poltrona. A bainha do mantô raspava no tapete. Mas preciso de mais bebida, disse. Preciso ficar um pouco mais bêbada. Preciso me livrar disso agora, se você aguentar. Fiquei calada por muitos anos, disse. Perguntei quantos anos tinha, e ela me contou que tinha trinta e oito.

Enchi pela metade uma taça de cerveja com aquavita, deixando-a na sua frente. Ela acendeu outro cigarro com a ponta do anterior, e bebeu. No apartamento de cima, o rádio servia um solo de xilofone, ela se pôs a cantarolar a melodia de palhaço com uma voz baixa e rouca. Os ombros balançavam imperceptivelmente ao ritmo da batida. A seguir, ela se interrompeu para beber, gemendo baixinho ao pousar a taça. Lá fora, a chuva engrossava, borbulhando na rua e gorgolejando numa calha. Disse eu, estou esperando.

Disse ela, não tenha pressa. Porque aí não posso. Tornou a cantarolar e olhou

para mim, sombras de seriedade e malícia brincando em seus olhos. Eu demoro, sabe? Isso leva tempo, pois preciso pensar bem para não mentir. Porque agora não quero mais mentir nem ficar em silêncio. É que estou muito acostumada a mentir.

— — —

Ora! Assim como todo mundo. Andamos por aí mentindo na cara e na alma uns dos outros. Nós nos tornamos enlameados por dentro e recobertos por nossas próprias mentiras e pelas dos outros.

Ela pegou a taça e se recostou outra vez, o cigarro pendia no canto da boca. A saia havia subido um pouco acima de um dos joelhos, um joelho redondo de criança. Ela me observou por baixo de pálpebras semicerradas, tinha visto que eu olhava para seu joelho. Dava para perceber que já estava sob o efeito da bebida, ela disse, bem. Vou te dar uma chance. Pode escolher. Pode ter meu corpo ou minha alma. A escolha é sua.

Já que não posso ter os dois, escolho sua alma.

O corpo é muito mais belo, disse ela. Só estou te avisando. Além do mais, vou te roubar a noite toda se começar a falar.

Comece. Por favor.

Sua boca estava tremendo novamente, mal se podia ouvi-la.

É que estou com um pouco de medo, sabe. Porque se eu perceber que estou te deixando entediado — não, você não entende isso. Mas se você olhar para o relógio, aí vou morrer de vergonha. — — — Ai, não, não é isso. Agora estou mentindo. Mas não posso dizer nada — está entendendo? — Se você não for receptivo.

Imagine — —

E você tem que acreditar em mim. Não deve se importar se faço de conta.

Estou fazendo um teatrinho. E daí? Todos desempenhamos um papel. Mas às vezes desempenhamos o papel de *nós mesmos*, devemos ter permissão para desempenhar o papel de nós mesmos em algum momento. Agora já bebi um gole. Ela riu bem baixinho. Você não sabe no que está se metendo ao pedir minha alma. Porque isso aqui vai te atormentar. Sei que você é assim. Por isso quero me abrir com você. Mas será pior se eu te deixar entediado. E isso pode muito bem acontecer, pois não sou uma boa contadora de histórias, ao menos não quando estou dizendo a verdade. Talvez você esteja esperando uma narrativa coerente. Mas aí não seria a *verdade*. A vida não é assim, não é nenhuma narrativa coerente. De vez em quando nossos pensamentos vão para trás, trazendo à tona coisas que nos fazem pensar, o que inverte a sequência, e assim deve ser. Eu, pelo menos, preciso contar a história dessa forma, se é que vou dizer algo. E depois há os detalhes. Coisinhas que não são — que não são — bem. Mas precisam estar lá. Pois o que não importa para uma pessoa pode ser decisivo para outra. E, para mim, muitas vezes foram as coisas mais estranhas que se tornaram decisivas. E elas precisam ser incluídas. — Você realmente *quer*? —

Continue.

Ela havia se inclinado para a frente outra vez, como se estivesse ouvindo algo. Seu olhar se afastou de mim, da sala, do tempo e do espaço. O cigarro pendia entre seus dedos, fumando-se sozinho. A voz estava baixa.

Não sei por quê, de repente sinto necessidade de falar. Bem, talvez eu saiba, sim.

Ela riu devagar. É fato antigo que uma pessoa repassa toda a vida no momento em que está prestes a morrer. Nem sei quando vou morrer. Não é certo que vou me matar. Não o fiz antes, então tampouco deve acontecer dessa vez. Ela riu um pouco de novo, levando a taça à boca.

Mas quando você me encontrou na estação, eu estava à beira de um abismo. Você me afastou um pouco daquele abismo. Mas ele *continua* ali. Pensando bem, ele está sempre ali, para pessoas como eu. Na verdade é só o acaso que faz

com que tropeçemos e tudo vá abaixo, ou não. Ela inclinou a cabeça para trás, o pescoço desenhando um arco gracioso. À luz do abajur, a boca tinha sombras profundas.

No fundo, é uma história banal. Só que ela nunca é contada. É o tipo de coisa que as pessoas carregam sozinhas. E sobre a qual os poetas não escrevem. Os poetas preferem escrever sobre coisas belas. Até a dor e a tragédia eles transformam em algo belo. Os poetas! — Sua boca fez um esgar imperceptível. Os poetas — são os guardiões da verdade. Muitas vezes contam a verdade — parte da verdade. Eles silenciam sobre o resto, senão ninguém compraria suas obras. Mas aquilo sobre o que silenciam se torna a mentira da verdade que estão contando. Ela abriu os olhos. Você entende isso? — Aliás, não importa. Agora estou alta. É uma delícia. E agora quero falar, mesmo que te faça dormir. Onde eu estava? — Ai, bem, bem, tanto faz. Eu nem tinha começado. Saúde! Então, a história não é original. É sobre desilusão amorosa, falta de dinheiro, erotismo e traição e o diabo a quatro. Ah, vamos brindar. Você tem fósforo? Obrigada. Mas agora você vai prestar atenção e não vai olhar para o relógio. Você precisa ficar acordado, pois quero te ver empalidecer. Minha história é sobre sangue. Mas não sangue poético com beleza. Não, nada disso. É feio. Nojento. Sangue e muco e pus. Certo? Agora você está franzindo a testa. Já te disse que não será bonito. Porque isso é *verdade*, só para você saber. Traição, mentiras e hipocrisia, essa é a verdade. Já li bastante, mas ainda não li nada que fosse totalmente verdade. Com a exceção de livros médicos, e mesmo esses estão incompletos. Ah, você tem mais bebida? Agora estou ficando tagarela. Mas preciso. E você terá que aturar meus pensamentos, mas também preciso desabafar o que venho pensando há tantos anos.

Ela deu umas tragadas apressadas e fortes no cigarro.

Então. Escuta — uma vez eu me apaixonei por um homem. Estava com quinze anos na época, tinha acabado de concluir o ginásio. Ah, paixonite de menina! Mas pelo menos tinha completado dezessete antes que as coisas se tornassem sérias. Sim, porque, na pequena cidade de onde venho, ele era um

cidadão respeitável, e, apesar de tudo, ainda é. Por sinal, é vereador, um sujeito muito capaz, entende. Graças a ele, me formei com a nota máxima. Pois é, ele era meu professor, dava aula de física, matemática e inglês para minha turma. E, do jeito que ele era, eu tive que me dedicar muito àquelas matérias enquanto cursava o ginásio, embora ele nunca tenha me submetido a uma sabatina. Depois, quando a escola já havia terminado, comecei a suar nas mãos sempre que o encontrava. Sim, aconteciam muitas coisas assim, eu me exibia e falava alto e freneticamente com as amigas se ele passasse por perto. Paixonite de menina? Pode ser. Mas as meninas não se apaixonam tão inocentemente como se pensa. Os poetas escrevem muita coisa bonita sobre os sonhos de menina. Tudo bem — há *isso* também. Mas há pelo menos a mesma quantidade de coisas que não são bonitas. Menininhas bonitinhas pensam com volúpia em coisas obscenas. Quanto mais feias, melhor. Em geral, não é um objeto de carne e osso, não, o assunto é secreto demais para tanto. Nem mesmo nas fantasias querem cúmplices. Da minha parte, eu sonhava com um troll bem grande, feio, monstruoso, que me levaria para a caverna escura de sua montanha e faria coisas incríveis comigo. Ou sonhava com o diabo. Sobretudo quando ia à catequese e o pároco dizia que devíamos renunciar ao demônio, a todas as suas obras e tentações. Céus, como isso alimentava minha imaginação, aquela coisa de todas as suas obras e tentações. Tudo o que eu queria era conhecer aquele diabo fantástico. Mas respondi que sim, no dia da crisma, à pergunta sobre renunciar a ele. Assim como todo mundo. E todos mentiram.

É a primeira mentira oficial de que nos tornamos culpados. De acordo com os costumes antigos, não entramos nas hostes dos adultos sem antes mentir no altar. Essa é a iniciação. A sociedade exige essa mentira de nós ao tomarmos o vinho sacramental. É incrível, não? Não, agora estou falando besteira. Saúde, meu amigo!

Ela esvaziou sua taça. Eu girava a minha entre os dedos.

Ela já estava bastante embriagada, derramava cinzas no tampo da mesa ao bater o cigarro no cinzeiro. Cantarolava e ria. Mas de repente segurou o rosto com ambas as mãos e gemeu.

Ai, meu Deus, é uma desgraça. É tudo uma desgraça. De vez em quando há um vácuo na minha embriaguez, e aí a desgraça fica pior do que nunca. Dá vontade de chorar, mas quando choro é como o grito do surdo-mudo. Não, credo, acho que estou bêbada mesmo.

Ela ensaiou uma risada.

Isso aqui deve te deixar louco de tédio. Bem, confio que você esteja dizendo a verdade. — Então, o amor. Não deveria ter nome para isso, porque é — bem, não é algo nomeável. Um pouco daquele lodo que vive sua existência bacilar na imaginação de uma adolescente está incluído aí. Não, agora estou mentindo. É claro que tem razões mais profundas, aquela coisa do lodo. Deixo essa questão para os psicanalistas. Mas aí aparece um homem, um homem de carne e osso, e ele esteve presente o tempo todo. Naquela fase, algumas têm isso com os galãs do cinema e outras com os astros do esporte, mas nós que no fundo somos fiéis, continuamos a nos basear na paixonite infantil. Adulando-a, talvez, cultivando-a, sugestionando-a, e tudo aquilo que se diz para justificar os fatos. Não me importo. Em todo caso, o resultado é o mesmo, e as pessoas ligaram esse conceito intangível à palavra “amor”. Tem algo a ver com alegria, não, não consigo explicá-lo. Mas tem algo a ver com se sentir absurdamente feliz e radiante por dentro com determinada pessoa.

Ela falava com mais confiança agora, absorta em suas próprias reflexões e menos preocupada com a maneira como aquilo me afetava. Os olhos tinham um brilho distante, e as bochechas estavam coradas.

Por quê? Bem, quero dizer, por que justamente essa pessoa? Algumas pessoas são capazes de dizer por que amam esse ou aquele, mas aí tem algo de errado. Nesses casos trata-se de admiração ou simpatia ou algo que te impressiona. Amor é algo muito único. Também não é erotismo, então, você está olhando para mim? Bem, bem, bem, que seja erotismo, mas aí o erotismo não é aquilo que todos pensamos que é. Nesse caso o erotismo é algo bem incorpóreo. — Outros homens me fizeram aproveitar mais a parte erótica do que ele. Mas ninguém além dele me fez florescer por dentro, fez minha alma florescer. E por quê?

Ele não é mais bonito que qualquer outro, pelo contrário. Não é grande e não é mais inteligente que qualquer outro professor. Não é mais inteligente que qualquer outro vereador. Credo!

Grande, não. Ele não era grande, não estou me referindo só a seu tamanho físico. Ele era — aliás, ainda é — tão limitado, tão — ah, blá-blá-blá, não importa. Ele era como a maioria dos cidadãos conceituados. Ah, Deus, não, não sei. Às vezes acho que de certa forma se mostrou maior, bem, vou te dizer — ele era maravilhoso. E ele é mais inteligente que a maioria, sim, é incrivelmente inteligente. Eu que sou burra demais para julgá-lo com discernimento. Lembre-se disso quando eu falar mal dele, é só porque às vezes estou um pouco ressentida, um pouco zangada com ele.

Porque às vezes é assim que me sinto, sim. Umas semanas atrás, eu estava prestes a matá-lo. Tinha uma vontade furiosíssima de matá-lo. Ele estava deitado ao meu lado, sabe, com a cabeça um pouco para trás e a boca aberta, ele roncava. Mas o pescoço estava tensionado, vi a artéria pulsando. E pensei que bastaria um simples canivetezinho naquela artéria, e ele não acordaria mais.

Olha, estou falando a verdade. Eu o mataria, sou capaz de fazer esse tipo de coisa. Foram os óculos que o salvaram. Foi na hora que eu ia pegar o canivete no bolso do seu colete. Os óculos também estavam no bolso do colete, e sem querer cheguei a segurá-los por um instante, olhar para eles por um instante —

não, não, não, isso não tem nada a ver com o caso, vou voltar a isso depois. Daqui a muito, muito tempo.

Parece que estou falando um monte de besteiras, mas você tem que me dar um desconto. Não sei contar de outro jeito, e você não pode olhar para o relógio. Não posso permitir que o que estou contando entedie alguém, porque aí tudo desmorona para mim. Agora estou bêbada, sabe, mas preciso estar bêbada para falar a verdade, estou tão acostumada a mentir. Aliás, vamos fazer um brinde. Ai, você tem que ficar de olho em mim, para eu não beber além da conta. Estou com medo. Meu Deus, às vezes tenho tanto medo. Ora, isso passa, mas esta noite preciso falar. Onde eu estava mesmo? Bem, parece que preciso começar de novo, não, você não pode esperar coerência, o fio da meada se perdeu faz tempo. Me diga, você já ouviu falar de mulher que *corre atrás* de homem casado? Pois sempre é a mulher que paga o preço quando um homem casado trai a esposa. A mulher com quem ele a trai. — Sim, ela com certeza o merece. — — — Será que merece? Retomo isso depois. Há algo errado aí, percebe? Há algo totalmente errado. A sacrossantidade do matrimônio!

Ela deu umas tragadas raivosas. —

Aliás, eu mesma já fui casada. UUUUH!

Tive um sobressalto. Ela se inclinou para trás, dando risada.

Agora eu te peguei. Então, tem essa história da sacrossantidade do sagrado matrimônio. É o seguinte: corri atrás de um homem casado. Ele se casou quando eu tinha dezoito anos, eu mesma teria me casado com ele, eu pariria seus filhos. Eu tinha dezessete anos quando ele me possuiu pela primeira vez. Àquela altura ele já estava noivo, mas eu não sabia. Agora, há uma coisa que preciso te contar primeiro, e tem a ver com nossa cidade. Existem leis que se aplicam no mundo inteiro, mas uma cidade como a nossa tem as próprias leis. É uma espécie de mutação das outras leis, uma caricatura das outras leis. A hipocrisia geral que se tolera no resto do mundo é a religião da nossa cidade. Um professor costuma ser respeitável em todos os lugares, mas na nossa cidade ele tem alguns graus a mais de respeitabilidade.

Digamos que ele fez uma visita ao Vilarejo da Mina, que fica a alguns quilômetros da cidade, onde encontrou uma jovem que vive ali e já foi sua aluna. Ela é filha de um mineiro qualquer de lá, mas foi bem no ginásio e acabou se formando com a nota máxima. Será que ele não deveria ter o direito de se interessar por uma boa aluna a ponto de lhe perguntar se teria vontade de continuar os estudos, se teria vontade de fazer faculdade? Afinal, ele está acompanhado de outro professor, não há nada de errado no fato de ele conversar com a garota, que o observa de sua janela e inventa uma desculpa para sair.

Pois eu era uma garota assim. Até levei uma revista comigo, uma publicação inglesa na qual havia um verso que eu queria traduzir para ganhar algumas coroas. E eu estava ofegante de tão nervosa, pois se ele pensasse bem, acharia muito estranho eu passear com uma revista inglesa. E então lhe mostrei a revista com o verso, e nos sentamos todos os três numa pedra ao sol. Na beira da estrada cresciam pequenas belas-margaridas, as quais eu arrancava e despedaçava. E eu falava sem parar sobre aquele verso, perguntando sobre coisas que já sabia, para ele ficar sentado por mais alguns minutos, para ficarmos sentados ali o maior tempo possível. Ele pegou seus óculos e estudou o verso, dando uma olhada em outras coisas na revista, e eu achava outras coisas na revista, e lhe pedia que lesse, para ele ficar bem pertinho de mim o pouco que fosse.

Mas depois não quiseram mais ficar ali sentados, iam voltar para a cidade, e se despediram de mim. E agora vou te contar algo curioso: um pouco mais tarde ele veio subindo outra vez, com uma expressão de desespero, estava procurando seus óculos, tinha certeza de que os havia deixado na pedra. Sorte dele — não acha? — que eu cheguei naquele exato momento, eu tinha dado uma voltinha no bosque para colher anêmonas silvestres e voltei à pedra e à beira da estrada justo quando ele estava prestes a ir embora de novo, pois os óculos não estavam lá. Não estavam, não, porque eu os encontrei e guardei, pronto!

Ele me agradeceu e disse que tinha sido muito gentil da minha parte — você precisava vê-lo sorrir ao sol. Ele era jovem na época, e estava com calor por causa do sol e da caminhada, e andava sem chapéu, embora fosse domingo. E acho que não tinha noção de *quão* gentil eu havia sido, porque, verdade seja dita, eu havia guardado os óculos antes mesmo que ele partisse com o outro professor. Sim, ele foi tão imprudente que largou seus óculos na pedra, e eu pus a revista em cima, ficando ali com o coração a palpitar descontrolado, sem ouvir nada do que os dois diziam, porque a única coisa que escutava era meu coração dizendo, não pegue os óculos, não pegue os óculos, não pegue os óculos — e ele foi embora sem os óculos. Ai, meu Deus, aqueles óculos!

Não, não estou chorando, não, foi só um pouco de fumaça nos olhos — bem, saúde! Isso aqui deve ser chatérrimo para você escutar. Não tem mais aquavita? Mas agora aceito vinho tinto. Vou beber tudo o que tiver, e quando não sobrar mais nada, vou ficar chata e aí pode me mandar embora. É entediante ouvir falar de óculos? Bem, preciso incluir essas coisas.

Pois esses óculos me deram tanta felicidade em três quartos de hora quanto outras pessoas experimentam no decorrer de uma semana. Mais ou menos. Eu me escondi um pouco no bosque e pus os óculos, vendo como todas as coisas ficavam tontas e incertas e completamente sem sentido quando eu olhava para elas através dos óculos. E aí eu os tirava, piscando para recuperar minha visão normal, depois eu os aflagava, alisando-os com o mesmo cuidado que teria ao acariciar um filhote de passarinho, o que me fez sentir algo parecido com o que sentiria ao segurar um filhote de passarinho. E eu os beijei, beijei as lentes, as hastes e as plaquetas nasais. E me deitei no musgo, fechando os olhos e juntando as mãos sobre o peito com um par de anêmonas brancas, e fiz de conta que estava morta e levava seus óculos comigo para o túmulo — não, agora estou falando muita besteira. Pois não lembro nada do que eu estava fazendo de conta ou pensando, só me lembro de estar deitada assim, com os óculos dele, e de me sentir feliz por usá-los. Está rindo de quê?

Pelo amor de Deus, você não pode rir disso se te parecer um pouco bobo.

Para mim, é sério. E eu os escondi sobre meu peito, sobre a pele nua. — Não, isso aqui você não entende. Mas eu também ia para a cidade naquele dia, com as anêmonas silvestres para minha amiga. Bem naquela hora, quando ele estava descendo. Entende? E eu conhecia um atalho bonito pelo bosque.

Be-em, bem, bem, bem, não quero falar sobre isso. Não posso recontá-lo sem que se estrague para mim. Porque não é assim ou assado, bom ou ruim, ou algo com algum nome. Uma felicidade imensa na alma e uma decepção incompreensível — não. Que bobagens estou falando? Pelo jeito, estou bêbada. Me dê mais uma taça de vinho tinto. Não, não estou chorando, imagine, seria uma maluquice. Isso aconteceu há mais de vinte anos, não é engraçado?

Vamos brindar — um brinde à juventude e a tudo aquilo com que os seres humanos sonham.

Mas você deveria ter visto o sorriso dele ao recuperar os óculos, eu queria que você tivesse visto aquele sorriso. Porque ele é feio, sabe, não, feio, não, de maneira nenhuma, mas tem um rosto um pouco desalinhado. Muitas vezes me diverti penteando suas sobrancelhas com meu pente de bolso, penteando-as para cima, fazendo-o parecer um diabo, e penteando-as para baixo sobre os olhos, de forma que ele parecesse um medonho troll da floresta. E seu nariz é completamente impossível, para lá de absurdamente impossível. Mas seu sorriso, ninguém tem igual. Consegue entender? Quando uma pessoa sorri de um jeito que faz o mundo inteiro resplandecer e você ficar cheia de soalheiros vibrantes por dentro?

Ela se calou. Sua boca fechou-se, escondendo um pequeno sorriso, e seus olhos embaçados e sonhadores contemplavam algo dentro dela mesma. O rádio do andar de cima já emudecera, passos ecoavam pelo chão. A chuva murmurejava mansamente na calha lá fora, e um carro solitário passava chiando pelo asfalto molhado.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, calados e imóveis, mas acho que eu estava prestes a adormecer, de olhos bem abertos. Em meu cérebro, dançavam sombras irregulares de soalheiros num bosque recente de bétulas e um tapete perfumado de anêmonas silvestres, entrelaçados com a imagem de uma jovem deitada de costas, com flores brancas nas mãos unidas em prece. E de óculos. Senti a fragrância de anêmonas silvestres e de chão de floresta.

No mesmo instante, a voz dela soou novamente. Aquela voz feminina, calorosa e madura, que me puxava por inteiro para dentro de uma existência longe da familiaridade da sala —

Uma cidadezinha assim, sabe. Como ela molda seu povo, como dita seu caráter, como aterroriza cada indivíduo. — Afinal, você poderia supor que um ser humano é um ser humano e que será o mesmo onde quer que vá parar, certo? Você já sabe que dizem que o caráter é o destino. Mas poderia acrescentar: o ambiente é o caráter. Só que o ambiente de uma cidade maior é tão variado que há espaço para as pessoas serem diferentes umas das outras, enquanto uma cidadezinha assim — ah.

As pessoas de lá são uma espécie de sopa de aveia, sim, isso mesmo, são uma sopa de aveia bem específica. E todos são obrigados a ser iguais e a ser mais um floco na sopa de aveia, e aí de quem é diferente de um floco de aveia. Está rindo, né? Mas é assim mesmo. Meu grande erro, veja bem — meu erro desde o início é que não sou nenhum floco de aveia. Se eu fosse uma ameixa seca ou uma uva-passa, na melhor das hipóteses poderia ser tolerada na sopa de aveia. Mas sou um grão de pimenta, sabe. Não importaria o quanto eu tentasse parecer um floco de aveia, pois se reconhece de imediato o sabor de um grão de pimenta, e aí todos os flocos de aveia torcem o nariz e não querem saber de tempero algum na sopa.

Ela riu, ela realmente se deliciava com a comparação, e vi quão linda ela poderia ser quando estivesse feliz. Acendeu um cigarro com prazer, assoprando o fósforo lentamente, era como se estivesse beijando a chama bem devagar até que se apagasse. Disse:

Imagine uma cerca viva. Uma extensa fileira de árvores plantadas lado a lado, de todas as espécies conhecidas por aqui, abetos e pinheiros e amieiros e bétulas e todas as outras. Misturadas. Mas todas, absolutamente todas, podadas e aparadas de modo idêntico, para formarem uma superfície contínua ao longo do caminho. Então, do nada, se planta uma árvore que ninguém conhece, uma variedade que não costuma crescer naquelas bandas. E a tesoura de jardinagem de repente não corta, aquela árvore não é para cortar do mesmo jeito que as outras da cerca viva. Aí eles se põem a lixar e picar para tornar a árvore idêntica às outras. Estragam a casca e estragam a medula, mas igual às outras ela não fica. Imagine só! — Não, isso foi uma bobagem. E agora me desviei do que estava pensando.

Mas *ele* pelo menos era uma bela árvore, um álamo. Sim, era isso que ele era, um álamo com tronco forte e aquelas folhas que tremem quando você assopra. No entanto, ele se deixou podar e acabou ficando parecido com as outras árvores da cerca viva. Mas no fundo ele era um álamo — —

E quando voltamos à estrada, ele me disse que era para eu aguardar um pouco e continuar sozinha, deveríamos caminhar separadamente. Não sei se você vai entender alguma coisa disso. Primeiro *aquilo*, no bosque. Meu cabelo cheirava a chão de floresta, assim como meu vestido. E eu ainda tremia por causa do que acontecera, e estava tomada de confusão — felicidade e angústia e ternura e vergonha, e, depois, a dor, a decepção — não, não sei. Não é fácil dizer o que acontece com uma moça a primeira vez. Mas se ele tivesse me dado um tapa no meio da cara — não. Não consigo te contar. Aquela coisa na

estrada. Quando ele de repente voltou a ser o professor ginásial da cidade, quando ele quis descer sozinho e que nós andássemos separadamente. É que eu o estou perdendo há vinte anos. Mas não é? Ele dava aulas numa cidade pequena, estava numa posição delicada. Além do mais, ele estava noivo, mas eu não sabia disso àquela altura. E eu estava com o vestido amassado, sim, para ser sincera, o vestido estava bem amassado. É óbvio que ele tinha razão, numa situação assim era certo andar separadamente. Mas — puxa. Isso aqui é difícil. Por favor, tenha paciência comigo.

Ela fumou avidamente por algum tempo, os olhos procurando impassíveis por palavras em seu íntimo. Eu sentia meu coração impulsionar cada batida contra as costelas.

A dor, sabe? Foi tão inesperado, o fato de que doeria. Eu não sabia, não sabia que ia doer tanto. Mas há felicidade também nisso. Uma sensação terna e devota de felicidade, mas de resto tudo estava um caos dentro de mim, o pudor, a vergonha — ah, mas faz tanto tempo. Enfim, eu precisava ser poupada de andar sozinha naquele momento. Ou talvez tivesse sido melhor se ele tivesse dito algo como, afinal, você perdeu as flores de sua amiga, é melhor que ache outras, mas infelizmente preciso descer logo — — — veja bem, ele poderia ter dito isso, por exemplo, aí teria sido melhor para mim. Você está entendendo? Obrigada, ah, meu Deus, você entende mesmo, você é gentil.

Deus do céu, como as moças são tolas, sim, como as mulheres são tolas, quase por toda a vida. Ele disse, eu te amo. Ele disse, somos só nós dois, só eu e você. E ele sussurrou meu nome, e eu nunca soube que meu nome era tão lindo — sim, você conhece tudo isso. Você sabe muito bem que vocês sempre falam essas coisas, exatamente *naquele* momento, e logo depois. Mas ele o

dissera para *mim*, que nunca o tinha ouvido antes, que talvez tivesse sonhado em escutá-lo, sim, da boca dele. E ele o dissera no bosque de bétulas, pouco tempo antes, e eu ainda sentia o sopro de suas palavras ardentes em meu ouvido — e aí. E aí isso. Na estrada. Será que você entende isso, aí, mas será que você entende?

Fui colher anêmonas silvestres sozinha, chorando em meio às flores brancas. Não, puxa vida, agora acho que estou mentindo, porque também não lembro se estava chorando, mas posso imaginar que sim. Ainda sinto como meu rosto ardia, mas não é certo que tenha chorado.

Durante aquela primavera inteira fiquei esperando que ele me ligasse. Eu tinha um emprego modesto no escritório da Mina, ele poderia ter telefonado.

Você já vivenciou a primavera — do lado avesso?, perguntou ela lentamente. Quero dizer — você alguma vez sentiu como a primavera pode ser *má* para quem está sofrendo? De manhãzinha, bem, bem cedo de manhã, os pássaros começam a cantar. Primeiro, apenas um, enquanto ainda é noite. Você o escuta se deleitando lá fora, e a noite é de madrepérola e sangue. E o silêncio sussurra, sussurra e cochicha sobre amor e alegria — só não para você. A voz de um pássaro se perla e silva, mas também há choro naquela voz, é tão lindo, e parece um insulto lancinante à sua solidão. Tudo o que é belo às vezes é cruel. — Quase sempre, a primavera tem sido cruel para mim. Só quando está chovendo posso suportá-la, em geral. Gosto mais do outono. Tem algo de suave e ameno. O outono é a melhor época para os solitários.

Ela ficou em silêncio. E eu fiquei em silêncio. A chuva estalava levemente na vidraça. Uma porta se abriu e fechou no andar de cima.

Antes de acontecer aquilo, sim, antes daquele domingo no bosque, eu era pura alegria por dentro quando era primavera, quando a primavera era assim, sabe. Com ecos de gorjeios dourados entre as colinas de manhã, o alvoroço

matinal de todos os tipos de pássaro, e depois o silêncio maravilhoso e esperançoso antes de tudo despertar. É como se os pássaros prendessem a respiração por um momento, esperando o som do dia, e aí um galo cantasse no galinheiro — ah, aquela época! Quando tudo era apenas sonho e expectativa — — ah. Não, não dá para entender. Que as mesmas coisas que às vezes vibram de felicidade dentro de nós quase podem nos matar outras vezes — — você está achando que isso aqui é conversa de bêbado? Pois não é. Ainda que eu não pudesse ter falado assim se não tivesse bebido nada.

Quer fazer um brinde comigo? Encha sua taça também. Às vezes sinto que nos conhecemos desde sempre. É claro que é só uma sensação. Mas também pode ser porque você é um pouco de mim e eu sou um pouco de você. Não, isso foi uma coisa estúpida de dizer. Saúde, hein? Você pode gostar de mim e ser meu amigo, só por essa noite, isso eu queria muito, e nada — nada mais.

Sua taça estava vazia. Ela alisava a haste de um jeito lento e pensativo. Havia uma ternura tão expressiva em seus dedos que me dava arrepios nos pulsos.

Mas não é mesmo?, disse ela — ele poderia ter ligado. Ou ele poderia ter me escrito, uma cartinha que fosse, e dito uma coisa ou outra. Que não era para eu pensar nisso, ou coisas do gênero. Ele poderia ter me perguntado como eu estava, só por educação. As telefonistas não precisariam entender nada. Pois há a questão da nossa central telefônica — sim, você entende. Um lugar pequeno. Nem mesmo uma cidadezinha. Porque então eu poderia ter pensado que ele ao menos estava pensando em mim, ele queria saber como estava a minha situação agora, mas ele só tinha medo de que alguém percebesse alguma coisa.

Bem, também passa, afinal, uma primavera assim. E, de vez em quando, ela contém bons momentos, momentos que não doem. Noites cinzentas e carregadas de chuva. Caminhos lamacentos e chão de floresta encharcado, e os pássaros param de cantar. Apenas um ou outro pio solitário lá na encosta ao

anoitecer. Isso traz consolo. O passarinho que pia sozinho na chuva é um passarinho desconsolado sem par. Está se lamentando. Então penso, há outros além de você que estão sozinhos. Mas olha, o que eu queria dizer mesmo? — ah, sim.

Lá no Vilarejo da Mina temos um cinema. Aos sábados e domingos, passa um filme lá, e muitas vezes o pessoal da cidade vem. E um dia ele veio. Sim. Sim — bem. Isso não é nada. Mas tenho que ver se consigo contar mesmo assim. Só que preciso de mais uma dose.

Você vai me achar muito estúpida. Às vezes fazemos coisas estúpidas. De vez em quando fazemos justamente o que não devemos fazer, certa vez eu estava em frente à janela dele, do lado de fora, embora não quisesse saber o que fiquei sabendo na ocasião. Aquilo quase me matou. Aquela vez fiz precisamente o que no fundo sabia que não deveria fazer, o que não deveria fazer em hipótese alguma. E aí o fiz mesmo assim, mesmo sabendo que me mataria com aquilo — pois é, somos mortos algumas vezes na vida, não é? Mas, puxa, não era isso que eu queria contar. Isso aconteceu muito mais tarde.

Enfim, era aquela noite no cinema. Não estava chovendo então, só estava cinza. O céu era feito de metal fundido, e as colinas e os caminhos e os rochedos tinham mil tons deliciosos de cinza, às vezes é assim lá na nossa terrinha. Nessas noites, o crepúsculo brilha como prata fosca, e nada mais aconteceu além de ele chegar para ir ao cinema e aquele crepúsculo pacato de tons quentes de cinza e a luz prateada na lama da estrada imediatamente se tornarem mais lindos e mais belos do que todo o sol e todas as cores do mundo.

Acontece do lado de *fora* do cinema, na verdade, lá em cima. Trata-se de ver quem está lá e ficar conversando. Muitos vão ao cinema basicamente para poder se arrumar um pouco e encontrar gente. Ficamos sentados nos rochedos ou encostados às paredes da Casa da Juventude, e é quase uma pena quando a sessão se inicia.

Naquela noite, eu desfilava um conjunto novo — bem, novo não, é óbvio que eu o havia adaptado, mas parecia novo, era bonito. E ele, no seu terno azul,

estava bonito e bem-apresentado, e eu sabia que era por mim que ele procurava.

Uma alegria pode se acender com muita calma, pode te envolver tão suavemente, e então tudo fica bem. Tem ideia do que isso significa? Você está ali e pouco a pouco fica sabendo que agora tudo está bem. Lá estava eu e vi que ele afastou os olhos da pessoa com quem falava, e aí seus olhos pousaram em mim e se iluminaram, tendo encontrado seu destino. Naquele momento senti que tudo estava bem.

Aqui preciso descansar um pouco. Preciso pensar um pouco nisso. Foi um bom momento. Eu estava sentada logo atrás dele no cinema e me sentia bem. É muito raro se sentir tão bem assim. Feliz — feliz? — Ah. A felicidade, muitas vezes ela nos desgasta, ficamos tão felizes que acabamos doentes e desanimados. Já cheguei a ficar absolutamente péssima de felicidade. Mas ali no cinema. Inclinei-me um pouquinho para a frente para ficar perto dele, achando que poderia sentir seu pescoço e seu cabelo exalarem. Ele vibrava em minha pele.

Não há mais. Não foi mais que isso. Afinal, não é nada, né? Mas já te disse que não era nada. Uma história de amor ordinária.

Subitamente, ela afastou a taça de si e se levantou, sua voz soando alta e estouvada.

Não. Agora não quero mais. Então, há mais, mas não quero me estender.

Ela deu alguns passos, entrelaçando os dedos agitadamente.

Por que estou te contando tudo isso? Você não me conhece, você está entediado. Ah, meu Deus, como posso contar isso aqui se entedio alguém?

Porque não pode ser assim, você não entende que isso aqui não pode cair no chão, é algo que seguro e no qual estou soprando, pois gostaria de beijá-lo, mas isso não suporta ser beijado. E de forma alguma suporta cair no chão.

Eu disse, pelo amor de Deus. Pelo amor de Deus, querida. Ela olhou para mim, por um momento, tudo ficou muito quieto.

Enfim, não sei, disse ela em voz baixa. Afinal, não te conheço. Mas parece ser — mais fácil. Entregar a um desconhecido — entregar o que é difícil. A alguém que seja totalmente desconhecido.

Ela se aproximou de mim e tirou minha mão dos olhos, eu me endireitei. Permaneceu a uma distância apreensiva e pegou minha mão de leve, tendo que esticar o braço, e logo tornou a soltá-la.

Você não pode ficar sentado assim, porque aí penso que está dormindo. Não, não penso isso, claro que não, mas nunca se sabe. Você não pode estar com sono, e não pode ficar entediado. Me dê um cigarro. Muito obrigada. Você precisa me dar um tempinho. Depois lhe contarei, mas sairá do jeito que for, sem coerência.

Ela andava de um lado para outro fumando, com uma das mãos no bolso do mantô. Falava ora para a estante de livros ora para si mesma, contava coisas para os quadros da parede e os móveis da sala, e por vezes pegava um vaso ou uma pequena estatueta, segurando a peça e olhando para ela, sem ver.

Há tantas coisas que são interessantes, vivemos coisas que são dramáticas e decisivas e transformadoras e tudo o mais. Mas o que melhor lembramos é o

que acontece por dentro. Um breve momento bom, calmo e carregado de felicidade, ou algo ruim que acontece dentro de você. E aquela noite no cinema — ah, blá-blá-blá. Não quero divagar tanto sobre isso. Não.

Mas depois foi só ansiedade. Ah, um momento assim te faz morrer de medo aos poucos, porque logo acaba. Muitas pessoas do lado de fora, e ele tem as suas e eu tenho as minhas. Amigas e besteirinhas, elas brincam e falam sobre o filme, enquanto ficam de olho nos meninos. E toda vez que eu olhava para o lado dele, ele estava olhando para mim. Um sorrisinho rápido e caloroso nos olhos, sabe. Mas ele estava conversando com alguém, minhas amigas começaram a ir em direção à rua, e ele estava ali. Afinal, eu tinha que ir com as outras. Mas eu estava apreensiva, e isso era absolutamente horrível, e aí fugi. Sumi discretamente e tomei um atalho para pegá-lo de surpresa. E isso — enfim, isso é o tipo de coisa que não se faz, não se deve fazer isso.

Fiquei sentada à beira da estrada, olhando para todos que dobravam a curva descendo para a cidade. Eu estava febril. Pensava, da próxima vez será ele, não, da próxima vez então, mas não. Mas depois de três pessoas passarem, seria ele. E aí era ele.

Ela se deteve e deu algumas tragadas ardentes no cigarro.

Foi ele quem chegou de repente. E eu me levantei, não, não lembro direito, mas, sim, devo ter me levantado, pois lembro que tive dificuldades com minhas mãos, não sabia onde deixá-las. Acho que mexiam com os botões da minha jaqueta, estavam na lapela, eu corava diante dele, estava febril. E os olhos dele estavam do jeito que deveriam estar assim que ele me viu.

Já tinha escurecido, mas a escuridão era como prata, e não havia estrelas. Mas eu era uma estrela. Então, não ria agora. Porque senti que eu era uma estrela

que se aproximava dele na estrada. Não ria disso, porque não consigo dizê-lo de outra forma.

Pois você já viu como uma estrela pode tremer antes de morrer atrás de uma nuvem? — Eu estava bem insensível depois, o caminho todo. Depois de sua saudação fria, quando ele passou por mim. Ele passou por mim direto! Estava com pressa, de repente com desgosto nos olhos, limitando-se a me olhar de relance e apertando o passo. E depois não senti mais nada, meu corpo estava completamente insensível. Negro, negro — um nada tão negro como quando uma estrela morre atrás de uma nuvem.

Avidamente, ela deu a última tragada no cigarro. A voz soava rouca e baixa.

Havia outras pessoas na estrada, sabe.

Ela apagou a bituca com meticulosidade, usando-a para mexer um pouco as cinzas.

No dia seguinte, ele ligou. Foi o professor ginásial que ligou. Mas perdi a voz de felicidade e mal pude responder. Tinha algo a ver com uma tradução ou talvez fosse algo bem diferente, porque eu estava tão atordoada que não lembro. A casa dele — eu ia à casa dele! Ele disse às seis horas, ou será que era às sete? De qualquer forma, eu estava na cidade antes das cinco, perambulando, ora no cais, ora lá em cima na rua. Porque o relógio parecia nunca dar seis horas, ou sete, ou o que quer que fosse. Fui à cafeteria e pedi um refrigerante, mas aí entrei em pânico e larguei o refrigerante inteiro, pois imagine se eu chegasse

atrasada. E depois fiquei perambulando, totalmente aflita de tanto me entusiasmar, e bati à porta dele quinze minutos antes da hora.

Ele estava em mangas de camisa e tinha acabado de fazer a barba, estava um pouco tímido e vestiu o paletó, era de chorar. Ele se desculpou, imagine só, ele se desculpou para mim! Por estar em mangas de camisa!

E ele havia posto a mesa para um café. Distraidamente, ele foi buscar o bule e descobriu que se esquecera de colocar o café.

Ela riu nervosamente, apoiando a ponta dos dedos no queixo.

Mas no final teve café. Só que não o bebemos. Ficou na mesa esfriando. Bem, altas horas tomamos café, sim, tomamos café frio, e ele fumou. Eu o vi fumar, e de vez em quando ele me dava uma tragada, mas foi quase ruim, me fez espirrar. E então demos risada disso, e aí nos beijamos até ficarmos tontos de loucura outra vez — —

Ela se interrompeu, ficou parada com ambas as mãos nos bolsos do mantô, olhando para baixo.

Quando voltei para casa, o dia já havia clareado. Ele não me acompanhou. Estava tão vazio em torno de minha pele que senti cada corrente de ar por menor que fosse, e eu estava indefesa, o que me fez passar frio. Mas enfim.

Ela começou a andar pela sala de novo, os olhos ainda no tapete e as mãos nos bolsos.

Lembro-me de uma vez — foi quando minha irmã ia ter um filho. Foi um escândalo sem fim em casa, com brigas e gritaria. Bem — ela acabou se

casando e deu tudo certo, mas só depois. Então, certa noite ela estava chorando na cama, e aí fui me deitar ao seu lado. Primeiro, ela não queria, estava com raiva porque estava aflita, mas antes de tudo era timidez, acho eu. A barriga gorda, sabe. No entanto, eu a abracei, eu também estava um pouco acanhada, acho. Mas eu não tinha como evitar a barrigona, ela já era meio grande de antemão, minha irmã. Minha camisola era bem fininha, e foi um pouco estranho, como você pode imaginar. Porque havia algo vivo dentro dela, e eu o senti até nas costas. E embora eu estivesse bastante envergonhada e tímida, me aconcheguei a ela, prendendo o ar e muito atenta ao que estava acontecendo. Pois naquele momento foi comigo que algo aconteceu. O que foi, não tenho como te dizer. Mas depois, quando eu estava de volta na minha cama, aquela sensação de vazio também estava lá, em torno do meu corpo. Ora, sobre o que estou divagando agora? Essa foi uma história totalmente diferente, no fundo não tem nada a ver com nada. Era só que meu corpo parecia tão sem sentido. Não havia nada vivo dentro dele.

Ela pegou outro cigarro e se deixou cair no braço de sua poltrona. Fumou quase metade do cigarro em tragadas ruidosas antes de continuar. O vinco na testa estava nítido e bem definido.

Foi aquela manhã em que eu estava voltando para casa. Pois é. Isso não era nada, mas ainda assim era muito mais do que aquilo que acontecera antes. Afinal, ele não podia me acompanhar, sabe, um lugar pequeno e transparente e isso e aquilo. E na minha pele tudo estava vazio e sem sentido, mas era uma delícia mesmo assim. Porque eu o tinha dentro de mim ainda. Doía um pouco, uma dor deixada por ele. Então, você entende? Era a época do ano em que os pássaros já não cantam, apenas arrulham e chilreiam. Vivem ocupadíssimos em meio à folhagem. E no caminho entoei um canto, cantarolei um pouco para mim mesma e estava feliz. Porque tudo era tão lindo. Para aparecer, o sol teve

que atravessar uma parede violeta de neblina matinal, e aquela parede ganhou uma luminosa aba dourada primeiro, e as pequenas nuvens se tornaram ouro por um tempo. E tudo o que era verde acordou e ficou ainda mais verde, e a lagoa azul situada abaixo do Vilarejo da Mina se transformou numa explosão de azul, antes de o sol mergulhar nela transformando-a em ouro líquido. O sopro de uma leve brisa na superfície fez a lagoa ferver de ouro.

Ela se levantou mais uma vez e ficou andando de um lado para outro. Eu também me levantei, e ela parou, olhando desconfiada para mim. Eu disse que queria ferver um pouco de água para fazer café, e então ela apenas fez que sim com a cabeça e reiniciou sua andança. Enchi o bule de água e acendi o fogão, e antes de voltar à sala, ouvi algumas notas fracas, uma melodia quebradiça vinda de uma caixinha de música. Tive que parar um pouco para me recompor, respirava com dificuldade. Depois entrei.

Ela estava com a cabeça um pouco inclinada, de modo que o cabelo lhe caía sobre a face, e eu não via nada do seu rosto. Ela a encontrara — bem, não estava tão bem escondida assim, ao menos não tanto que eu não pudesse pegá-la de vez em quando, girá-la entre as mãos e colocá-la de volta no seu lugar com cuidado. Mas eu nunca a deixava tocar, nunca.

Ela, porém, a deixou tocar. Girava a manivela lentamente, fazendo as tênues harmonias de polca saltarem como gotas brilhantes. Era uma polcazinha conhecida e simples, uma canção infantil alegre, feita dentro daquela caixinha de música com muitos tremolos. Caíam feito lágrimas brilhantes conforme ela a girava. Ela ficou ali, girando a manivela e escutando. Então olhou para mim, de soslaio e quase sem virar a cabeça. Algumas notas ainda pingavam, espaçadas. Ela me observava o tempo todo, eu podia sentir. E aí ela parou. Tlim. Ela segurava a caixinha de música

pertinho do corpo, os dedos a acariciavam delicadamente. Ela a pousou com cuidado, como se tivesse medo de fazer barulho, e olhou para mim, mas desviou o olhar no mesmo instante. Ela não perguntou, não, graças a Deus, não perguntou nada. Fez-se um grande silêncio. Aquela musiquinha boba tilintava dentro da minha cabeça, dentro do meu coração.

Ela sussurrou — você não vai ver se a água está fervendo? Assim consegui sair da sala outra vez, o que foi bom, foi refrescante. Preparei o café, me ocupando bastante com a tarefa. Ela não me ofereceu ajuda na hora em que entrei com o bule, eu tinha duas xícaras penduradas nos dedos e a cremeira debaixo do braço. Ela folheava alguns livretos e não olhou para mim. Disse ela, é mais fácil se você puser tudo numa bandeja ou algo parecido. Eu lhe era grato por não se preocupar com coisas de casa e querer ajudar, não era intrometida como tanta gente é. Ela apenas afastou um cinzeiro quando eu estava prestes a pôr a cremeira em cima dele. Demorou muito para ela dizer alguma coisa. Só ficou sentada, soprando distraidamente para dentro da xícara de café.

Já te contei sobre a primeira vez que fui para a casa dele, não é? Bem. No final do verão, ele fez uma viagem de férias. Caramba, agora estou pulando uma parte, preciso incluir isso. Ai, não sei por onde começar, pois aconteceu tanta coisa naquele verão.

Primeiro, foi minha irmã, tinha um namorado e passava metade da noite fora. Eu, no entanto, não tinha namorado nenhum. Sim, agora você *percebe*? — Eu passava os dias no escritório do gerente de materiais lá no Vilarejo da Mina fazendo mal meu trabalho, porque só ficava atenta ao telefone. Cada vez que o telefone tocava lá dentro do escritório do chefe, eu parava de respirar, e o coração parava, e todas as células do meu sangue paravam, e tudo o que vivia

em mim parava para escutar. E aí, quando era qualquer outra coisa, e o chefe falava no telefone sobre óleo e pregos e chaves de fenda, meu coração começava a bater outra vez, e todo o resto, mas só para doer. O sol batia na janela, e o escritório parecia um forno, mas meu cérebro era um pedaço de gelo, e meus dedos estavam congelados, de modo que eu mal podia escrever. Bem — isso aqui não é nenhuma história, nenhum acontecimento. Mas quando se repete várias vezes por dia, todo dia, durante semanas, algo acontece mesmo assim.

E em casa havia minha irmã, sabe. Naquela época, eu a odiava porque ela chegava em casa quentinha e feliz, e porque cantava enquanto trabalhava. À noite, quando aquele rapaz dela assobiava para chamá-la, eu a odiava. Em casa, eles não gostavam daquele rapaz, e aí aconteciam uns bate-bocas, às vezes ela chorava no quarto, e ela esperava que eu a abraçasse e consolasse, mas eu não dizia nada. Eu era fria como gelo, incapaz de lhe dizer qualquer coisa, eu virava as costas para ela e olhava pela janela e ficava ali sentindo ódio dela, pois preferiria chorar suas lágrimas a sentir o frio de minha própria frieza.

Em casa era impossível, porque eu estava muito sozinha e não aguentava nem trabalhar nem ler, e aí eu ia descendo pela estrada, na esperança de que alguém da cidade estivesse passeando. Mas ali andavam jovens, moças e rapazes, e aqueles que não tinham par estavam cheios de alegre expectativa, sendo brincalhões e quentes e jovens. E lá andava eu, acuada entre eles, me sentindo velha e gélida. — Ser tão solitária era uma vergonha e tanto, sabe.

Logo eu voltava para casa, perseguida, o próprio tempo bonito, a floresta e os rochedos me afugentavam, os belos e antigos pinheiros e o bosque recente à beira da lagoa estavam repletos de alegres segredinhos que escondiam de mim e que não me diziam respeito. Você pode imaginar uma coisa dessas, o sol vespertino corando a copa das árvores e a natureza te virando as costas para que você não escute o que ela está sussurrando?

Ela pôs a pequena mala vermelha no colo e a abriu, a mala fez barulho, não tinha muitas coisas ali dentro. Encontrou uma caixinha e pegou dois pequenos comprimidos que engoliu com café.

Então não aguentei mais. Um belo dia não aguentei mais, precisei fazer algo para dar um jeito nas coisas. Tudo — qualquer coisa era melhor que aquilo. E uma noite fui até a casa dele.

Ela tornou a fechar a mala lentamente, parecia que seus dedos mal tocavam o fecho, e suas mãos permaneceram pousadas no oleado vermelho como se as tivesse esquecido ali.

Ele não estava em casa. Mas a senhoria apareceu na janela do andar de cima e disse que ele estava na casa do farmacêutico. A princípio, só fiquei decepcionada por não o encontrar, havia me custado tanto chegar ali. Inicialmente, não pensei em mais nada além disso. Mas depois comecei a andar à toa, fingindo ir até o cais com uma carta e fingindo estudar o cartaz do cinema na tabacaria. E aos poucos comecei a refletir, e aí surgiu uma pequena ansiedade que foi se adensando cada vez mais dentro de mim, uma pequena dúvida daquele tipo que se instala como um nó frio no diafragma. Acontece que o farmacêutico tinha uma filha. E eu queria tirar aquele nó e pensei que seria possível ele ir à casa do farmacêutico sem ter algo a ver com a filha, certo? Mas o nó simplesmente se inclinou para o lado e voltou de imediato, tentei pensar em qualquer outra coisa e me convencer de que quando ele enfim chegasse, tudo ficaria bem.

Pois bem, eu estava ali de tocaia, esperando por ele, posicionada de modo que ninguém podia me ver da janela, e nem importaria muito se me vissem, porque pensava que qualquer coisa seria melhor do que a situação como estava. E aí ele chegou.

Ela pegou um cigarro e ficou fitando por muito tempo a chama acesa do fósforo, que, quando ela acendeu o cigarro, não passava de um talo murcho e preto com uma chama moribunda. Ela tragou fundo.

E aí ele chegou. Meu Deus, você sabe tão bem quanto eu que nunca se deve fazer uma coisa assim. Seguir um homem e aparecer sem ser convidada. E eu já sabia, e ele sabia.

Mas seu espanto foi pior que seu aborrecimento. Aquele espanto foi o pior. E nada melhorou, não, fui tomada por um frio glacial — os lábios e as faces estavam gelados e, pouco a pouco, meu corpo inteiro. É óbvio que não consegui dizer uma palavra nem responder quando ele me perguntou o que eu queria. E quando viu como eu estava —

Quando viu minha expressão, ficou com medo, pelo jeito achava que eu estava grávida e se apressou a abrir a porta para nós, me empurrando na sua frente sem dizer palavra até estarmos dentro da casa e ele ter trancado a porta com muito cuidado. Mas por mais que doesse, sim, em meio à desgraça, eu estava feliz porque estávamos a sós. E pode ser que eu tenha ajudado a preservar aquele semblante, para que ele ficasse com medo e fosse obrigado a me dar atenção. Percebe?

Eu não estava *fingindo* nada, não estava fazendo teatro. Mas muitas vezes o fazemos de qualquer forma, pode ser que apenas representemos aquilo que é verdade dentro de nós — mas aquilo que, em último caso, poderíamos também ter escondido. Você entende isso?

Enfim, não há necessidade de entrar em detalhes. Pois você já percebeu que fiquei com ele. Passei a noite lá. Mas a ansiedade estava à espreita o tempo todo, e o amei como o amaria se fosse a última noite da minha vida. Entende o que quero dizer?

Afugentei a ansiedade assim. E o capturei assim. Talvez o tenha assustado um pouco também. Mas capturei um lado dele que ninguém sabia que existia, o fato de que ele pudesse ser assim. O abismo dentro dele — todas as pessoas têm seu abismo, mas nem todas o descobrem.

Por um longo tempo, ela encarou o nada. Então disse baixinho:

Na verdade, eu poderia ter iniciado a história aqui. Porque foi naquela noite que comecei a destruí-lo. Foi naquela noite que começamos a destruir um ao outro.

O silêncio já era total a nossa volta, sem som algum no prédio. Lá fora, as ruas dormiam, a chuva tinha parado. Apenas o relógio na cornija da lareira fazia seu tique-taque, mas esqueci de olhar para ele.

Lá em cima na minha terrinha. Lá é diferente. Talvez seja assim em outros lugares também, mas em especial no Vilarejo da Mina e na nossa cidade. Você precisa ser como os outros. Você não pode sofrer, não mais que os outros. E não pode se divertir, pelo menos não pode mostrar que está se divertindo. Pois isso é pior que qualquer outra coisa, se mostrar contente. E acima de tudo você não pode ser diferente do que costuma ser, eles não toleram surpresas da parte de ninguém. Uma moça que nunca vai ao baile e não quer saber de beijar os rapazes, por exemplo. Uma moça que vai ficando mais pálida, mais calada, mais feia e com os olhos mais encovados a cada dia que passa, uma daquelas que frequentam a igreja e choram durante os hinos. Ela não pode um dia de repente ir à Casa da Juventude e dançar e rir e tomar um trago com os rapazes atrás do celeiro como fazem as outras moças. Porque aí haverá um terremoto no Vilarejo da Mina e lá na cidade.

Pois no fim eu parecia a morte. E eles haviam se acostumado a isso, sabe. Eu não tinha mais que dezessete anos, mas já era o que lá em casa chamamos de uma encalhada, e era considerada como tal e deveria ser assim e não de outro jeito. E eu ia à igreja, gostava de música de órgão, e aquelas lágrimas eram boas lágrimas.

É claro que eles achavam que eu era religiosa. Mas eu ficava sentada ali, raramente escutando uma única palavra do que nosso pároco dizia, pois não me fazia bem, aquilo que ele dizia. Talvez eu tivesse a esperança de encontrar parte do consolo que outros encontram nesse juiz tacanho e poderoso a quem chamam de Deus. Aquele a quem os seres humanos acusam de querer vingar os

mesmos instintos que ele criou em nós. Aquele que cria o amor em uma pessoa, mas se esquece de criá-lo em outra.

Não, não, não. Pretendia ele, nosso pároco, que um amor como o meu seria obra de Satanás. —

Como um Deus todo-poderoso e justo poderia permitir que Satanás criasse um amor numa moça que nada de errado fez, você pode me dizer? Você pode me dizer, pode?

Ah, não. Não havia grande consolo naquilo que o pároco dizia.

Ele dizia que a fornicação era o pior pecado. — Dos demais pecados que os seres humanos cometem um contra o outro, ele falava menos. A calúnia, a mesquinhez, a mentira — o veneno com que matamos uns aos outros, isso ele não mencionava.

Matamos criancinhas que ainda não nasceram. Todo dia criancinhas não nascidas são mortas, mas isso ele não mencionava. Quem você acha que os mata? Eu te digo já!

São os padres, entre outros. São todos aqueles que mantêm viva a mentira de que os instintos são obra de Satanás e a fornicação de repente se transforma em amor na hora do matrimônio. O padre recita um ritual e diz amém, em troca do pagamento de algumas moedas a que chamam de taxa, e aí o ato está abençoado por Deus. Sim, aí se tornou um dever. Dever, dever, dever, está percebendo? — *desejo*, nem pensar!

— — —

Não, nosso pároco, ele não me dava consolo nenhum.

Mas a música de órgão me consolava. E o retábulo, o retábulo tão gentil da nossa igreja. Ele me consolava em toda a sua ingenuidade. Aquele que o fez deve ter sido poeta, embora não fosse um grande pintor. — É a cena em que

tiram Cristo da cruz, sabe. E as figuras são rígidas e desajeitadas, e as cores contêm muito azul-celeste e vermelho-zarcão e amarelo. Mas Cristo — o Cristo morto, sabe, o Cristo assassinado. Ele não está com o semblante sereno como tantos já o retrataram. E ele está de olhos abertos! — Deveriam parecer vidrados, mas aquele pintor fez deles uma acusação contundente. Contra o púlpito! O retábulo está posicionado de modo que os olhos se dirigem ao púlpito! E a dor — a dor lancinante e petrificada — está *viva* naquele rosto morto! Está eternamente viva ali, voltada como uma acusação amargurada contra a presunção e a mania de censura e a crueldade daquele que é tão bom que pode ficar ali cingindo a coroa de espinhos no coração de quem Satanás consagrou ao amor!

Eu queria pará-la nesse instante, estendi uma das mãos em sua direção para que não dissesse mais. Seus olhos estavam febris, e havia um fervor em sua voz baixa que fazia as palavras arderem. Ela afastou o cabelo com ambas as mãos, desnudando o rosto. A voz parecia ter submergido quando ela retomou a narrativa.

Ah, não. Não sou rebelde. Na verdade, nunca falei nada. Quem recebe como primeira dádiva amarga na vida a coroa de espinhos cingida ao coração não se torna rebelde tão facilmente.

Ela jogou o cabelo para trás sobre os ombros e o soltou, e eu pus um cigarro em seus dedos inquietos e acendi um fósforo. Ela parecia não notar, mas ficava girando o cigarro.

Uma ilusão, um clima, isso pode ser suficiente para que eu me sinta feliz. Bem, mas do que eu estava falando agora há pouco?

Então, foi aquele verão em que ele foi embora sem se despedir nem nada. Mas primeiro passei uma noite com ele.

Era verão, e era época de férias. Cheirava a morangos silvestres, e o aroma temperado de feno recém-ceifado se fazia sentir no nariz, na boca, nas orelhas e na pele. E todos estavam felizes porque era um verão agradável, estava quente. Eu, porém, eu passava frio.

Faziam passeios de bicicleta, os rapazes e as moças do Vilarinho da Mina, mas não me convidavam, porque eu não era do tipo que os rapazes gostavam de levar com eles. Muitas vezes eu tinha vontade, pois pensava que se os rapazes tivessem gostado um pouco de mim, eu teria brincado e me animado um pouco e quem sabe esquecido um pouco. Mas eles nem sequer me chamavam. Só que eu não suportava continuar assim, já não conseguia suportar por muito mais tempo.

Aí havia um baile na Casa da Juventude. — Viu? Vou tentar ser breve. Se eu ao menos soubesse o que seria necessário contar. Porque para mim é necessário que você saiba tudo. Tudo o que vale a pena saber.

Bem, certa noite fui ao baile. Sozinha. Primeiro, fiquei do lado de fora, encostada à parede, sozinha. Os rapazes mexiam comigo e zombavam de mim, mas estavam bêbados. Saíam do salão em grupos de dois ou três e sumiam por entre as árvores, na colina e atrás da quina da casa, voltando ainda mais bêbados. As moças ficavam na porta do salão, espreitando-os. Eram boas moças, estavam apenas com vontade de dançar. Elas não se importam, as garotas num lugar como o Vilarinho da Mina, desde que possam dançar. A outra coisa, aquela coisa — desagradável — só acontece porque querem se divertir um pouco, aquilo acontece depois. Elas próprias não querem, na maioria das vezes. Simplesmente acontece. E acontece porque só dançar já é algo errado e pecaminoso, e aí não faz grande diferença se acontecer algo mais. Se os jovens do campo tivessem *permissão*, se fosse certo e legal, como ir a uma quermesse ou coisa do gênero, então seria mais fácil distinguir entre aquilo que simplesmente é diversão juvenil e — outra coisa. Se fossem os mais velhos que

proporcionassem um pouco de diversão à juventude, não precisaria ser assim. Tenho certeza de que não precisaria ser assim, se recebessem ajuda dos mais velhos para montar peças de teatro e coisas do gênero.

Não, agora estou falando muitas bobagens. Pois o que você deve saber é que fechei firmemente os olhos por um instante e engoli a relutância. E aí entrei.

Conforme a noite avançava, as moças também começaram a sair do salão. Ficavam sentadas nos bancos aguardando os rapazes, apinhadas, com fumaça e poeira. Eram jovens e bonitas, e tinham se arrumado para os rapazes, e estavam com tanta vontade de dançar, mas os rapazes só entravam de vez em quando e davam alguns passos, e as moças dançavam de mantô, pois a dança não era suficiente para aquecê-las. E aí elas também saíam e eram convidadas a tomar uma aguardente, que elas bebiam da garrafa atrás da quina da casa, embora poucas garotas gostem de aguardente. Bem. Uma coisa leva à outra.

Mas é assim que as garotas ficam do jeito que são e se tornam baratas. Elas só querem estar com os rapazes para fazê-los entrar e dançar novamente. Mas quando voltam para dentro, elas ficam radiantes e flertam e brincam, não tendo que forçar sorrisos. Estão se divertindo, estão contentes — ao menos pensam que estão contentes.

E eu — eu também queria estar contente. Ou melhor: queria deixar de sofrer por um tempo, queria tirar uma folguinha do sofrimento.

Eu não levava jeito para dançar. Um tanto dura e inibida e crítica. Mas lá estava um jovem marinheiro. Elegante, não estava muito bêbado, seu hálito só tinha um leve odor, e ele perdoou minha falta de jeito para dançar. Talvez sentisse pena de mim, porque eu nem tentei sorrir. Ele me disse coisas bonitas, sobre meus olhos e meu cabelo, e eu deveria ter ficado feliz, pois eu não era nada bonita, no entanto só me senti cada vez mais pesada.

Eu deveria ter ido embora, se tivesse me atrevido a voltar para a solidão. A fumaça, o acordeão, o burburinho das vozes — aquilo me dava algum alívio. E aquele braço em torno de mim, e o fato de ele não se irritar por eu ser uma trapalhona na pista de dança, isso me dava algum alívio. Sorri um pouco para

ele, e aí ele disse algo sobre o porquê da minha tristeza, e aí fiquei com lágrimas nos olhos, achando que era uma sensação ligeiramente boa saber que ele sentia pena de mim e percebia que eu estava sofrendo. Você pode entender uma coisa assim? Porque normalmente a maior tortura para mim era alguém perceber que eu estava sofrendo.

Apesar disso, fiquei ainda mais triste. Eu me cansei de dançar, porque estava pesado carregar o coração, e então minhas pernas ficaram cansadas. Mas eu não tinha vontade de largar aquele rapaz e enfrentar a solidão de novo, por isso simplesmente encolhi os ombros quando vieram chamá-lo para sair e tomar uma aguardente, eles se aproximaram e sussurraram para ele, enquanto ele me envolvia com o braço aguardando a dança seguinte, e ele me convidou para ir junto, e eu o acompanhei porque pensei que talvez também pudesse ficar um pouco alegre com a bebida e me divertir mais com a dança. E aí saímos e fomos atrás de uns arbustos de zimbro e bebemos da garrafa. Aquilo queimava, eu tossia. Mas eu queria porque queria, bebi com olhos fixos *querendo*. E — alô? Escute agora. Preste atenção.

Sempre ansiei pela beleza. Entende? Não estou me referindo apenas à contemplação do belo, na natureza e tal. Mas — beleza. Enfim, você entende o que quero dizer e deve se lembrar disso. Lembre-se disso o tempo todo, esta noite toda.

A alegria deveria ser uma alegria com beleza, e — sim, tudo. — E então — bem, lá estava eu atrás dos arbustos perto da Casa da Juventude com uns rapazes meio bêbados tomando aguardente da garrafa.

Você está entendendo? Aquilo se tornou minha alegria, por um tempo. Sim, porque depois fiquei quente, primeiro o rosto, depois o resto, e meus pensamentos se tornaram alegres. E eu dançava com mais facilidade, e cantarolava ao som da música de acordeão. E o rapaz — parece que seu nome era Eivind ou Einar ou algo assim — ele tinha ficado com o rosto vermelho e os olhos quentes e estava olhando para mim o tempo todo, gostando de mim, e eu gostava disso. Mas no meu íntimo, ah.

No meu íntimo, a realidade estava congelando. Bem lá no fundo do meu íntimo. E eu cantava mais alto e sorria com mais vontade e deixei o rapaz me abraçar para não prestar atenção naquilo dentro de mim. Ele não tinha permissão para me beijar, mas eu soprava nele e ria e não ficava brava. Ele me chamava de diabrete, e eu sempre achei essas coisas estúpidas, mas naquela hora gostei, e gostei de deixá-lo um pouco bobo, sabe.

Mas por dentro — ai, meu Deus! Lá o tormento aguardava. E estava à espreita. E mandava mensagens para meu bom senso. — Sim, esse tipo de coisa também pode ser bom. Ora eu era tomada por uma tristeza indomável — indomável por causa da música de acordeão, rapazes desconhecidos e minha própria risada, e o tabaco, o cheiro de aguardente e jovens ardentes. Ora tomava conta de mim, querendo me sufocar e paralisar — isso mesmo, assim era minha alegria. Assim era a alegria pela qual eu pagaria um preço tão amargo — mas isso foi só muito tempo depois. Escute o que vou te contar.

Então eu ria ainda mais alto, sabe. Quando *aquilo* tomava conta de mim e queria me esmagar de novo. E aí eu dançava pertinho de Einar ou fosse qual fosse o nome dele, e não me esquivava quando ele encostava de mansinho sua boca em minha têmpora, e retribuía seu olhar quando ele me *tocava* com os olhos — e eu me sentia desejada a ponto de quase perder o fôlego. É verdade!

Bem. Fomos caminhando juntos para casa. Assim como os outros — fazendo questão de andar a sós. Abraçados. E agora serei completamente honesta: enquanto caminhávamos pela estrada, eu queria que ele me beijasse e acariciasse — sim, de modo geral. Só que eu também estava com medo e cantava em voz alta para que ele não percebesse. Mas eu tinha esse desejo, sim, queria esquecer tudo e brincar de estar apaixonada e ser jovem e feliz numa noite fresca e bela de verão, como qualquer garota.

Encontramos umas pessoas — bem, posso falar sobre isso mais tarde. Mas então. Ele me perguntou, como eu já esperava, se íamos caminhar um pouco no bosque.

— — —

E aí eu de repente não estava mais com tanta vontade. Mas só fiz que sim e senti um frio na mesma hora, e fomos entrando no bosque. — É curioso isso. Já tive essa experiência várias vezes. Assim que nos afastamos da estrada, senti que sua roupa exalava um cheiro estranho, e eu não gostava mais de seus olhos, e minhas entranhas gelaram de angústia. Mas fui com ele, fingindo que não estava acontecendo nada, e pensei que sim, ele pode me beijar, e vou beijá-lo de volta por tanto tempo que talvez acabe gostando. Mas não mais. Não mais que isso. Certamente ele entenderá quando eu não quiser mais.

Foi isso que pensei. E que talvez seja bom alguém me acariciar, e talvez ele passe a gostar um pouco de mim e entenda que não estou feliz e que isto não vai dar em nada. Pois é, fui ingênua a esse ponto!

Não foi o que aconteceu. Ah — ele ficou malvado. Devia ter lá suas razões. Mas ele não me possuiu. Foi só luta. Mas — bem, isso dói. Tão feio. Só que você precisa saber dessa parte também.

Uma noite tão linda! Imagine — a floração recente do mirtilo vermelho — a essa altura seu perfume é tão gostoso — e as jovens bétulas esbeltas contra um amplo céu cristalino e luminoso, e passarinhos arrulhando sonolentos numa árvore — sim, bem. Você não faz ideia de como é o Vilarejo da Mina!

E então aquilo! Eu já te disse — ele não me possuiu. Mordi e arranhei e me defendi com os punhos. Chorei e pensei que antes o matava, sim, antes o matava! Mas — sim, durante a luta — ele me soltou afinal.

Ela respirou audivelmente e sussurrou as palavras, e então ele não precisou mais de mim.

Houve um longo silêncio entre nós. Senti minha pulsação contra o colarinho.

E em casa eu não suportava minha roupa. Eu a odiava e ela me deixava doente, e eu teria preferido queimá-la no forno. Mas não podia queimá-la, porque não tinha outra roupa. Tive que consertá-la em segredo na cozinha.

Ela pôs a mão sobre a testa. Ainda não sei se foi choro ou um pequeno sorriso que tremeu nos cantos de sua boca.

E em toda a minha vida amei tudo o que era belo.

A sala já começara a esfriar, um frio noturno morto. Ela havia se enrolado ainda mais no mantô e dobrara uma das pernas na poltrona. Parecia dormir, fechara os olhos. Sua pele tinha um quê de frialdade, as pálpebras tremiam de leve. A boca estava cinzelada num delicioso arco, mas desprovida de cor. O relógio tiquetaqueava desoladamente no silêncio. Eu estava sentado ali, olhando para ela e sentindo o frio se espalhar dos punhos para os braços, o cigarro tinha um gosto ruim. Tão logo me levantei, ela perguntou, sem abrir os olhos, aonde ia. Disse que queria ir buscar um aquecedor elétrico. Ela não se mexeu nem respondeu.

Quando voltei com o aquecedor, ela estava com a cabeça enterrada nas mãos. Eu não sabia se estava chorando, e me senti muito mal por não poder fazer nada por ela. Posicionei o aquecedor de modo que o calor se dirigisse a sua poltrona. Então ela tirou as mãos da cabeça e as esticou para o calor. Não estava chorando. Seus olhos estavam secos e negros. Ela retomou sua narrativa, lá do fundo do seu mundo interior.

Bem. Agora eu poderia ter dormido. Não sinto nenhuma dor e poderia ter dormido, não fossem todas as coisas que se tornaram tão estranhamente vivas para mim hoje. Você não está com sono, hein? No que está pensando? Coitado. Parece que seus olhos não querem nunca mais se fechar. Você pode enlouquecer se pensar demais, agora só me escute.

Escute aqui. Isso é só uma coisinha que eu por acaso mencionei. Você sabe que eu disse que encontramos umas pessoas no caminho. Não, não, isso aqui não é traumático nem nada do tipo. Só uma coisa que me ocorreu na época ou um pouco mais tarde. Pois vieram cantando, era a juventude politizada do Vilarejo da Mina. Disse ele, esses desgraçados. Nem olhamos para eles quando passaram por nós. Não, nunca olhávamos para eles. Mas pensei neles, e o que

pensei foi que estavam cantando. Pois aquilo era *cantoria*! E me peguei sentindo inveja deles, pensei que nenhum deles devia estar sofrendo. Há diferentes tipos de canção, não é mesmo?

Aquela era a canção dos *invulneráveis*. Ah, o que há nisso, nessa sua ressonância? Será que uma seca e desumana *política* — sim, escute só essa palavra estridente —, será que pode incutir calor nos jovens corações e brilho nos jovens olhos e lhes dar a *melodia* de sua canção, se não houver algo mais nisso — sim, se sua luta não for uma luta pela humanidade? Ah, gostaria que alguém tivesse me dado uma resposta para isso antes.

Porque agora é tarde demais. — Você não acha estranho que a maioria das pessoas concorda que há algo totalmente errado com tudo mas na hora do vamos ver não querem que nada mude? Então, as pessoas lá na minha terra eram socialistas e tinham vontade de mudar as coisas e ter uma vida melhor e mais justa — mas aqueles que queriam realizar a mudança e fazer algo real para arrancar o mal pela raiz — aqueles, elas odiavam como à peste. Os jovens lá em cima que eram a única juventude que organizava o trabalho a fim de transformar nossos próprios desejos e anseios em ação, para eles nós nem olhávamos.

Mas eles estavam cantando. Sim, eles cantavam, e aquela cantoria me atingiu e se escondeu em mim, ressoando desde então, esporadicamente. Mas agora é tarde demais — para *mim*.

Sabe o que um homem me disse certa vez — ai, não, agora meus pensamentos estão correndo soltos, mas quero te contar o que um homem me disse certa vez. Ele disse, nada nasce ao luar. Ah, estou absolutamente arrasada por não conseguir expressar o que queria te fazer entender agora — mas temos medo demais de deixar a luz do sol abrasador nos atingir muito diretamente. Ansiamos pelo sol, mas nos sentimos mais seguros ao luar. Você não entende nada disso, entende? Tudo bem, mas talvez entenda quando esta noite chegar ao fim.

Certa vez vi uma garota — uma puta — se abaixar e pegar algumas cédulas.

Ela não queria aquele dinheiro, disse que queria jogá-las na cara do homem que as havia arremessado atrás dela. Mas enfiou as cédulas em sua bolsa a toda a pressa, sim, vi suas mãos. E vi seus olhos, olhos revoltados de puta. Ela disse as piores coisas possíveis, e ela era uma vadia. Mas vi suas mãos, eram tão rápidas e tão pobres e enfiaram umas notas sujas numa bolsa, porque ela não podia se dar ao luxo de jogá-las na cara de ninguém e não podia se dar ao luxo de um pequeno orgulho.

Ela esfregou a testa com um gesto de desespero, e os olhos erravam indefesos. O cabelo estava úmido nas têmporas.

Bem, em que ponto eu estava?

Isso aqui é difícil. Não há ninguém que possa me ajudar, e é difícil. Posso te pedir mais uma taça de vinho?

Obrigada. Pois isso desanuvia minha cabeça. Porque aí esqueço tudo o que é de hoje, e aí posso te dizer o que precisa ser dito antes de eu ir embora.

— Olhei para as mãos dela enquanto ela recolhia aquele dinheiro, e então houve um daqueles vislumbres que poderiam ter se tornado como que uma canção dentro de mim, sim, aí senti que há amor em nós por todos, e que ele parece a ternura que desperdiçamos num único ser humano. Eu já disse que quis bem àquela garota num vislumbre fugaz e vermelho-escuro? Não posso dar nome àquele vislumbre, porque foi um vislumbre de amor, uma dor rapidíssima de ternura dentro de mim, no entanto odiei aquela garota e tudo o que aconteceu naquela noite, e por dentro eu estava dilacerada por uma agonia crua.

Mas agora você talvez esteja entediado, né? Aquele vinho me caiu bem.

Agora vou te contar um pouco sobre o pessoal de casa.

Minha irmã era dois anos mais velha que eu. Ela trabalhava numa fábrica de enlatados ao sul da cidade, a sete quilômetros de casa. Saía pedalando às seis e

quinze toda manhã, nas temporadas. Fora das temporadas, ajudava minha mãe em casa. Ela era do jeito que a filha de um pobre mineiro deve ser. Mas eu — eu sofria de megalomania. Eu gostava da escola, queria ler, teria continuado os estudos se tivesse tido oportunidade. Lia tudo o que havia na biblioteca local. Minha mãe ficou de cabelos brancos de tanto trabalhar, e eu fingia não perceber. Eu tinha uma amiga que trabalhava como empregada na casa de um engenheiro lá na nossa terra. Ela era burra, e eu não gostava dela, porém fingia ser sua amiga e gostar dela, porque naquela casa havia todos os tipos de livro, e eu podia vasculhar a estante quando os patrões não estavam.

Meu pai também gostava de ler, mas andava sempre cansado. Ele dormia debruçado sobre o jornal, dormia debruçado sobre os livros.

Minha mãe carregava água. Quase tudo o que consigo lembrar é ela carregando baldes pesados de água. Ela era obrigada a caminhar vinte minutos para buscar água. Minha irmã carregava água de bom grado quando estava em casa, era muito gentil com minha mãe, mas eu não era gentil. Não só por causa da minha má vontade, mas porque guardava rancor. Eu odiava minha mãe porque ela ficava carregando aqueles baldes de água. Você consegue entender uma coisa assim? Eu mesma mal consigo entender. Mas dentro de mim tudo se contorcia quando eu pensava nela com seu rosto estriado e o peito encovado de tanto carregar água. Ela lavava as escadas e esfregava a cozinha, fazia comida e nunca tinha dinheiro suficiente, e reclamava que meu pai gastava demais com cigarro. Ela lavava roupa e precisava levar a roupa para o riacho, tanto no verão quanto no inverno. Eu poderia ter ajudado. Eu não a ajudava, mas a odiava porque sua vida era trabalhosa. Pelo meu pai, eu sentia ternura, porque ele gastava dinheiro com cigarro e tinha a consciência pesada por isso. Ele era doente, lá no Vilarajo da Mina eles adoecem. Tossem por alguns anos e ficam pálidos e corcundas, e depois cospem sangue. Quando há neve no inverno, é algo que você pode ver do ônibus, sempre há vestígios na estrada daqueles que estão cuspiendo sangue. E o cansaço! Ai, aquele cansaço. E se você notar algumas dessas manchas vermelhas na neve lá na cidade ou nos vilarejos

vizinhos onde o ônibus para, aí pode ter certeza de que ali desceu alguém que trabalha na Mina.

Ela levou os punhos cerrados aos olhos. Percebi que eu estava segurando os braços de minha poltrona com força, como se tivesse medo de cair, então relaxei.

Entre minha mãe e meu pai estava tudo acabado. Antes de completar quarenta anos, minha mãe estava acabada como mulher. Não só por estar destruída e não prestar para mais nada. Mas eles andavam ressentidos um com o outro, suponho que tinha a ver com dinheiro. Durante as greves, que vez ou outra ocorriam, era horrível. Aí havia incrustado nas paredes um silêncio malicioso de palavras amargas que não queriam se apagar quando meu pai batia a porta e ia embora, e quando chegava bêbado em casa.

Mas palavras eram ditas, com frequência. Palavras que poderiam ter sido evitadas se meu pai pudesse fumar seu cigarro sem culpa, e se minha mãe não tivesse que carregar água por meio quilômetro. Pelo menos é o que penso. Porque não havia mais ninguém, a infidelidade é rara entre os trabalhadores lá no Vilarejo da Mina. E meu pai nem bebia. Só quando havia greve, ou num período sem trabalho, aí ele às vezes se embebedava, e então passávamos maus bocados. — Mas a amargura era igual, o ódio era igual. Havia um ódio contido e inquieto entre aqueles dois que uma vez tinham sido jovens e amorosos um com o outro e que tinham brilhado um para o outro uma vez. Nenhum grande drama, não. Era o assassinato insidioso e trivial do cotidiano.

Eles se matam lentamente, com escárnio e rancor. São prisioneiros um do outro. Estão se tornando a doença, o cansaço e a amargura um do outro. Fazem filhos juntos e se odeiam quando os filhos vingam.

Ah, bem. Havia também os bons momentos. Sempre há.

Não posso definir em que consistia, mas era algo que sentíamos pelo cheiro da entrada ao chegar em casa. Ora, talvez só eu sentisse isso, para mim poderia ser a maneira como o gato se esfregava na borda do meu vestido antes de eu entrar, ou os tamancos da minha mãe ao lado da porta do corredor — sim, essas coisas têm sua própria linguagem.

Era uma casinha amarela que cheirava a rato perto da porta do porão. Mas às vezes parecia má e outras vezes era amigável, havia flores em latas na janela da cozinha, as quais eram capazes de cintilar contentíssimas quando você se aproximava da casa.

A maior parte do tempo, porém, aquela casa amarelo-encardida exalava um ar ruim, um ar triste e frio de tribulações e angústia. E era assim com a maioria das casas lá em cima.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo. De vez em quando um carro passava chiando na rua. Depois, o silêncio dobrava. Meu relóginho de lareira tiquetaqueava sobre a cornija.

A mulher que eu trouxera para casa estava sentada bem na minha frente, com a mão sobre a testa. Sua boca tinha um curioso jogo de sombras que a fazia ganhar vida, mesmo quando, como agora, estava imóvel.

Lentamente, ela afastou a mão da testa e se endireitou um pouco na poltrona. Olhou ao redor de minha sala com um olhar contrariado.

Você não entende isso. Uma atmosfera assim você não percebe. Pois não conhece o ar de um lugar assim, onde nunca viveu, não conhece a angústia que, como uma névoa noturna pegajosa, ronda as paredes de uma casa assim — a angústia do amanhã!

Enfim. Não sei se vale a pena te contar tudo isso. Não sei se você percebe o que um lar assim faz com quem cresce nele.

Éramos apenas três irmãos, eu tinha um irmão mais novo também. Mas minha mãe ficou doente algumas vezes. Era para ter tido mais filhos. Era para ter sido como nas casas vizinhas, onde uma penca de filhos berravam, brigavam e viviam à beira da fome, e eram levados para o cemitério numa carroça quando eram atropelados pelos caminhões da Mina porque eram tantos que as mães não tinham como cuidar direito deles, e andavam sempre resfriados. Mas minha mãe não podia, pois pegava peso demais carregando água. Pelo sim pelo não, às vezes acho que é verdade que ela se sobrecarregou. Certa vez eu estava na janela e a vi carregar uma bacia de roupa do riacho até o fogão, e aquela era uma bacia que nem um homem deveria carregar. Eu a vi tensionar o corpo magro de raiva e vi seu rosto —

Ela parou, ofegando, sua voz tinha adquirido um ruído áspero —

E eu a odiei. Eu era apenas uma menininha na época, e eu a odiei porque ela me obrigou a largar a lição de casa e tudo para ajudá-la com a bacia. E aí cheguei tarde demais, ela erguera a bacia do chão e estava agachada pressionando a barriga com as mãos enquanto gemia. Seu rosto estava amarelo e — não, não posso descrever aquele rosto. Ai, Senhor Jesus, ai, Senhor meu Deus, disse ela, e eu perguntei, você está doente, mãe?, mas eu a odiava sem saber. E ela não desistiu, entende, ela queria porque queria pôr a roupa na caldeira e terminar seu trabalho, ela me mandou ir cuidar da minha vida, estava exasperada e dura e disse que logo passaria. E eu não me lembro de outra coisa naquele momento, só me lembro um pouco vagamente de, alguns dias mais tarde, ela voltar da mercearia, mais rastejando que andando, com um rastro de sangue atrás de si.

Já faz tanto tempo, e aconteceu algumas vezes, de modo que não consigo distingui-las. Mas me lembro de lençóis encharcados de sangue e do rosto da minha mãe no travesseiro, contorcido e asqueroso de dor. E aqueles lençóis! — Colocávamos jornais debaixo dela, e sacos e tudo o mais, minha irmã e eu, e ela não aceitava a ajuda de ninguém de fora, ela gritava quando queríamos trazer alguma irmã de caridade para nossa casa.

Mas isso não era o pior. Porque o pior era quando ela ficava agradecendo a Deus, sim, ela estava ali na pior miséria e tormento que uma mulher pode sofrer, murmurando preces de agradecimento e feliz — ela estava feliz!

E meu pai? Já mencionei aquilo sobre o tabaco, como eu sangrava por dentro quando ele tinha comprado uma nova caixinha e a tirava do bolso às escondidas para fumar um cigarro, com a consciência pesada porque estava fumando — a consciência pesada, sabe! Ah, a consciência pesada quando minha mãe estava acamada — sim, naquela hora era a ele que eu queria bem e dele que eu sentia pena e por ele que eu poderia ter me ajoelhado. Mas não me lembro dele a não ser como uma sombra de consciência pesada. Não me lembro de seu rosto, porque o que lembro e o que tenho nos olhos e no nariz é sangue, sangue — e a casa toda carregada de um odor metálico, enjoativo e doentio daquele sangue.

Ela passou ambas as mãos sobre o rosto, como se tentasse tirar algo. A voz soava cansada e combalida.

Tínhamos de lavar os lençóis na pequena cozinha, minha irmã e eu, e não podíamos levá-los para fora. Os dedos dos meus pés se encolhem só de pensar nisso, embora eu certamente tenha passado por coisas piores desde então.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, e se levantou de repente. Andou inquieta de um lado para outro por um tempo, esfregando os nós dos dedos

como se eles estivessem tiritando de frio. — Ah, sim, pois é, disse ela, pois é, meu Deus.

Ofereci-lhe um cigarro, porque doía vê-la tão nervosa. A sala estava densa de fumaça, e perguntei se ela se importaria se abrísssemos uma janela. Em resposta, ela mesma foi abrir a janela, e um aromático frescor noturno nos envolveu. Ela inspirou fundo e se inclinou sobre o parapeito, fechando os olhos. Estava meio virada para mim e continuou sem abrir os olhos.

Tudo isso é para que você possa entender algumas coisas. Porque desde cedo comecei a me fazer de dura contra tudo o que me amarrava àquilo. Agora vou te contar, talvez seja um tanto cômico, mas você não pode rir.

Nosso banheiro ficava um pouco afastado da casa, e lá eu preferia sentar com a porta aberta, e lá eu podia sentar e olhar para umas campânulas azuis que tilintavam seca e levemente do lado de fora, e para um pequeno penedo pelo qual a umidade escorria e reluzia ao sol, e então eu podia sentir um descanso imenso. E naqueles momentos vinha o sonho. Nada exato, mas apenas longe da realidade, apenas que a vida teria de ter algo mais, algo que fosse um pouco dessa sensação de descanso e que fosse sem preocupação, angústia, aborrecimento e consciência pesada. Ou então eu escutava a chuva sussurrando lá fora e formando uma parede cinza, e aquele sussurro e aqueles finos fios de água que não paravam de cair entorpeciam meu cérebro e me deixavam sentir somente bem-estar, e por isso mais tarde concluí que a felicidade não é outra coisa senão estar livre de tudo o que é ruim. Liberdade da falta e liberdade da dor, é isso que é felicidade. E liberdade do medo —

E assim eu me escondia da realidade, em revistas e livros, e à medida que as histórias das revistas se despedaçavam entre minhas mãos como cascas vazias e cintilantes, eu encontrava outras coisas, sobre outros países e sobre viagens fabulosas, sobre o que o cérebro humano já inventou e sobre as proezas que os

seres humanos já realizaram. E dentro de mim, e a partir das folhas dos livros desgastados da biblioteca, brotou uma nova realidade.

Sim, foi tudo isso que me tornou fria para com os meus. Construí uma defesa contra a compaixão, porque não queria ajudar minha mãe, mas sim me encafurnar e ler. Não queria ouvir suas lamúrias, sobre como a manteiga estava cara e o quanto ela precisava trabalhar e como eram grosseiros com ela na mercearia quando não conseguia pagar a conta da semana. E eu tinha que aproveitar a luz do dia para essas minhas leituras, porque à noite era preciso economizar querosene.

Bem, se eu fosse te contar tudo sobre isso, não terminaria esta noite nem amanhã. Mas quero que você saiba de uma coisa — sim, que eu era sozinha. Eu era sozinha entre os meus, e tampouco me identificava com mais ninguém. Não conseguia me entender com minha mãe, porque ela era submissa em seu descontentamento, ela ficava feliz quando meu pai ganhava quinze coroas da empresa numa festa de fim de ano, abençoava os patrões porque davam um presente aos trabalhadores, se conformava com sua vida de escrava e se alegrava com os tormentos mais monstruosos que uma mulher pode suportar, porque era melhor do que trazer mais filhos para a miséria. E eu sofria com meu pai porque ele pecava com o cigarro caro, e eu cerrava os dentes e me desafiava a *querer* sair daquilo tudo, queria continuar a aprender algo e fugir das preocupações e da desolação, queria andar de mãos dadas com minha própria realidade lida e ser dona dela, preferindo ser má e impossível a deixar que alguém a tirasse de mim.

E quando ingressei no ginásio, aí tirei a manteiga do pão do meu irmãozinho, e minha mãe deixou de ganhar aquelas cortinas na cozinha que eles tinham na casa do capataz, e eu endureci e não quis pensar nisso, porque meu pai estava comigo. Meu pai me apoiava e não queria que eu me tornasse uma moça comum da classe trabalhadora, dizia ele, a vida tem mais a oferecer.

Mas a consciência pesada me perseguia. Ela me corroía e perturbava e estava sempre ali. No fim fiquei ressentida com todos eles, por não deixarem minha

consciência em paz. Pois é, foi assim mesmo. Porque eu não queria, eu não *queria* viver a vida deles e abrir mão de tudo o que descobrira que a vida poderia oferecer às pessoas.

Veja as mulheres como minha mãe. O que sabem elas sobre todas as coisas que foram criadas na Terra, pela natureza e pela capacidade humana? Ela percorre seu pesaroso caminho entre a casa e a mercearia, e de vez em quando tem uma conversa de comadre com uma vizinha tão ignorante quanto ela. O que sabe ela sobre as habilidades que podem estar escondidas nela mesma? Ah, mas é terrível! Onde está a humanidade dessas pessoas? Elas nem têm forças ou iniciativa para lutar por seus direitos mais básicos! Até hoje é assim. Acabam se resignando, porque não têm tempo de pensar no que fazer para ter água encanada na casa e para conseguir energia mais barata. Ninguém pode se encarregar disso. Os homens têm as suas coisas, questões salariais e tal nos sindicatos. Mas suas mulheres, elas não conseguem se mexer para melhorar a própria vida. Ah, é por isso que não posso suportá-las, ficam burras, e ficam mesquinhas, porque seu mundo não se estende além da mercearia, da cozinha e do poço. Por isso se tornam más, pois não toleram a alegria que elas mesmas não desfrutam. Por isso se tornam venenosas, pois acham que o infortúnio do outro as eleva um pouco de sua desgraça.

Não! Não. Desde pequena, minha pessoa inteira era um mudo e passivo NÃO.

Mas foi em vão, sabe. Para começar, eu estava presa. Só não tive que dividir a prisão de minha mãe e a prisão das outras mulheres da classe trabalhadora.

Essas pessoas, elas têm uma porta para sua prisão, para fora de sua prisão. A porta está fechada, mas está ali. Podem se erguer, podem se recompor, podem arrombar a porta de sua prisão. Os *homens* já fizeram alguma coisa. Antes, eles iam mal. E agora não vão bem.

Os homens morrem respeitavelmente de silicose, enquanto as mulheres morrem de desgaste ou doenças ginecológicas. Mas não precisam morrer de fome. Não precisam morrer de frio. Agora são mortos bem lentamente.

Primeiro, lhes matam a alegria, depois lhes matam a humanidade, e no fim o corpo morre.

Mas pão eles têm a maior parte do tempo, e calor no fogão. Sim, e eles fumam, e alguns deles são megalomaníacos e mandam os filhos para o ginásio...

E eu — eu descobri tarde demais que havia acabado na prisão. Minha própria prisão. E na minha prisão não há porta.

Eu tinha me levantado. Precisava me esticar e andar um pouco. As palavras que eu queria ter dito estavam presas pelo medo de que ela não me contasse mais. Ela estava calada agora, sentada numa cadeira de balanço no outro canto da sala. Havia um murmúrio de chuva nas ruas. Fechei a janela, e então a sala ficou bastante silenciosa.

Na minha prisão não há porta de saída, disse ela devagar, dando uma longa tragada no cigarro. Olhei para ela, mais uma vez com vontade de dizer algo, mas preferi esperar, precisava me recompor, e quando ela prosseguiu, eu estava batendo um cigarro nas costas da mão.

Olha, a beleza que há na vida, você já percebeu? Não é palpável. Não é algo que se possa agarrar e segurar. Mas dá para sugar um tanto dela e senti-la enquanto passa voando, e talvez ainda reste um tanto dela dentro de nós. A beleza está presente na sensação que você tem de ter realizado um bom trabalho. Um trabalho realmente bem-feito que te deixa efervescente por dentro. É quando você é tão forte que pode olhar para a fogueira do São-João e ficar feliz ao ver os outros dançando. Então, como posso explicar uma coisa assim? Certa vez herdei um piano de cauda. Era de um homem que se suicidou, e ele tinha escrito para o advogado da cidade que eu deveria herdar todas as suas posses. Ele não possuía nada além de um piano de cauda. E depois de as dívidas serem quitadas, também não sobrou nada do piano de cauda, aquele que era para eu ter herdado. E quando fiquei sabendo que era para eu ter herdado o piano mas que não sobrava mais nada dele, eu estava doente, muito doente, havia sido internada numa clínica em outra cidade e estava prestes a me esvaír em sangue. Mas recebi aquela carta, e se tratava de um homem com quem eu não tinha ido para a cama e que nem era meu parente,

ele queria me dar todas as suas posses antes de se matar. E isso é beleza, aquilo que eu, ali deitada, tinha só para mim, isso é beleza.

Ah, não. Sou incrivelmente estúpida e não consigo expressar com precisão o que quero dizer. Mas eu te disse, sempre ansiei pela beleza. No entanto, é como se — o que chamo de beleza — não quisesse saber de mim.

Essa é minha prisão. Nunca consegui me livrar das coisas revoltantes. — Talvez eu tenha arrastado as correntes comigo quando me desvencilhei da prisão dos meus...

Ela esmagou o cigarro e se levantou. Ligou o rádio, esperando a luz aparecer. Os telegramas das ondas curtas começaram a pipocar na sala em diferentes frequências conforme ela girava o botão. Aqui e ali raiavam trechos de música dançante que imediatamente eram cortados.

Fomos viajar juntos, disse ela enquanto mexia no rádio.

Bem, não — vou começar do começo. Pensando melhor — não sei bem como aconteceu, porque já faz tanto tempo. Mas acho que fui eu quem — eu quem —, sim, que fui eu quem mencionou algo sobre viajar. Foi um capricho que tive. Aconteceu no cais, o pacote estava atracado. Ele estava no cais, assim como todos os outros, mais ou menos uma semana antes do fim das férias. O cais cheirava a groselhas verdes, havia caixas de groselhas verdes destinadas à cidade. E muita gente subindo e descendo a rampa. Um navio de carreira assim traz um cheiro de todos os lugares onde faz escala, um cheiro de mercearias e turfa queimada e rochas ensolaradas e vacas e capim doce. Fica ali bufando e está com pressa, tem tantos destinos pela frente. E aí ele tinha voltado para casa antes do fim das férias, e o vi no cais, e de repente eu estava muito desinibida e esperta, falei com ele e estava valente e disse, olá, você por aqui?, como se nada fosse. Como se ele fosse um conhecido qualquer. E então conversamos como todo mundo conversa, sobre as férias e sobre o tempo e que era chato ficar ali

na cidade e que era bom dar uma escapada de vez em quando. Acho que eu disse algo no sentido de que tinha vontade de ir com o pacote, quando ouvi o apito soar. Perguntei, assim de brincadeira, se íamos fugir, juntos. Mas meu coração parou, e mudei de cor e não tive coragem de olhar para ele, mas senti que ele olhava para mim. Prendi a respiração, não sabendo se ele estava levando aquilo a sério ou na brincadeira, mas — bem, no fim planejamos viajar. Sem destino pelos fiordes. Ninguém deveria saber.

Ela havia sintonizado o rádio num órgão de cinema distante, que bamboleava na onda curta com um pot-pourri de Strauss. A essa altura ela estava no meio da sala, olhando para o espaço, absorta em sonhos.

Ele veio para cá, para esta cidade, ah — fomos muito espertos.

Estudamos os roteiros. Depois íamos nos encontrar em tal e tal lugar, uma parada no final do fiorde.

Ela passou um dedo por baixo dos olhos e o enxugou no mantô antes de enfiar a mão de volta no bolso. O tom estava impassível, mas sua voz tinha ficado um pouco resfriada.

Sabe — eu nunca me esquecerei disso. Nem do menor detalhe. Essa nossa viagem começou quando estudamos os roteiros. Estávamos na cafeteria bebendo Malzbier, e não havia quase mais ninguém lá. Eu estava feliz, meu Deus, eu estava tão feliz. Ele tinha um lápis e o itinerário dos pacotes, e ele partiria no expresso costeiro e voltaria no mesmo dia com outro barco, tal e tal. E eu pegaria aquele barco, tal e tal. Ninguém perceberia nada, ninguém saberia de nada. Estávamos na cafeteria com um segredo maravilhoso, ele era meu porque compartilhávamos esse segredo. — Bem, e aí havia minha casa, lá em

casa o clima não estava nada agradável naquele momento. Minha irmã estava grávida, e o namorado dela não prestava, ele não queria casar com ela. Ah, havia muito horror em casa naquela época.

E ainda havia o escritório, eles não queriam me dar uma folga. Eu já tinha tirado oito dias de folga, e eles não queriam me dar férias, e então eu disse que largaria o emprego. Era pura loucura, mas eu não me importava, sabe, eu tocaria fogo na empresa inteira para ter aqueles dias com meu Johannes.

Seu nome era Johannes. Não te contei isso, mas ele se chamava Johannes, ele se chama Johannes.

Ela sussurrou para si mesma, Johannes, Johannes, Johannes.

Do rádio, alguns sinais telegráficos agressivos dispararam no meio do órgão de cinema, despedaçando Strauss. Apressei-me a baixar o volume, e por um tempo ouvimos os distantes sinais de apito em meio ao zunido do aparelho.

Cinco dias. Não foram mais que cinco dias. Cinco dias e cinco noites. Mas que eternidade de alegria! — Costumam dizer que o tempo passa rápido e fica curto demais quando você está feliz. Mas, em retrospectiva, aqueles cinco dias me parecem cinco semanas, cinco meses. Pois não há espaço na minha memória para tantas delícias em apenas cinco dias. Porque cada hora, cada minuto, cada segundo ficou gravado em mim.

Era uma pequena pensão em alguma parte nos confins do fiorde, anônima e tranquila. Lá não havia ninguém hospedado além de nós. Foram antipáticos conosco, pois entenderam que não éramos casados, perceberam tudo. E ríamos disso, brincávamos e nos divertíamos e ríamos de tudo e nada. A cada hora tínhamos mil coisinhas para achar graça, piadinhas e caprichos bobinhos, segundos maravilhosos sem sentido nem dignos de menção, mas cravados em minha memória para todo o sempre. Porque aqueles segundos adquiriram seu

significado pelo fato de que estávamos ambos tão absurdamente felizes. Sim, ele também! Nunca o vi assim, nem antes nem depois.

Desde o momento em que ele me esperava no pequeno cais, ah, ele brilhava. Ele estava no cais, num pequeno círculo de chuva luzidia sob uma lâmpada solitária, seu sorriso resplandecendo para mim. Ele tinha viajado para a cidade na véspera e voltara sem desembarcar em casa, ele se escondeu a bordo e seguiu viagem e estava me esperando, e eu cheguei com o coração na mão, temendo que ele talvez não estivesse ali mas tivesse ficado na cidade, minha boca estava seca de ansiedade e senti calafrios de pânico quando o barco apitou antes de atracar no pequeno cais. E então, lá estava ele, houve uma pancada de chuva bem na hora em que abriram a rampa de desembarque, e ele estava no cais no meio da chuva, e até hoje não sei se havia gente no cais e a bordo, porque só vi seus olhos brilharem através da chuva, e éramos só nós dois, mas devia ter havido outros passageiros no barco, porque demorou uma eternidade até eu poder desembarcar, e vi seus olhos o tempo todo. Através de uma eternidade de anseio e impaciência, vi seus olhos e o sobretudo puído, e ele estava com as mãos nos bolsos, à espera, e era a mim que esperava, e éramos só nós dois. E primeiro lhe dei a mão, e ele sorriu, ah, estávamos acanhados, um pouco, porque eu estava tão feliz e não entendo como uma pessoa pode ficar tão feliz sem morrer de felicidade, e logo minha mala estava no cais, estava tombada no cais, e só senti sua boca e seus braços e seu pescoço através da manga do meu mantô, e riachos de chuva escorriam de seu chapéu entrando em nossas bocas, e nós simplesmente não nos importamos com a chuva, e quando nos soltamos, de repente havia umas pessoas no cais olhando embasbacadas para nós, pareciam apavoradas.

Por ali, não havia hospedagem para nós em lugar nenhum, tivemos que pedir um carro e andar um bom pedaço, e aquilo ficou caro, eu sabia que era caro para ele e que ele não tinha meios para tanto, mas fiquei feliz, justamente por essa razão. Dá para entender? E que viagem. O tempo abriu. A lua estava em algum lugar detrás das montanhas, deixando a escuridão transparente como

ametista. E nós estávamos sentados bem juntinhos, sendo transiluminados um pelo outro. Nem sabíamos se conseguiríamos hospedagem no lugar para onde íamos. E era uma aventura e uma delícia não saber nada, e ele disse, então podemos dirigir a noite inteira, podemos dirigir até encontrar um lugar onde ficar. E fechei os olhos sabendo que poderia andar assim com ele eternidade adentro, embora estivéssemos impacientes um pelo outro e eu não via a hora de tê-lo, era delicioso ansiar, era tão maravilhoso saber que estávamos juntos ali no carro e que não íamos dizer boa-noite para nos despedir.

Os sinais telegráficos tinham cessado, o rádio fazia um zunido vazio, e eu girei o botão, conseguindo captar um tango ao acordeão francês. Ouvi-a riscar um fósforo e me virei no instante em que ela tornou a se sentar numa poltrona, ela se recostou comodamente e parecia estar bem.

É curioso, sabe, disse ela. Agora não estou mais bêbada, nem um pouco sequer. Mas posso te contar tudo, agora estou gostando de contar isso para alguém e não estou com medo de você se entediar. Porque você não está entediado, está? Você só está cansado, mas gosta que eu te conte isso, certo?

Então escute só, era uma pequena pensão — enfim, tinha lugar, fomos obrigados a bater à porta por muito tempo, pois era tarde da noite, e ela usava uma touca de dormir e estava rabugenta e brava, a dona, porque estávamos sentados na escada aos beijos quando ela abriu a porta, e não sei se ela havia percebido. É que o intervalo entre cada vez que batíamos à porta era muito longo, e então tínhamos que nos beijar, sabe. Mas afinal encontramos alojamento —

Foi a primeira vez que dormimos juntos. E então aprendi algo que era novo para mim, algo que eu não sabia que existia na vida humana — a solidão da morte. Ele dormia em meus braços, estávamos entrelaçados — mas ele estava dormindo, e eu estava sozinha.

Sozinha. Sozinha. Uma esmagadora sensação de solidão, cuja existência eu havia ignorado, se fechava sobre mim. Nos braços da pessoa amada, você está mais sozinho do que se estivesse na lua — mas eu não sabia disso àquela altura. Agora sei que você nunca está mais só do que quando ama alguém que te abandona pelo sono — bem, a vida é assim. E fui tomada por uma grande tristeza e um grande sentimento de solenidade. Pus minha boca em seu queixo e senti que minha boca estava fria. Foi uma experiência avassaladora e arrepiante e — bela. Não sabia o que estava acontecendo dentro de mim, mas não era capaz de ficar deitada ali, me desvencilhei dele de mansinho e levantei. Bem, não sei se alguém entenderia isso que estou tentando te contar, mas foi uma experiência que me dominou por completo. Amanhecia, e eu me apoiei sobre os cotovelos no parapeito da janela, sentindo o cheiro acre de folhas de batata a apodrecer, e em algum lugar um rio rumorejava. De resto, o silêncio era absoluto. Meu Deus, quanto silêncio, quanta solidão e quanto silêncio. Somente a respiração calma dele. A indiferença de alguém que dorme e que você ama, mas ele está em outro mundo, um mundo que você não conhece e no qual você não tem lugar. Então tive que ir dar uma volta.

Tive que sair imediatamente para aquele amanhecer vítreo, como se alguém estivesse me arrastando e forçando para fora. Calcei os sapatos e vesti o sobretudo de Johannes por cima da camisola, e lá fora fazia frio, um frio matutino depois da suave noite crepuscular de agosto, e todas as cores tinham sido apagadas, como nos sonhos. A grama era cinza, e as montanhas eram cinza, com veios brancos de neve no topo, luminescentes como as casas pintadas de branco — e o fiorde era cinza-prateado e mudo.

Caminhei pelo campo, deixando trilhas pretas no véu acinzentado de orvalho. Não havia movimento de pássaros, e cheguei à estrada e passei por uma pequena oficina que estava adormecida, com máquinas mortas, e pela pequena agência dos correios, e pela tabacaria, com cartões-postais e folhas de bonecos de papel, e com bloquinhos de montar e rapé e tabaco na vitrine, que dormitava de olhos abertos, e todas as casas dormiam de olhos abertos, e os jardins e as

árvores sonhavam sob a luz cinzenta, e atrás do vilarejo ficava o campo, que esticava os braços para as montanhas e o céu, e aquelas são montanhas que parecem ter sido enfeitiçadas e petrificadas no meio de uma dança selvagem, são montanhas com linhas ousadas e ritmos fogosos, é o lugar mais bonito aqui no oeste do país. Aliás, é o lugar mais lindo da Noruega. O mais lindo do mundo.

Ela arqueou a boca levemente, com sombras de sonho nos olhos. Por um tempo, o silêncio foi total. No rádio tiniu um sinal de intervalo abandonado, uma pequena melodia curiosa e melancólica.

É o lugar mais lindo do mundo, o povoado onde ficamos à beira do fiorde, por cinco dias, Johannes e eu. Um pequeno recanto no final do fiorde, enclausurado entre montanhas selvagens que cingem o lugar com a eternidade, petrificadas por um feitiço, e que se erguem em sua plasticidade feroz contra o céu, incapazes de sorrir, e que calam toda a sua sabedoria milenar.

No apartamento do andar de baixo, um relógio de sala deu duas badaladas tristonhas, e me assustei um pouco. Não o tinha ouvido tocar antes.

E eu subi em direção ao campo, escutando apenas meus próprios sapatos trilhando o cascalho da estrada, e o rio que rumorejava, mas não podia vê-lo, mas parecia estar mais próximo agora, mas o bosque estava tão quieto, tão quieto, protegendo-o com sua solidão. E então uma pequena rajada gélida chegou das montanhas, o que bastou para que as folhas das árvores comessem a tremer, e elas tinham lágrimas nos ramos, e um cheiro azedo vinha dos pomares, e meus cabelos tocaram de leve meu rosto, e o frescor afagou minhas faces com mão amena e gentil. Eu estava pesarosa e feliz e cheia de um

sentimento de solenidade e sentia saudades de meu amigo, então dei meia-volta e quis me apressar a descer. Mas, veja bem, ainda tínhamos muito a dizer uma para a outra, aquela manhã e eu. Porque enquanto eu descia, as lágrimas das árvores de repente passaram a cintilar e brilhar, e um vislumbre de rosa se insinuou detrás das montanhas, e as dalias e os ásteres dos jardins começaram a emergir e arder no cinza, reluziam feito pedras preciosas que despontam de suas sombras.

E as aves? Galos jovens ensaiavam seus cocorocós nos tons mais variados, em tons graves e agudos e um tanto atrevidos e desamparados, e uma galinha cacarejava irritada pelo sono interrompido.

Sim, aquele lugar encantador e eu trocávamos sorrisos, e Johannes não participava, estava fora daquela experiência que eu tanto queria ter compartilhado com ele. E depois andei a vau pelo orvalho do prado, o capim tardio verde-escuro estava banhado num véu cintilante de orvalho, era uma película incandescente de milhões de diamantes que chispavam e fulguravam com relâmpagos azuis e dourados e vermelhos e lilás, e eu os estilhaçava debaixo dos meus sapatos. E o capim tardio nunca foi tão recém-nascido e tão profusamente verde como em minhas pegadas, e Johannes estava em minha pele e minha alma, mas eu estava sozinha, sem poder compartilhar com ele minha experiência.

Ela se calou. Ouviam-se passos de andarilhos noturnos na calçada, o som metálico ecoava no silêncio, e um ou outro carro passava chiando indiferente.

Entrei no quarto onde estava Johannes. Ele tinha se virado e enrolado de modo que não havia lugar para mim, e quando tentei abrir espaço, ele acordou, e fizemos amor, mas eu trazia a solidão comigo, sem conseguir afugentá-la do

meu coração, e estávamos tão perto um do outro quanto duas pessoas podem estar, mas cada um em seu mundo.

Depois do café da manhã, fizemos uma caminhada. Fomos serpenteando pelo vale a esmo e andávamos bem pertinho um do outro. Eu lhe contei coisas lá de casa, e ele me contou coisas de seu tempo de menino, esboçando um pouco daquele Johannes que tinha vivido antes de eu conhecê-lo, pequenas insignificâncias particulares que tomaram lugar em mim e lá permaneceram, e, sim, meu Deus, como coisas assim podem ancorar uma pessoa em sua mente com fiozinhos que você mal percebe até o dia em que tenta arrancá-los e descobre que eles se infiltraram em você e ganharam vida própria —

Ela se inclinou para a frente e ficou arranhando os braços da poltrona.

Isso aqui é difícilimo de contar. Ai, sinto meu coração tão pesado, mas é uma das coisas mais bonitas que experimentei em toda a minha vida. Ah, você tem que me ajudar, tem que me escutar, e não pode julgar Johannes — não importa o que eu disser, você não pode julgar Johannes, porque só eu posso fazer isso. Pois estou sentada aqui e estou acabada. Você não sabe, mas estou com os dias contados, e agora quero ver o que deixei para trás, quero tirá-lo de todos os esconderijos e olhar para tudo. Tenho coragem para fazer isso, porque estou acabada. Veja bem, pegue outro cigarro e me escute.

Fiquei sabendo de uma coisa hoje, prosseguiu ela. Na verdade, estou bastante atordoada ainda. E me vi obrigada a descobrir tudo o que causou isso, penso que deve haver culpa em algum lugar. Pode-se dizer que a culpa é minha. Mas não somos senhores de tudo o que fazemos. Nem sempre fazemos o que gostaríamos, e não temos liberdade de agir de acordo com o que achamos certo.

Ah, meu Deus, agora estou muito nervosa, a que ponto mesmo eu tinha chegado?

Você sabe que eu já tive cinco dias, cinco dias sem sombras, sim, nos quais as próprias sombras eram como lindos desenhos marmóreos num deleite altissonante. Estávamos hospedados no final do fiorde, estávamos juntos, o homem que eu amava e eu. Nossos aposentos não passavam de uma barraca de madeira, com pinturas horríveis pregadas com tachinhas às paredes, caixotes revestidos de cretone fazendo as vezes de armário, e um lavatório hediondo. Mas estavam cheios de nossa paixão, nossa respiração, nossos sussurros ao crepúsculo, nossos beijos e nossas risadas. Ah, que barraca de madeira mais palaciana.

E, sabe, aquela luz estranha que torna tudo maior e mais amplo no fim do verão, então, ela derramou ouro sobre os dias ali entre as montanhas, sob sol e chuva. Sabe, aquela época em que todas as frutinhas já foram colhidas e as casas cheiram a geleia, mas alguns ramalhetes magros de groselha preta estão sobrando, com um sabor quente e doce. Ficamos caçando as frutinhas e encontramos as mãos um do outro, e os beijos tinham um sabor misterioso e vertiginoso no lusco-fusco, que exalava um perfume de frutinhas amadurecidas pelo sol e terra tépida, e nós nos abraçamos furtivamente, e então eu não senti em mim sombra alguma de solidão. Eu delirava de felicidade com ele assim.

À noitinha, saímos de barco e tentamos pescar, não lembro se pegamos alguma coisa, acho que não pegamos nada, só fiquei olhando para ele, absorvendo o ar místico da noite e escutando os remos que lambiam a superfície de mansinho e rangiam de mansinho nas toleteiras, e aí começou a escurecer, e uma moeda de prata caiu na superfície da água, veio uma pancada de chuva, e as gotas eram moedas de prata que caíam com intensidade cada vez maior. Fiquei com a nuca molhada, e o mar fervia de chuva, e tivemos que nos apressar até a margem e procurar abrigo numa casa de barcos que cheirava a sacos velhos, mar, algas marinhas e alcatrão. E aí já estava totalmente escuro. — E quando voltamos para o barco, amanhecia, e os galos jovens cantavam, e antes de chegarmos a terra firme, a pequena oficina começou a zunir, um zunido que ouvíamos o dia inteiro naquele lugar. Ainda posso ouvi-lo, e as

marteladas do pequeno estaleiro daquele lugar. Os picos das montanhas cintilavam com um brilho absurdo de sol matinal quando entramos para dormir. Andamos calados e bem juntinhos e nos encontramos de novo sem dizer nada, e depois dormimos, naquele dia dormimos até a hora do almoço.

Enquanto estávamos andando à toa, fazendo nossas pequenas caminhadas fúteis e felizes, ele disse, curioso que tivemos que viajar para os quintos dos infernos do fiorde para nos encontrar, e eu estava feliz. Disse ele, me apaixonei por você nesses dias, você virou tudo de ponta-cabeça. E deixei suas palavras se assentarem no fundo de mim e estava feliz. Disse ele, eu poderia ter me casado com você. Sim, ele disse *poderia ter*. Mas eu estava feliz, uma felicidade enorme e vulnerável.

Poderia ter?— Eu poderia ter tido o privilégio de continuar a carregá-lo dentro de mim e dar à luz uma nova vida dele e de mim, eu poderia ter consumado o que a natureza quer conosco quando transforma o amor no que a Igreja e a estupidez chamam de pecado.

E um novo anseio apertou meu ventre e me inundou, o anseio mais profundo que já senti, um anseio vulnerável e feliz. Porque é esse o propósito, sabe — que o amor que cresce e vive dentro de você, que ele se torne algo firme e concreto dentro de você e dê frutos de você.

As vidraças das janelas cintilavam com finas gotas de chuva que choravam inaudíveis. Lá no porto, uma traineira roncava zunzundo sobre o silêncio noturno da cidade.

Pois é, disse ela para o nada, pois é.

Já faz tanto tempo. Já faz mil anos. Era uma vez — quando eu era uma pessoa, uma pessoa viva, uma mulher que tinha dentro de si um propósito a cumprir.

Bem. Um dia a viagem acabou. Ele partiu primeiro. Não poderíamos chegar no mesmo barco. Disse ele, nos veremos novamente, ele me beijou, e não havia nada de errado com aqueles beijos. Mas não sei o que havia comigo — eu estava cheia de um desespero violento. Pensei sobre ele ter dito que nos veríamos novamente, evoquei sua voz, que se alegrava e me queria bem, mas a angústia e o desespero não me davam trégua. Ai, não, é absolutamente terrível pensar nisso — o infortúnio que te ronda às escondidas com sua sombra fria, antes mesmo de você escutar seus passos! Ai, aquele medo, ai, aquele medo!

Nenhuma dor te atormenta mais do que o pavor que não tem nada em que se agarrar mas que te persegue entre paredes sem você o ver... bem. Não me olhe assim. Agora não estou mais com medo. Não tenho mais o que temer, pois hoje alguém me deu aquilo que as pessoas temem mais que qualquer outra coisa. Está visível dentro do meu coração e aguento olhá-lo. Mas você não deve me olhar assim — será que te assustei tanto?

É melhor você prestar atenção, vou te contar tudo. Com muita calma você vai escutar e não esquecer, você não vai esquecer disso.

Você sabe — os animais sentem aquela angústia antes de uma tempestade. Nós — alguns de nós — a sentimos antes de algo horrível acontecer.

Eu a senti aquela vez, doía como um abscesso que eu não podia ver, eu andava aos tropeços na escuridão sentindo que havia um abismo em algum lugar, mas sem poder vê-lo. — Aquele quartinho. Ele não estava ali, ele tinha ido embora. Eu pensei, eu disse em voz alta, ele simplesmente voltou para casa, vou logo atrás, ele está me esperando. Mesmo assim, era como se ele estivesse morto. Não, morto não.

Pois a morte não é a pior coisa que pode separar duas pessoas.

Ah, mas aí lembrei que ele tinha deixado seu colete para trás, e me pedira que o levasse na minha mala, pois fazia calor na noite de sua partida. E então encontrei o colete e nele enterrei meu rosto, sentindo o cheiro íntimo de uma pessoa que se arraigara em todos os meus pensamentos. Levei o colete comigo para a cama, apertando-o em meus braços, e assim consegui dormir.

Mas não pus comida na boca durante os dois dias que tive que ficar ali sozinha — pois é, não havia barco antes disso. E na viagem de volta eu andava de um lado para outro no convés, chicoteada pelo medo. Eu disse para mim mesma, pelo menos tenho seu colete, está na mala no meio de minha roupa, ele precisa dele, afinal, e então nos veremos, aí tudo ficará bem, aí tudo ficará bem. Quando o barco apitou no porto de casa, eu estava tomada de um pavor que não dava para ver em lugar nenhum.

E quando o barco atracou — bem, então a luz se acendeu em mim, eu ardia de felicidade, fiquei muda de felicidade.

Sim, ele estava no cais, ele estava me esperando no cais às duas da madrugada, nossos olhos se encontraram imediatamente e não se soltaram mais. Eu lhe entreguei a mala por cima da amurada antes de o barco terminar de atracar e pulei em terra antes de a rampa ter sido montada, e ele pegou meu braço sem dizer nada, fomos subindo juntos sem observar se alguém nos via, caminhamos e éramos só nós dois, e o brilho do luar atravessou a camada de nuvens, e fomos para a casa dele.

A essa altura, uma alvorada fosca pairava sobre os telhados, e uma ou outra janela velava as ruas desertas num fulgor solitário.

Fiquei lá até de manhã. Ele disse, agora nunca mais te solto. Ah, o que é isso que chamamos de felicidade? No interior dessa intensa felicidade, há um núcleo de angústia, uma pequena célula tiritante e clara como o sol que é feita de angústia. É isso que é felicidade, o que pensamos ser a felicidade. Enquanto ele me segurava em seus braços e me beijava e dizia que nunca mais me soltaria, então eu estava segura, segura. Mas quando eu estava indo para casa e o tinha no meu coração, então aquela célula minúscula e clara como o sol começou a reluzir e tremular, e apertei o passo para me afastar dela, corri na intenção de fugir, senti a pequena dor feliz deixada por ele e o calor de sua

pele, e as palavras que ele dissera eram uma canção dentro de mim, mas no caminho para casa eu era perseguida pela angústia minúscula que reside em toda felicidade e a torna difícil de carregar.

Em casa, a desgraça havia se instalado de vez. Fechei os olhos e não queria ver, não queria ver, eu queria ser insensível e não podia permitir que entrasse nada que pudesse afastar minha felicidade, aquela coisa rara e preciosa que era estar feliz por mim mesma e estar rodeada da vibração de amor e beleza. Esgueirei-me das coisas ruins em casa, não querendo fazer parte daquilo, tornei-me cruel e indiferente, e saía às escondidas para meus encontros amorosos com Johannes, aferrando-me àqueles dias com Johannes como se soubesse que um de nós ia morrer em breve, eu não tinha tempo, não podia me dar ao luxo de abrir mão de nada daquilo. E nesse meio-tempo, meu pai andava cada vez mais ofegante, teve algumas crises de falta de ar que encheram a casa de angústia. Palavras malévolas fumegavam entre as paredes, pois minha irmã estava grávida, seu choro abafado me encarava durante a noite, no nosso quarto. As palavras que eram trocadas entre minha mãe e minha irmã — um abismo escancarado de hediondez.

O que minha mãe revelou da ignorância de nossa classe, aquela que nos é imposta, aquela em que ficamos oprimidos à força e que faz com que muitas das nossas mulheres não passem de megeras imundas quando são submetidas a testes penosos! — A escória abominável da ignorância veio à tona no desespero da minha mãe, o obscuro lado avesso da ignorância, a crueldade ignorante de alguém que perde a cabeça na impotência e não passa no teste.

E meu pai andava só, à sombra do inevitável que se aproximava sem disfarces. Ele era o mais solitário que a morte já viu. *Eu* deveria ter sido capaz de compreendê-lo, eu era *sua* filha. Mas fugi, me fechei em mim mesma, segurando mesquinamente minha própria felicidade sem querer entrar na sombra de sua luta contra a morte. Porque a luta calada contra a vileza do lar, a luta contra o cansaço que o acorrentaria à cadeira e o afastaria do trabalho, a

luta contra aquilo que prendia sua respiração e queria sufocá-lo — era uma luta contra uma morte horrenda.

Eu já te falei. Traí meu pai no momento mais difícil. Procurei o inebriamento da companhia de Johannes, eu me agarrava àquele inebriamento e não queria ver mais nada. Foi só uma vez que senti algo pelos meus, foi uma noite em que minha irmã chorava. Deitei-me na cama com ela para consolá-la. Mas já te contei isso, não é?

Senti que havia vida dentro dela, havia vida em sua barriga. E depois me senti tão só e — sim, era muito curioso, pois não havia vida em mim. Eu amava, eu estava feliz, só que era apenas meu corpo e nada dentro dele, mas, olha, já te contei isso e você não pode ficar impaciente. Bem, agora vou te contar como foi.

Pois é, era o fim do outono. Uma época boa e uma época ruim. Mas a parte ruim eu deixei de lado, me tornando alheia a ela. Minha vida, ela era com Johannes. Eram aquelas noites em que ia para sua casa às escondidas, sob o manto da escuridão e da chuva outonal, e era esperada por ele e amada por ele. Mas é claro que percebiam isso em casa, percebiam que eu estava fora durante a noite, e de manhã eu estava cansada e muitas vezes chegava atrasada no escritório, e o clima no escritório se tornou desagradável, e minha mãe ficou vulgar, do jeito que as mães ficam, com as melhores intenções. E eu era fria e odiosa em casa, e calorosa e feliz quando ia descendo no escuro, sabendo que, na sala aconchegante de Johannes, ele me aguardava detrás de cortinas fechadas.

E depois eu não queria mais. Um dia eu não quis mais. Afinal, vi que eu estava me tornando horrível em casa. Eu me defendia sendo grosseira, com isso me sentia vulgar e detestável e ficava doente de despeito. E eu não queria mais.

Foi no dia 1º de novembro, eu lembro porque havia recebido meu salário, setenta e cinco coroas. Arrumei o pouco que tinha e ainda roubei uma combinação da minha irmã, era uma combinação tão bonita, e eu não tinha

nada assim, e ela só estava triste e ia ter um bebê e nem se preocupava em vestir coisas bonitas.

Não disse adeus a ninguém, mas havia um soluço preso na minha garganta quando me arrastei lá para baixo com minha mala, solucei como se fosse perder o fôlego de tanto chorar, mas não brotou nenhuma lágrima, e realmente não sei, não sei. Era tão insano aquilo tudo, eu nunca fui uma aventureira. Setenta e cinco coroas, e nenhum emprego mais. Porque não queria andar todo dia até o Vilarejo da Mina, queria ficar lá embaixo na cidade onde Johannes morava, e pensei que alguma coisa ia aparecer. Uma loja ou algo assim.

Consegui um quarto numa hospedaria que ficava à beira-mar. Chamava-se Hotel Nilsen, e a vejo como um capítulo, um capítulo estranho e feio, aquela história do Hotel Nilsen. Vou te contar mais sobre isso.

Nem mesmo a Johannes eu dissera uma palavra a respeito de tudo aquilo. Em suma — nós não conversávamos muito, Johannes e eu. Às vezes, ele falava sobre a prefeitura e tal, e algo sobre a escola, e isso e aquilo. Mas ele nunca perguntava sobre mim. Isso era um pouco estranho, mas nunca perguntava nada. E sempre era de noite. Tínhamos que ficar quietos, Johannes se preocupava muito com a possibilidade de alguém perceber alguma coisa. Sim, às vezes até se assustava ao ouvir passos ou algo parecido lá fora. Shhh!, fazia ele. E então ele não respirava, só ficava à escuta.

Aliás — tudo o que eu poderia ter lhe contado era apenas tristeza e poderia ter lançado sombras. E eu tinha ciúmes das horas que passava com ele. Enfim, acabávamos conversando pouco.

Aquela noite em que me hospedei no Hotel Nilsen não tínhamos combinado nada. Mas eu não suportava estar assim tão perto dele e não poder vê-lo. Da minha janela, era possível vislumbrar um pouco da casa onde ele morava, e vi que a luz estava acesa. Então peguei sorrateiramente o caminho de sempre, entrando pela porta do porão como de costume, ora um pouco apreensiva, ora feliz, ora apreensiva de novo, porque estava chegando de surpresa. Assim que entrei na cozinha, meu coração começou a palpitar freneticamente. A cozinha

estava escura e cheirava a querosene e café, e uma fresta de luz saía da porta que dava para a sala dele. Ali dentro, havia silêncio. Ele poderia estar trabalhando, não é? Mas havia algo de errado com o silêncio lá dentro. E foi como se escorresse uma corrente de água fria pelo meu rosto, e pensei logo que ele estava lá dentro trabalhando, sem dúvida estava sozinho ali trabalhando. Aí a tábua do assoalho em que eu pisava estalou, era uma casa antiga, cujo assoalho de repente podia chiar, e então tremi e me espremi contra a parede contando as batidas do meu coração. Tudo girava na minha cabeça. Alguém se mexeu lá dentro, mas demorou um tempo, uma eternidade, um minuto ou algo assim.

Então ele apareceu. Saiu depressa e imediatamente fechou a porta, estávamos no escuro. Prendi a respiração. Ele não me viu e disse irritado, tem alguém aí? Deveria ouvir minha respiração, não consegui controlar a respiração, logo parecia que eu tinha corrido muito e estava esbaforida. E não respondi. Mas ele entendeu que era eu, pela respiração. E então se aproximou de mim sem dizer palavra, e me empurrou para mais longe da sala.

Foi inacreditável, foi horrível. Ele não estava feliz com minha visita. Não, ao contrário, estava com raiva. Nunca o ouvi daquele jeito. Um sussurro maldoso. Por que diabos eu aparecia assim, sem ele saber? Que história era aquela?

Não pude lhe responder. Não podia me mexer nem abrir a boca. Não pensei em nada em particular, de repente apenas me senti cruelmente desprotegida.

Então ele olhou de soslaio para a porta da sala e se tornou um pouco mais amigável, deve ter pensado que seria estúpido da parte dele mostrar que estava com raiva. Disse ele, é melhor você vir aqui amanhã à noite. Tem uma pessoa ali dentro, um colega —

Foi constrangedor tornar a sair, descer a escada do porão. Ai, que humilhação, meu Deus. Ele olhou para minhas costas, senti que olhou para a humilhação que eu carregava nas costas quando fui embora, andando tão silenciosamente como quando cheguei. Chovia. O cascalho sibilava, as árvores farfalhavam e a sarjeta chilreava, e eu escutei o mar. De repente, ouvi o mar, que eu não estava acostumada a ouvir lá no Vilarejo da Mina, e imediatamente

soube que dali em diante ia sempre ouvir aquele mar. E, sim, aí pensei, pelo menos tenho alguém, já tenho alguém com quem conversar, porque afinal tenho o mar. Ah, não sabia quantas coisas horríveis contaria a ele, esse meu único amigo de confiança por um longo tempo.

Então, ele não sabia que eu tinha me mudado para a cidade. Disse-me, vem aqui amanhã. Ou seja, achava que eu caminharia os seis quilômetros de volta, no escuro da noite e na chuva, sem uma carícia que fosse. Não tive coragem de pensar nisso. Não tive coragem de encarar as implicações do fato de que ele simplesmente me despachou para casa, sem mais nem menos — afinal, era o que *ele* achava. E não tive coragem de pensar nisso, mas os pensamentos teimavam em vir, pois ele poderia ter me pedido para esperar do lado de fora, e depois o sujeito teria ido embora ou algo assim. Bem. Subi para meu quarto, um quarto nu com uma corrente de ar que passava por vidraças mal vedadas e uma lamparina a querosene que soltava fumaça. Estava frio, e não havia nada com que acender a lareira. Minha mala estava ali, eu não a desfizera. Nem tinha vontade. Havia uma cama, uma cama completamente desconhecida, e eu não tinha vontade de me deitar nela, embora estivesse muito cansada. Estava coberta por uma colcha de algum tipo de cetim vermelho, manchado e com um aspecto nojento. Além disso, havia um aparador enorme, com um espelho até o teto, e esse espelho estava quebrado. O lavatório era de latão. Estava enferrujado por dentro e era impossível limpá-lo direito. O tempo todo eu escutava o mar, insistente, como se quisesse me dizer algo. E eu estava olhando

para a janela de Johannes, sentindo uma inquietação sobre o que o mar queria me dizer. Era como se eu estivesse sonhando tudo. Minha casa e tudo o mais, e o que eles pensariam agora, de alguma forma aquilo parecia não existir, como quando você está sonhando. Pois então veio se insinuando em mim aquilo que o mar queria me contar e que eu não queria saber. E foi o fato de que Johannes estava mentindo para mim. Uma inquietação nauseabunda me disse isso. Que colega que nada, aí eu teria escutado as vozes.

Então, ali estava eu batendo os dentes diante da janela, olhando para a fresta de luz na casa de Johannes e as cortinas fechadas e por trás delas —

Não, aí me forcei a pensar que eles deveriam estar trabalhando juntos em alguma coisa, e eu tremia toda por dentro e estava com náusea de tanto enfiar isso na minha cabeça, que ele não estava mentindo, e que eu não deveria ser desconfiada e estúpida, então lembrei que ele ficara bravo, e aí me ocorreu que tinha havido aquela atmosfera singular em torno dele, uma aura singular, como quando eu — quando ele e eu — — e então fiquei tão arrepiada que gemi alto. Permaneci ali até ele apagar a luz. Àquela altura, o pacote noturno havia chegado e partido, já estava amanhecendo.

Fui para a cama completamente vestida, estava com tanto frio. Fiquei deitada ouvindo o mar que ameaçava e tornava a ameaçar na orla pedregosa. Uma angústia e uma solidão me perseguiram o tempo todo, me mantendo bem desperta, e de vez em quando eu chorava a meia-voz, mas sem lágrimas. Ouvi as pessoas da hospedaria se levantarem, e tampouco consegui dormir naquela hora, mas, por causa da ciranda infundável de meus pensamentos, estava exausta demais para sair da cama.

Ai, credo! Foi um dia ruim, e pouco importa, porque há tantas outras coisas. Serei breve.

No dia seguinte, sim, à noite, como ele tinha dito, fui a sua casa, sabe, com uma pequena e trêmula esperança dentro de mim de que eu havia sido estúpida e histérica. Eu estava enrijecida e vigilante, de modo que isso se tornou uma espécie de casca que envolvia minha ansiedade dolorida e a imobilizava.

Mas nada melhorou, embora eu dissesse a mim mesma que tudo ficaria bem quando estivesse com Johannes, não ficou do jeito que deveria ser, porque uma calamidade estava à espreita dentro de mim, e ele percebeu que eu não estava prestando para nada e ficou de mau humor, o que tentou esconder, assim aumentando ainda mais o vazio entre nós. Surgiu um abismo frio que eu não tinha como ignorar, e eu queria me atirar aos pés dele e queria dizer todas as palavras calorosas que estavam acumuladas em mim, mas me senti como que gelada e indefesa — e Johannes olhou para o relógio sem se dar conta.

Ele não disse nada quando lhe contei que tinha saído de casa e estava morando perto dele. Começou a folhear alguns cadernos sobre a escrivania, se escondendo de mim e fugindo do que eu lhe contava. Eu não conhecia seus pensamentos, mas senti que não eram bons para mim. Não tive coragem de enxergar o que deveria enxergar e pensei em desespero, amanhã será diferente, amanhã tudo será bom outra vez. Meu cérebro era um nó gelado, não lhe dei espaço para pensar. Era como se eu enxotasse o bom senso pela raiz dos cabelos a ponto de doer, e quando finalmente saí de lá, foi quase impossível mover os pés, eles queriam voltar, eu precisava lhe perguntar algo, pôr tudo em pratos limpos. Mas não consegui, um gelo nos separava, e senti que caminhava rumo à calamidade, sem poder voltar atrás.

É como quando você está tendo um pesadelo e sua vontade não tem vez, você está correndo em direção ao precipício ou não consegue mover um pé. Você não consegue formar as palavras que estão ardendo em seu íntimo.

Não tínhamos combinado nada. Pensei, ele deve escrever algumas palavras, não? Mas ele não escrevia, e todo dia eu pensava, agora preciso ir à casa dele, porque agora preciso finalmente conversar direito com ele e lhe dizer que o amo, e prefiro descobrir, sem meias-palavras — sim, porque havia algo faltando o tempo todo. E eu estava tão triste que passava o dia inteiro desanimada na cama, sem forças para procurar trabalho. Eu ficava só esperando, e chegou uma carta que abri com sofreguidão, pensando que era dele. Era da minha mãe. Mas me esqueci de tudo aquilo, pois só havia Johannes e Johannes comigo durante

todo aquele período. No entanto, acredito que foi naqueles dias que me contaram que meu pai estava acamado, ele queria falar comigo, e pensei, amanhã. Sabe — é assim quando a desgraça já soprou em você, aí você não escapa, aí você está marcado. Pois aí a desgraça já te escolheu e está te segurando, e você se encontra no meio de um redemoinho que te suga, girando e girando, e para onde quer que você se vire, há uma tristeza rindo e te esmagando odiosamente — ah, meu pai. Ai, meu pai.

Todo dia eu esperava que Johannes talvez chegasse ou mandasse algum recado. Depois eu ia ver meu pai, sim, depois, depois!

Da cama para a janela, eu andava, da janela para a cama, e nunca esqueço o cheiro daquele quarto. Um cheiro velho de mil pessoas desconhecidas, ele tinha impregnado as paredes e não saía nunca.

Assim se passaram os dias, e as semanas. Um novo medo surgira. Aqueles dias não estavam vindo mais. Lentamente, uma tempestade de pânico se levantou em mim, e, afinal, o dinheiro minguava, e eu havia sido rejeitada em alguns lugares onde tentei arranjar emprego, e não era capaz de reunir mais coragem naquele momento, mas precisava postergar e postergar de novo. Quase não comia. Meus pensamentos se resumiam a duas coisas: Johannes e aquela coisa no ventre que tinha cessado, e eu batia o punho lentamente na vidraça da janela, gritando sem som que agora precisava, mas precisava, mas precisava vir, e que Johannes tinha que me ajudar, ele não podia deixar de me dar a mão, afinal, e eu sabia que se pedisse ajuda a ele, a desgraça cairia de verdade sobre mim.

Pois bem, mil coisas aconteceram ao mesmo tempo naquela época, e não lembro exatamente a ordem delas, apenas que era um fluxo vertiginoso de desespero que me esmagava contra as paredes, sem que eu morresse disso, sem que me fosse permitido morrer disso.

Então não suportei mais. Tive que procurar Johannes, tive que falar com ele. Mas quando me vi em frente à porta, não consegui. Escrever uma carta, eu não podia, não escrevo muito bem. Então o abordei. E ensaiei um sorriso surpreso,

mas meu rosto parecia ressecado e congelado, os olhos, estranhos e fixos. — Ele fez uma saudação perfunctória e passou direto. Eu queria chamá-lo, mas minha voz não conseguiu emitir som nenhum.

O que era aquilo? O que tinha acontecido mesmo? Corri ao encalço dele, a respiração ardia na garganta, e minhas pernas falhavam. Chamei seu nome, mas ninguém além de mim podia escutá-lo, era como um gorgolejo na garganta. Quando o alcancei, sem fôlego e quase asfixiando, ele se virou indignado. Acabou, disse ele. Já sei tudo sobre você. Acabou.

Acabou. Acabou. Fiquei parada no meio da rua, olhando para suas costas enquanto ele se afastava. E era como uma rajada de vento glacial e como se eu estivesse nua, era essa a sensação. Arrepios desciam pela minha nuca, e um estranho nó na garganta, eu não tinha controle sobre ela, uns sons estranhos saíam da minha garganta. Lá estava eu. E ele já se fora.

Ela parou para acender um cigarro. Pelas janelas, filtrava-se um receoso brilho de madrepérola. Lá fora, um caminhão pesava sobre os paralelepípedos.

No Natal, subi para o Vilarejo da Mina, sem alegria. Na semana antes do Natal, eu conseguira um emprego temporário na tabacaria, cartões natalinos e enfeites para árvores de Natal e alguns brinquedos e coisas assim, aquela correria das festas. Por isso eu tinha algum dinheiro. Minha irmã já tinha dado à luz um filho, eu estava apreensiva. Não havia neve, as ruas estavam brancas e congeladas e tiniam como pedras sob os sapatos, e debaixo dos abetos, na beira da estrada, as agulhas jaziam pálidas e congeladas. As casas se ajeitavam em torno de seu aconchego, fumaça saía das chaminés, e pensei, não pertença a lugar nenhum.

Mas eu me sentia um pouquinho animada, porque estava levando presentes. Eu tinha uma coisa boa para meu pai, um pequeno barril com arco e tampa de latão, e cheio de tabaco. E charutos e uma laranja. Os outros só ganhariam laranjas. Além do mais, eu tinha uma bela imagem de Jesus para meu irmão, eu a comprara porque alguém estava vendendo, e esse alguém tinha só um braço. Mas pensei que agora ao menos ia agradar meu pai e ser gentil com ele.

Então, assim que entrei pela porta, descobri que meu pai havia falecido algumas horas antes.

Fiquei parada no vão da porta, e minha mãe disse para não deixar o calor escapar. Ainda assim, continuei ali com a porta aberta. Nem uma palavra, nem uma lágrima, nem uma exclamação, era simplesmente impossível fazer meu cérebro me dar qualquer comando para entrar e fechar a porta. Minha mãe preparava comida para a irmã de caridade que estava ajudando a lavar e ajeitar

meu pai, e seus cabelos estavam espigados, e o rosto, manchado de vermelho, e ela não me poupou.

Ela me disse o preço da lenha, ela o gritou para mim, ao menos foi o que senti. Porque eu achava que deveria haver silêncio, bastante silêncio. Pois é, agora ele está deitado ali, agora você deve estar contente, me disse ela. Agora você pode chegar aqui, agora, no fim ele perguntou por você e por mais ninguém, não encontrou paz na morte, disse ela, porque você amaldiçoou a morte para ele, e ele não quis saber do pároco, então agora está eternamente amaldiçoado, e a culpa é sua.

Não sei como se passou, mas logo me vi na sala, e ele tinha sido preparado, só que o semblante não estava sereno e redimido. Pensei, esse não é meu pai. As mãos mortas e os pés com meias brancas que despontavam do lençol branco feito pernas de pau, não é meu pai. As faces estavam completamente encovadas, e não tinham conseguido fechar sua boca direito, deixando uma pequena fenda torta, e o sangue não havia sido limpo do canto da boca como deveria, restava uma gota preta coagulada ali. E lá estava eu com o barril de tabaco debaixo do braço e os dois charutos e a laranja nas mãos, sem saber onde colocá-los, e não consegui chorar nem dizer nada, eu era como um iceberg em cujo interior havia uma tempestade de desgraça, e meu pensamento predominante era que agora minha gravidez era certa. Ainda assim era como se uma dor aliviasse a outra, porque a ideia de Johannes parou de me machucar por um tempo. Não há espaço para mais do que certo número de calamidades simultâneas numa pessoa, e percebi isso quando a tormenta passou por mim, e fiquei grata por ao menos estar em paz em relação a Johannes.

O rádio entoou um crepitar persistente, apressei-me a desligá-lo. Depois, o silêncio arfava. Em algum lugar, uma máquina tinha começado a funcionar.

O choro que não conseguiu vir para me ajudar fervia dentro de mim, e eu gritava por dentro que aquele não era meu pai, mas a pesarosa desolação que habitava todas as sombras de suas feições encovadas e enrijecidas, aquilo — sim, aquilo era eu mesma. Parecia-me que seus olhos mortos ardiam sob as pálpebras, um deles não estava bem fechado, e o branco cego era como um grito mudo de socorro, e ninguém podia ajudá-lo, e ninguém podia me ajudar, e então eu queria muito chorar, mas meu rosto era como que de madeira e não saiu lágrima nenhuma. A irmã de caridade chorou e disse que Deus escreve certo por linhas tortas e Sua misericórdia não tem fim, e eu a odiei. Meu irmão pôs a estrela de Natal no peito do meu pai, e depois foi para um canto e chorou, e minha mãe começou a fungar, fazendo beicinho e falando ao mesmo tempo, relembrando coisas que ele tinha dito quando entendeu que seria a morte, e no andar de cima ouvi minha irmã romper em soluços. E eu fiquei cada vez mais seca e fria.

Mas então escutei outro barulho lá em cima — um guincho zangado e estranhamente felino de bebê, uivos rápidos. E então minha irmã falou manso e se esqueceu de soluçar. Havia algo em sua voz lá em cima, eu não o tinha ouvido antes e senti meu rosto esquentar lentamente. O bebê estava berrando, e ele não chorava de luto por meu pai, mas porque queria comida, e senti meu coração e que havia vida nele, e minha mãe enxugou o rosto com o avental e perguntou se eu queria subir com ela para ver nossa vergonha. Diante do rosto pobre, morto e aflito de meu pai ela disse isso, nossa vergonha, disse ela!

Porém, lá em cima ela falou bobagens para o bebezinho, que não parava de mamar e soltava pequenos grunhidos raivosos quando não pegava direito, e ela alisou o pescocinho úmido com seu grande dedo indicador desgastado pelo trabalho, e foi naquele momento que o choro quis se apoderar de mim para valer, mas não me entreguei, eu não! Porém, tive que descer correndo e sair para vomitar. Pois é, devia ter sido demais para mim, e não consegui nem desmaiar nem chorar, tive que vomitar. Então pensei, agora é certeza. Mas

pensei, quase não comi nada, por isso estou passando mal, e agora tudo isso — mas eu sabia que estava mentindo para mim mesma.

Havia também certa calma na certeza. Certa calma odiosa.

Quando tornei a entrar, não havia ninguém na sala onde meu pai estava. Pude ouvir o tique-taque do relógio, algo que normalmente nunca ouvíamos. Não há nada tão morto e silencioso quanto uma pessoa morta. Sobre a cômoda estavam os presentes que eram para ele, o tabaco e tal, junto com algumas roupinhas de bebê. Ouvi alguém sussurrar “pai”, e aí, pelo dolorido nó na garganta, senti que era eu mesma. Ouvi as vozes do meu irmão e da irmã de caridade na cozinha, mas elas vinham de outro mundo. Eu tinha vontade de me ajoelhar diante de seu leito, queria ter beijado suas mãos mortas, mas só fiquei ali parada. Não há nada que possa manifestar o que você sente, todas essas coisas não passam de encenação quando comparadas com o que você sente.

No dia seguinte, tiveram que ir buscá-lo. A casa inteira cheirava. Ele também tinha mudado, e eu não quis mais vê-lo, eu vomitava toda hora. A irmã de caridade disse que seus pulmões haviam começado a se decompor quando estava vivo, ele os vomitava por partes. Não sei se isso está certo, mas sei que a morte por silicose é horrível, e que diz “pneumonia” no atestado de óbito.

Depois do Natal, minha irmã se casou. Primeiro, ele criou caso e não quis pagar pensão, mas depois resolveu que na verdade podia se casar. Mas, sabe, quando todos choravam lágrimas de alegria porque ela ia se casar e tudo ficaria bem, eu fui tomada por uma indignação que não consegui explicar. Sim, porque quando ela estava ali se deleitando com o bebê, ela estava linda, e sua voz tinha adquirido um tom próprio da flauta, tão suave e límpido — e aquela história do pai da criança e do casamento, bem, forçado, sabe — em cada fibra minha senti que não poderia ser bom. Não, não tinha como se tornar o que deveria ser, havia algo de errado com aquela coisa toda do casório, pensei. Ao mesmo tempo, estava ciente de que não seria possível ter filho sem isso. Mas havia começado a questionar por que não seria possível. *Por que* motivo é uma vergonha e uma tragédia tão grande? Ah, pois é, a moral. Paixão e loucura. Mas o que há de tão moralmente certo sobre um homem ser forçado a dormir com uma garota por quem já não está apaixonado? Sim, o que há com o ato todo se está destituído de paixão e loucura e está sendo praticado quase a contragosto?

Imagine, isso é que é moral.

No entanto, havia algo naquilo que me deixava confusa. Não que eu algum dia tivesse gostado muito de Amund. Mas imagine só, eu estava quase tomando

o partido *dele*. Sim, poderia se dizer isso. Durante o processo sobre a pensão, minha irmã disse que o odiava, que não queria vê-lo nem pintado de ouro e coisas do gênero. Mas quando se falou em casamento, ela ficou feliz e imediatamente disposta, e *como*. Ele a abandonou alguns anos mais tarde. Todos diziam que era um canalha. Mas pensei, pode-se esperar outra coisa? Pois o resultado de toda imposição é simplesmente que acabamos travando uma luta encarniçada contra ela. Mas o pior de tudo é o dinheiro. Sim, afinal de contas, é o dinheiro que dita a moral.

Ali estava o Menininho contemplando seus dedos e vendo com espanto que podiam se mexer. Ele fazia xixi e ficava irritado por estar molhado, logo se alegrando quando estava de roupa limpa outra vez. Ah, Deus, não consigo descrevê-lo. Ainda assim, o fato de eu mesma estar grávida era uma desgraça. Mas algo derretia dentro de mim sempre que podia cuidar do Menininho, eram pequenos vislumbres quentes de algo que parecia felicidade. Quando ele dormia, o edredom exalava um cheiro quente, um cheiro de orvalho limpo. Quando eu o segurava no balde, seus olhos se arregalavam de felicidade, ele chupava os lábios e fechava as mãos sobre o peito enquanto mexia as pernas na água morna, se deliciando com a existência a ponto de babar de prazer.

Um dia, quando o entreguei limpo e trocado à mãe para que o amamentasse, ele sorriu. Apenas um lampejo breve e maroto nos olhos e uma abertura torta dos lábios — a boca esteve prestes a perder o equilíbrio em função disso, mas foi um sorriso, e minha irmã e eu brigamos a sério sobre quem foi o alvo do sorriso — ela ou eu. E então chorei de verdade, chorei um pouco, quando ninguém quis admitir que aquele primeiro sorriso do Menininho foi para mim.

Puxa vida, estou me perdendo em divagações.

Mas você consegue entender que um pequenino assim nem sempre é bem-vindo, por todos, quero dizer — que nem todos o recebem com flores e fanfarras anunciando na praça que um novo ser humano acaba de vir ao mundo, com dez dedos nas mãos e dez dedos nos pés, sim, que o milagre acaba de acontecer de novo, e agora ele sentirá que precisamos dele, e ninguém se

esquecerá de que deve ter comida para poder crescer e roupa para não passar frio? Então, estou falando sério. Porque não lhes damos nem mesmo uma manjedoura. Nós os traímos antes de terem vida e os crucificamos antes de nascerem.

Enfim. O que uma mulher pode fazer? Se não for casada, digo. Veja bem, ela pode fazer como minha irmã fez, e como a maioria das mulheres faz — ela pode forçar o homem. Você acha que muitos desses matrimônios são do jeito que devem ser e são bons para os filhos também? Bem, não sei. Imagino que se aturam e se toleram, e alguns fazem o melhor que podem, reconhecendo que duas pessoas nunca podem se tornar uma só — não, ao menos não à força. Mas — e se estivessem livres daquilo? E se um filhote humano pudesse ter licença para ser feliz neste mundo e ser bem-vindo neste mundo, sem forçar ninguém e sem ser uma vergonha ou uma desgraça para ninguém? E sem representar uma preocupação com o pão e o abrigo e com a condução da sua vida? Sim, sou da opinião de que o mais insano de tudo o que acontece é que condenamos criancinhas ainda não nascidas a não ter vida.

Mas agora estou me desviando outra vez daquilo que queria contar. Procurei novamente Johannes, fui sem mais nem menos e bati à sua porta em plena luz da tarde, foi como me lançar num precipício para não ser atropelada por uma locomotiva, sim, essa foi a sensação que tive quando tomei coragem e entrei direto em sua casa. Agora eu queria falar a respeito de tudo e queria saber o que ele descobrira de tão horrível sobre mim, eu não estava ciente de ter feito nada de errado. Pensei, então ele vai me amar de novo, quando souber que se trata de um mal-entendido, e aí posso lhe falar do outro assunto.

Enfim, tratava-se daquela vez na Casa da Juventude. Sabe, aquilo que já te contei sobre eu ter bebido um pouco e dançado, e ter saído com um rapaz chamado Eivind. E aquilo que aconteceu depois. As más-línguas tinham se apoderado da história, enfeando-a naquele ínterim, como as más-línguas costumam fazer. E o motivo de terem me honrado com tantas fofocas e terem prestado mais atenção em mim do que nas outras garotas do Vilarejo da Mina

foi o fato de eu não costumar participar daquelas coisas, eu era um caso triste que frequentava a igreja e chorava, e eu deveria continuar a fazer isso. E foi simplesmente inacreditável como o próprio rapaz havia se estendido sobre o assunto quando perguntado, foi de um jeito que todos tiveram que acreditar que ele me possuiu, e, afinal, ele havia preparado a história de modo que seus comparsas ficassem impressionados e eu fosse jogada na lama, tão baixo quanto se pode chegar, com muitos detalhes, sabe.

Sim, foi isso que Johannes jogou na minha cara, estávamos de pé, ele nem tinha me oferecido uma cadeira para sentar, e não consegui me defender, mas murmurei para dentro da gola do mantô que não era verdade, o que parecia mentira, porque havia *alguma* verdade na história, e Johannes provavelmente não via outra coisa a não ser que eu estava tentando me safar com mentiras, e ele sorriu. Imagine só, ele sorriu, um sorriso maldoso, e não estava com ciúmes, nem com raiva, nem triste, apenas cheio de desprezo. É, aí ele aproveitou para me contar que o tempo todo percebera que tipo de pessoa eu era, porque com ele eu tinha me mostrado disposta desde a primeira vez, no bosque, sabe, a primeira vez de todas. E então não consegui responder uma única palavra, pois minha garganta estava cheia de choro que não saía, e havia mil coisas turbilhonando dentro de mim que eu queria lhe dizer, mas não saía palavra nenhuma. Ah, mas aí ele teria entendido. —

Bem, acabamos fazendo amor, não poderia ser de outra maneira. Mas foi algo que pareceu nos afastar ainda mais. O fato de ele querer me tocar mesmo acreditando naquela história. E foi em desespero, já que eu estava louca como estava e o amava como o amava então, numa fúria de tudo o que eu não podia lhe dizer com palavras. Sim, na angústia e no desespero o amei e fiquei nova para ele e o tornei novo. Foi com um estranho que eu estive então, alguém que gostava de mim e me experimentava e se sentia bem assim mas não tinha um pinga de amor por mim. E ainda que me sentisse profundamente infeliz e sozinha quando o deixei, eu tinha uma pequena alegria doída à qual me agarrar, pois apesar de tudo ele me tomara em seus braços e me aceitara.

Sim. Tão pobre assim eu havia me tornado.

Nas calçadas, os passos já soavam cada vez mais frequentes. A alguma distância, um bonde guinchou nos trilhos da garagem de bondes. Um indolente lusco-fusco se espremia contra as vidraças.

E de volta ao hotel, a angústia tomou conta de mim, mais gélida que nunca. Naquela noite, havia no céu uma aurora boreal cintilante, e eu não acendi a lamparina, fiquei perto da janela, de mantô, sentindo frio e pensando, quem sabe não desce agora, quem sabe não desce agora? Fazia quase três meses que não descia, e de quando em quando eu tinha pensado que poderia normalizar. Dinheiro eu não tinha mais, e a sra. Nilsen, que era a dona do hotel, disse que eu poderia morar ali de graça se arrumasse todos os quartos e a ajudasse com os hóspedes. Eu me lembro daquela aurora boreal como algo que veio de mim mesma, como se fosse minha própria angústia que se desenhasse num céu estrelado e frio e verde-vítreo. O mar estava calmo e murmurava entre as pedras da orla, e com muitos estalos e tinidos me sussurrava de modo insinuante, agora é só você vir, porque sou o único a quem pode recorrer.

Durante o dia, eu arrumava as camas de estranhos e esvaziava os urinóis, e às vezes eu vomitava, e aí eu chorava de solidão. Porque quando a náusea te invade, você sente implacavelmente a dor de que ninguém se importa contigo. Mas, sabe — há algo, no meio de tudo — eu comia, bem, afinal, todos comem, mas eu estava num período de tanta tristeza e aflição que teria transformado qualquer comida em serragem na minha boca. Por isso preciso te contar isso. Era uma fome que me roía, e para o café da manhã a senhoria me dava três fatias de pão e uma xícara de café, eu só ganhava melado numa delas e margarina ruim nas outras duas, e aí eu pensava apenas no pão que comia, e isso se tornou algo grande e importante na minha existência, de modo que me esquecia de tudo o mais. Aquilo me tirava da cama de manhã, eu não via a hora

daquela comida e vivia chateada e brava por não ganhar uma quantidade maior, e então eu não pensava em mais nada. Mas o café, eu jogava na pia quando ela não estava vendo, e eu roubava leite sempre que dava. Ela comprava leite para sua gata e o filho crescidinho, e vigiava muito aquele leite, mas quando ela achava que havia minguido na jarra, eu dizia que o tinha dado à gata, e às vezes eu bebia tudo, pois não conseguia parar. Em troca de lavar a louça, eu também ganhava almoço, se houvesse sobras. De modo geral, eu tinha dificuldades em relação a comida, não gostava de comer aquelas sobras que voltavam da mesa e que outras pessoas haviam escarafunchado, com molho incrustado e batatas mornas. Mas eu comia tudo avidamente e roubava batatas frias no armário e pão à noite, quando ela havia ido dormir, já que a ceia não fazia parte de nosso acordo.

Pois é, em apenas poucas semanas, minha vida tinha ficado de tal maneira que todo o resto era insignificante se comparado a permanecer à espreita, até a casa silenciar, para descer na ponta dos pés num estado de pânico inaudível e surrupiar pão seco e batatas frias com os quais me empanturrava ansiosamente.

Sim, sabe, foi isso que me impulsionou a superar as humilhações, as recusas e minha timidez irritante para procurar um emprego que me permitisse comprar grandes sacos de pãezinhos doces, ah, lindos pãezinhos de farinha branca, ah, imagine, eu queria comprar pãezinhos doces aos montes, se ao menos conseguisse ganhar um dinheirinho. —

Acabei arranjando um emprego temporário na tabacaria no período da tarde. E a angústia me congelava por dentro, e o desespero tremia em algum lugar no meu íntimo, mas eu comprava leite e pãezinhos doces até me faltar de pãezinhos doces, e aí eu comprava coisas caras e estranhas que passava no pão, achando que não podia viver sem, e naqueles momentos em que eu estava com o copo de leite na boca e sentia o suave frescor do leite escorrer pela minha garganta e se instalar em todo o meu corpo — sim, aí eu ficava feliz. Pode parecer um pouco estranho, porque não há nada de notável ou dramático nisso, mas naqueles momentos eu ficava perfeitamente feliz. O enjoo também passou,

eu não vomitava quando ganhava comida de verdade e algo de que eu gostava — e por falar nisso, eu gostava de tudo. Sim, sabe, havia muitos momentos bons.

Você precisa ouvir isso, pois já pensei muitíssimo a respeito. Eu costumava ser aflita e desequilibrada, e agora eu tinha motivos de sobra para isso. E aí havia espaço para bons momentos, para bem-estar, e eu nem pensava com tanta mágoa em Johannes. Saudades eu tinha, obviamente, ele sangrava dentro de mim. Mas não doía tanto o fato de ele não se importar comigo, e à noite eu ia dormir sentindo um cansaço prazeroso e só chorava se tornasse a acordar e fosse obrigada a refletir.

No asfalto os carros passavam apressados, deixando um silêncio atento nas ruas. Então um cavalo solitário que puxava uma carroça tropeou, alguns tonéis de leite chacoalharam ruidosamente.

Pois quando você acorda durante a noite e não precisa voltar a dormir imediatamente e não tem outra coisa para fazer, então você necessita pensar, e então os pensamentos vêm em magotes e renques. Todos aqueles pensamentos que você não quer escutar durante o dia. E os pensamentos que me vieram — bem, bem.

Dezessete coroas e casa e café da manhã de graça. Pelo menos quando era só eu, sem filho. E *com* filho, então? Expulsa dali, com certeza. Forçar Johannes a pagar pensão. Forçar meu Johannes.

Arnchild, uma garota lá do Vilarejo da Mina, ganhava vinte e cinco coroas por mês. Ela ia ser corajosa e ia ter o filho, ia mesmo. Mas os pais não queriam tomar parte naquela vergonha, e aí ela foi obrigada a ganhar o mundo, e ninguém queria tê-la em casa com um bebê que chorava, e além disso não queriam alguém que fosse atrás dos homens e engravidasse, pois quando você tem seus próprios filhos, você nunca sabe o que uma pessoa assim pode trazer

para dentro da sua casa — você deve ter ouvido esse tipo de conversa, não? Bem, aí, ou ela trabalhava na Mina ou limpava a casa das pessoas, mas ela precisava morar com o filho em algum lugar e alguém precisava cuidar dele durante o dia — e uma coisa levou à outra. Ela foi parar no barracão de um velho andarilho que soldava panelas e rebitava vasilhas, e que todo mês bebia por uma semana sendo motivo de risadas e diversão para todas as crianças lá do Vilarejo da Mina. De resto, era um sujeito esforçado e legal, um andarilho que fixara residência, e foi bonzinho o bastante para se casar com Arnhild. Mas sempre que bebia, ele atormentava e maltratava o garotinho, e no fim Arnhild teve que dar a criança para adoção. Parece que foi gente boa que o adotou, mas Arnhild andava inquieta e não gostava nada do homem — como poderia gostar? —, e daquilo não resultou outra coisa a não ser pobreza, pois ele bebia, e as pessoas nem sempre tinham coisas para consertar e nem sempre pagavam pelo serviço. Não sei o que aconteceu, mas depois de um tempo ela ficou péssima, e muitas vezes pensei que eu nunca seria estúpida ao ponto de me meter numa encrenca assim.

Isso e um monte de outras coisas passavam pela minha cabeça quando eu ficava pensando durante a noite. Porque eu também gostaria de ter meu filho e tê-lo em paz. Mas que paz? — A sra. Nilsen me falou de uma garota que era empregada na casa de uma gente bem de vida que ela conhecia, e a garota engravidou e foi enxotada quando o fato veio à tona. E pela fala da sra. Nilsen percebi como as pessoas agem, nesses casos, pois ela, que era bastante gentil e o que chamaríamos de uma boa pessoa, ela concordava que garotas assim fossem postas na rua, e ela concordava que Borgny, que costurava calças masculinas por duas coroas cada e que também tinha um filho, deixasse o filho dentro de casa o ano inteiro sem poder sair, pois não se podia andar pela cidade exibindo a própria vergonha. — Enfim, quando o Nils de Borgny começou a frequentar a escola, ficou claro que a sra. Nilsen tinha razão. Mas só fiquei sabendo disso mais tarde, porque ele era pequeno na época, e eu achava um absurdo que o mantivessem dentro de casa sem ele poder sair e brincar com as outras crianças.

Por sinal, é curioso que eu o tenha mencionado agora, pois há poucos dias li num jornal lá em casa que ele era suspeito de roubo e estava em prisão preventiva. Mas que coisa, agora estou perdendo o fio da meada. Onde eu estava mesmo? Ah, sim. — Pois é, me lembrei do dia em que a sra. Nilsen disse aquilo sobre a tal garota.

Estávamos sentadas à bancada da cozinha tomando o café da manhã. Eu a escutava falar enquanto desfazia minha fatia de pão em pedacinhos, levando-os à boca e sentindo minha barriga como um fardo. Sim, era como se ela crescesse e ficasse pesada ao passo que eu escutava a sra. Nilsen. Pois então vinha se infiltrando em mim, como algo frio e pegajoso, a ideia de que não era só ficar perambulando, deixando o tempo passar, tomando leite integral bom e ficando com os braços roliços e me esquecendo de como tudo era desesperador. E entre todos os pensamentos que me invadiam durante a noite, era este que pesava mais sobre mim — a sra. Nilsen sorvendo o café do pires, deixando-o filtrar entre os dois dentes de cada lado da arcada superior, e que de resto era gentil e boa pessoa, e que simplesmente achava certo que alguém que se metesse numa situação como a minha fosse lançado na miséria e não tivesse um lugar no mundo. Havia calor no fogão, e a cozinha cheirava a lenha seca e café e água quente com sabão, estava tão aconchegante e agradável que até me fez sentir frio naquele momento, e lá fora a neve caía cada vez mais espessa, pousando no telhado da casa de lenha, e alguns pardais estavam sentados no varal se encolhendo e se sentindo desconfortáveis, enquanto discutiam a situação precária.

Eu olhava fixamente pela janela, já que dessa forma ela não podia me encarar, sabe, e ficava mastigando os pedacinhos de pão toda vez que lembrava que estava com pão na boca. E minhas mãos estavam muito desajeitadas quando ia beliscar os pedacinhos da fatia, eu me lembro porque revivia isso em detalhes durante a noite e então chorava um bocado.

Bem, a coisa foi piorando cada vez mais, sabe. Era como se eu fosse duas pessoas, uma que preferia ser feliz e indiferente, e uma que via um abismo

escancarado no espaço da minha mente em que morava o futuro. E esse abismo, ele se aproximava mais e mais a cada dia, como você pode imaginar, e eu não podia deixar as coisas continuarem daquele jeito, sem fazer nada.

Bem, então fiz das tripas coração e fui à casa de Johannes, pois ele deveria ser capaz de me dar algum conselho, pensei, e na verdade senti uma pequena rajada de calor dentro de mim, pois pensei que ele seria um pouco bom comigo ao saber das dificuldades pelas quais passava. Ah, nunca me esquecerei daquele dia, sabe. Tive que criar coragem e fui caminhar, era um domingo, até. Tinha nevado bastante, e quando peguei o caminho de volta para a cidade, de repente parou de nevar. De repente. O céu estava preto de neve, mas o mundo estava tão branco e transparente quanto a mais delicada das porcelanas. As árvores, os arbustos e a cerca ao longo da estrada eram uma visão de sonho capaz de se romper diante de meus olhos a qualquer momento. Fiquei com uma sensação de irreabilidade geral. E eu andava apreensiva, não sabia como ia conseguir falar alguma coisa, não sabia o que dizer e testava várias maneiras de dizê-lo enquanto caminhava.

Johannes, eu diria — vou ter um filho. Ou, Johannes, preciso te contar uma coisa.

E aí logo senti um temor terrível e olhei em volta, sem saber do que se tratava — e então o céu havia se tornado azul sem que eu tivesse percebido, o sol brilhava sobre toda aquela neve recém-caída, que se avolumava por toda parte com a leveza da espuma. Num piscar de olhos, o mundo se tornou um conto de fadas branco e dourado cintilante, sim, é o tipo de coisa que pode surgir de supetão como uma realidade em sua mente, como se você estivesse apenas sonhando. Nunca vi o fiorde tão azul como naquele dia. Todo aquele azul intenso me atingiu como uma dor no peito. Sim, você está olhando para mim? O fato é que, sem mais nem menos, eu me encontrava logo em frente à casa onde ele morava, e eu não sabia que já tinha chegado ali, não estava preparada

para o fato de que naquele momento, justamente naquele momento, algo real ia acontecer.

Johannes, vou ter um filho. Mas não, nenhuma palavra. Era como se a voz e a boca não fossem capazes de compreender o comando do cérebro. Johannes tinha acabado de acender o fogão, a acendalha tremulava e crepitava, e havia um leve cheiro de papel queimado. E o rugido do fogão deixou a sala ainda mais fria. Johannes acabara de entrar com uma braçada de lenha, ainda posso sentir o sobressalto que tive quando ele a soltou no chão. Ele bateu as mãos e me olhou surpreso, eu estava ali na sua sala, com os cabelos molhados pela neve que derretia e com o mantô encharcado, e minhas botas haviam formado uma pequena poça.

Talvez houvesse um quê de ojeriza em seus olhos no primeiro instante. Mas logo passou, e ele ficou ali, com as mãos unidas, se esquecendo de que já tinha tirado a fuligem delas, e permaneceu ali enquanto seus olhos lentamente se iluminaram. — Já te disse que tipo de olhos ele tem, Johannes? Ah, são daqueles que brilham de bondade. Ficamos um bom tempo assim, olhando um para o outro, até meu rosto arder, a maneira como ele me olhava fez o calor me inundar. E foi ele quem falou, não consigo lembrar tudo o que disse, também não foi grande coisa, mas lembro que achou que eu estava bonita e estava surpreso com o quão bonita eu estava, nunca me vira tão bonita. E é claro que eu fiquei tão feliz por ele me achar bonita que não consegui dizer uma palavra. E deixei-o tirar meu mantô, pensando, agora tenho que falar, agora vou falar. Mas eu não disse nada. E quando ele desamarrou e tirou minhas botas, eu também não disse nada. E tudo aquilo que não consegui dizer, meu corpo transformou numa enormidade de selvageria quando ele me envolveu em seus braços.

Depois ele ficou deitado fumando, absorto em seus pensamentos, e não viu que eu chorava bem baixinho. Então começou a falar sem olhar para mim, e suas palavras fizeram minhas lágrimas desaparecerem por congelamento, e cada palavra se instalou em todas as partes do meu corpo, paralisando-o, de forma

que fiquei imóvel, apenas ouvindo. Bem, havia algo que ele precisava me dizer, e eu tinha que ser sensata e mostrar um pouco de consideração. Éramos bons amigos, certo? Mas nada mais. E eu não podia aparecer assim quando bem entendesse, talvez não fosse uma boa hora, e o fato era que ele já estava com medo de eu aparecer do nada, isso o deixava nervoso, mas ele me escreveria um bilhetinho quando fosse conveniente e então passaríamos um tempo delicioso juntos como antes — mas apenas quando fosse conveniente. Afinal, ele andava muito atarefado, estava cansado dos afazeres da escola etc. etc. Não me lembro de tudo. Ele mencionou aquela outra coisa, sabe, aquilo do Vilarejo da Mina — ele não estava bravo e não era da sua conta se eu queria me divertir. Mas era um lugar pequeno, e eu tinha má reputação, precisava entender que ele, como professor ginásial, e assim por diante.

No fim, de maneira um tanto atrapalhada consegui me vestir, enquanto ele continuou a falar sem olhar para mim. Lá fora, os pardais chilreavam agressivamente na neve, e então percebi que se calaram, e tudo ficou muito quieto. Quando olhei para fora, vi que nevava outra vez, nevava de um céu azul. De mansinho, a neve polvilhava tudo, e o sol estava um vermelho só, descambando pesado sobre as casas a oeste. A sala já estava quente, e o crepúsculo caiu nela enquanto ainda havia sol. E então fui dominada por um choro violento, estava pronta para sair e fui completamente derrubada por um choro que eu não podia controlar. Pois é, ele ficou espantado, Johannes, e um pouco irritado. Não imaginava que eu me abalaria tanto com aquilo, e também era descabido da minha parte, pois não tinha me dado motivos para levar nosso relacionamento tão a sério, disse ele. De acordo com ele, deveríamos ser capazes de passar momentos agradáveis juntos, sem que eu ficasse histérica.

Ah, achei que ia me despedaçar por completo, e por mais que quisesse, não consegui estancar o choro. Já estava totalmente escuro, de modo que podíamos ver o brilho vermelho saindo do respiro do fogão, e do lado de fora havia tons de azul na neve que o sol abandonara. Mas ele queria me consolar, sabe, ele me abraçou e acariciou meu ombro e disse que algum dia faríamos outra viagem,

sairíamos da cidade, pois ali havia tanta fofoca, e tudo seria diferente se escapássemos um pouco, desde que eu fosse sensata e não levasse as coisas tão a sério. Bem, pois é. Pouco depois parei de chorar, e então ele entregou minhas luvas. E me abraçou de novo quando eu estava prestes a sair, e beijou meu rosto. Eu, que era tão jovem e bela, não podia chorar, e agora deveria ir para casa e me acalmar e não pensar em tantas bobagens que dificultavam a vida para ele e para mim. Mas continuei ali. Quis ir embora naquele momento, mas continuei ali, e percebi que ele queria que eu fosse embora, mas permaneci imóvel. Ele olhou para mim, devia ter pressentido algo, perguntou se havia alguma coisa especial. E eu continuei ali e não consegui dizer nem uma palavra. Ele me pegou pelo braço, querendo me levar até a porta, falando gentilmente e temendo algo.

Então tirei sua mão do meu braço, e aí falei.

Estou grávida, disse.

Nada daquilo que eu tinha ensaiado dizer, mas apenas isso. Houve um longo silêncio. Ou talvez nem tenha sido tão longo assim, foi só como o senti, pois acho que nós dois quase nos esquecemos de respirar.

Tudo o que aconteceu depois, eu não consigo contar de forma coerente. Ele disse que eu estava mentindo. Disse que eu tinha inventado aquilo para prendê-lo, mas que eu não teria êxito. Ele me chamou de nomes feios, palavras que não posso repetir. Estava fora de si. Se era dinheiro que eu queria extorquir dele, poderia esfolá-lo se quisesse, ele não tinha muita coisa. Fiquei plantada no mesmo lugar. Lembro que havia uma grande calma dentro de mim. Uma calma perversa. Ele me pedia ora que me fosse e sumisse da sua frente ora que me sentasse para que pudéssemos conversar com calma sobre o assunto. Permaneci imóvel. Ele disse que eu queria destruí-lo. Se eu quisesse me casar com ele, deveria saber que ele não podia se casar com qualquer uma. Sim, ele estava totalmente desesperado, e só consegui sentir pena dele. De repente, era ele quem estava desesperado e ele quem estava desamparado, e me perguntou que diabos faríamos agora. Quase tive que sorrir e me senti mais velha do que

ele. Mas acho que não sorri. Em contrapartida, ouvi minha voz — e era tão estranho ouvir minha voz — perguntar a ele se tinha outra. Ele ficou bravo, disse, que bobagem. Pôs-se a andar um pouco de um lado para outro, e aí olhou para mim e disse que não havia outra mulher.

Então me sentei, e ele me indagou, como se se tratasse de um interrogatório, se aquilo era mesmo verdade e não algo que eu estava inventando. E só respondi que sim, bem alto. Mas quando ele perguntou se eu tinha certeza de que o bebê era *dele*, não respondi. Em seguida, ele teve outro surto de raiva e grosseria, mas acabou se recompondo. Acendeu a lâmpada e se sentou, e depois de conversarmos longamente, ficou decidido que eu iria ao médico para me livrar daquilo. Ele enfiou uma cédula em minha mão. Eu a olhei com repulsa.

Ele devia estar desequilibrado, e eu não disse nada quando tornou a tirar minhas botas. Ele estava louco e inacreditável.

Passou-se um bom tempo até que eu saísse da casa dele e estivesse pronta para voltar para a minha. A noite estava estrelada, e o céu era iluminado por uma aurora boreal que se achava em algum lugar detrás das colinas. Neve, silêncio e uma geada fina e crepitante, e agora a neve tinha um tom verde-vítreo por toda parte. Eu estava cansada e com fome e me sentia abusada em todos os sentidos. E, dentro da minha luva, havia uma cédula feia, mas muito feia, que me queimava a mão.

Eu me pergunto se há homem que entenda algo do que uma mulher sente num consultório médico assim, a primeira vez que está na sala de espera por aquele motivo. Ali está ela, a dupla criminosa, completamente sozinha. Então, dupla criminosa? Primeiro, ela pecou. E além disso ela quer que o médico a ajude a cometer um crime. Porque *é* um crime! Você já viu imagens e cartazes mostrando os pequenos fetos, é uma evolução tão vertiginosa e maravilhosa — uma viva expressão da vida, de células que se unem a células, que se transformam de acordo com as leis da natureza, a cada dia, a cada hora, algo que absorve sofregamente os nutrientes e que desde o primeiro momento já é dotado de seus dons e talentos, herdados de um número desconhecido de antepassados — sim, uma caixa de surpresas de qualidades que é o ser humano por toda a eternidade! E isso será morto. Esse pedaço de eternidade humana é morto todo santo dia. Pois é, ha-ha, podem muito bem nos proibir de removê-lo, em nome da moral e da Bíblia! Mas ao mesmo tempo nos obrigam a removê-lo, em nome da moral e da Bíblia!

Havia uma costureira na nossa cidade, Borgny. Ela não se deixou ser forçada a removê-lo, deu à luz seu filho e não se tornou imoral por isso, mas cortou um dobrado para conseguir cuidar dele. E como lhe foi permitido cuidar dele? —

Ela não podia aparecer com ele fora de casa, ele acabou se tornando uma espécie de planta palustre que desde então sempre foi débil. E todos aqueles dons com potencial de se desenvolver, contanto que tenham a oportunidade de crescer do jeito certo, o que acontece com eles? Sim, o que acontece com eles quando um pequeno caule como esse é plantado entre as outras crianças e todo dia lhe inculcam a ideia de que pertence a uma variedade diferente e inferior à dos outros, sim, uma variedade completamente vergonhosa! Ai, meu Deus, fico furiosa demais. Porque quando eles se saem tão mal — sim, porque é o que em geral acontece, pois de uma recepção assim neste mundo, a pessoa não sai ilesa — bem, então, veja só! Então Os Justos balançam suas sábias cabeças e dizem, poderia se esperar outra coisa, poderia haver outro resultado com uma mãe assim, pois é, você já ouviu essa? Ah, que a língua de quem diga coisa semelhante seja cortada fora, e se tornar a crescer, que seja cortada fora novamente!

Bem, o que resta é fazer como Borgny, ou como uma garota chamada Arnhild, que, para escapar da vergonha e da miséria, se viu forçada a aceitar o casamento com um velho andarilho dado à bebida. Se trabalham em casa de família, podem ser postas na rua, e se estão numa fábrica, precisam faltar ao trabalho, pois não há ninguém que possa cuidar direito das criancinhas, e aí elas preferem tirá-lo, e há tantas mulheres que precisam tirá-lo que você nem tem noção!

Ela tomou fôlego como depois de uma corrida. Seus olhos estavam ardentemente negros. Distraída, tateou por um cigarro, colocou-o de volta e o pegou de novo, eu queria acendê-lo para ela, mas ela continuou a falar e não percebeu, e o fósforo queimou até se apagar.

Afinal de contas, os médicos não são autorizados. Toda vida deve ser protegida. Não é assim que se diz? E então essas pequenas vidas têm o direito

de vir a um mundo que não quer saber delas. Assim é que é. Ah, já pensei tanto sobre isso que achei que ia enlouquecer. Crucificamos vidinhas que são completamente indefesas, e que não tiveram tempo de fazer mal algum, porque são um estorvo. Em todos os sentidos, são um estorvo. E se formos descobertas, recebemos punição. Sim. E vergonha e ignomínia. — E se não forem mortos no ventre, tanto eles quanto suas mães serão crucificados, lentamente. Ao longo de uma vida inteira. — É isso que as mulheres não ousam, não, Deus, foi isso que não ousei — ser condenada ao ostracismo vitalício com um filho que não teria outros direitos humanos além do leite materno.

Pois é — então o fiz. Mas foi só mais tarde, porque agora vou te contar — então, primeiro ganhei alguns comprimidos e coisa e tal, e era para fazer escalda-pés e saltar e correr e pegar peso pesado. Os comprimidos me deixaram com desarranjo intestinal e zumbido nos ouvidos. E pegar peso — bem, fui levantar o barco do vizinho, estava preso no gelo e tinha uma lona por cima, cheia de neve. Era noite. Se alguém tivesse me visto, pensaria que perdera o juízo. Também não posso deixar de rir, mas sangrei pelo nariz e fiquei com uma torção nas costas, de modo que mal consegui me mexer por vários dias. E eu comia, sim, você precisava ver como eu comia. Eu cozinhava litros de sopa de aveia, pois toda hora batia uma vontade devoradora de tomar sopa de aveia. Aquilo exigia comida no meu corpo! E eu corria para a montanha, sim, corria até o coração latir em meus ouvidos e silvar feito um apito em meus ouvidos e o gosto de sangue arder no nariz e na garganta. Eu corria até cair, literalmente. E se alguém tivesse me visto? Porque, afinal, era ridículo. E posso te dizer que milhares de mulheres ficam correndo e pulando, estrebuchando e se agredindo e sendo ridículas. Com a morte no coração, elas se tornam bufonas e executam disparates equilibrísticos que desmentiriam aquela história de que não querem filhos por comodismo. E isso é seríssimo.

Havia luar numa noite em que eu devia fechar o galinheiro da sra. Nilsen. Subi no telhado do galinheiro olhando em volta como uma ladra, não havia ninguém à vista. De tão cômico, isso aqui é de chorar — um pouco mais

adiante, num rochedo, estava a gata prenhe da sra. Nilsen lambendo suas patas e me observando com interesse. Eu fiquei com vergonha por causa daquela gata, sim, ha-ha, você pode imaginar, eu me envergonhei feito um cachorro diante daquela gata que estava ali, tão gorda e contente, com a barriga cheia de filhotes, achando que estava tudo em ordem e observando meus gestos com uma curiosidade cética. Ha-ha, isso aqui é realmente cômico. Mostrei a língua para ela, mas ela não deu a mínima. Eu a chamei de vadia sem-vergonha, e aí ela inclinou a cabeça de leve, achando que eu era doida. Estava com a pata levantada e se esqueceu completamente de recolher a ponta da língua, aí, ela era tão graciosa que tive que chorar um pouco, pois estava prestes a me atirar num precipício de dois metros. Uma gata pode fazer coisas assim por diversão e para testar suas forças, mas é uma criatura civilizada e não faz isso quando está para ter filhotes!

Bem, pulei. Cerrei os punhos e invoquei Deus e o diabo e pulei. E ali estava eu no chão, convencida de que havia estilhaçado todos os ossos do corpo.

Então soou um grito, um berro de pânico de quem visse um fantasma. Lá estava eu chorando no chão, pois por um tempo foi a única coisa que pude fazer. Mas o grito não saiu da minha garganta! Não, veio da garganta da sra. Nilsen. Ela voltava do banheiro externo no instante em que pulei, ela me viu no ar com os cabelos e a saia esvoaçando ao luar — sim, você pode rir! Pois ela achou que era uma bruxa que tinha vindo do céu, achou que era o Dia do Juízo Final! A gata fugira, sim, diante de *tanto* disparate, uma venerável gata se distancia com grande determinação. E mais tarde, uma eternidade mais tarde, depois de ela ter ido buscar Gunnar, sim, esse era o seu filho, e eles acenderem a lamparina a querosene e se aproximarem em procissão cautelosa para ver do que se tratava, bem, aí ela acabou se sentando no chão e rindo e esfregando as coxas artríticas. Dei uma espécie de explicação pelo meu comportamento estranho, mas não consigo lembrar o que inventei, lembro apenas que ela ficou gemendo — ah, essa juventude, veja só o que são capazes de inventar hoje em dia!

E eu não havia me ferido nem um pouco, mas ela teve que me ajudar a entrar em casa, ela e o filho, e quando me viram à luz da cozinha, ela ficou horrorizada. Bem, nem sei como estava minha aparência, pois tinha medo do espelho. Mas eu tremia tanto que mal consegui ficar em pé, e ela me pôs na cama e me deu cerveja quente com cravo e me envolveu em mantas de lã e disse que era para eu suar, pois a sra. Nilsen era daquelas que acreditavam que todos os males do mundo podiam ser afugentados pelo suor. Foi bom receber todos aqueles cuidados, e chorei como se estivesse sendo açoitada por ela ter sido tão gentil.

Entretanto, eu fiquei deitada ali, pensando que agora teria de acontecer. Fiquei ali pensando que as madames mal ousam pisar na soleira de uma porta por medo de perdê-lo, e aquilo ali tinha sido quase mais do que um ser humano pode suportar. Ainda assim era como se meu ventre estivesse cheio de algodão. Completamente surdo e cego para todos os meus esforços insanos, e à noite tive que descer para comer. Sim, comer!

No dia seguinte, eu estava saudável como nunca, com uma fome de leão e um olho injetado — havia estourado um pequeno vaso sanguíneo.

Parei com toda a autoflagelação idiota. De qualquer forma, não adiantava nada. Àquela altura eu já conhecia algo do caráter daquilo que se preparava para se tornar um ser humano dentro da minha barriga — era uma personalidade, um pequeno tirano que não dava a mínima se eu não queria saber dele, ele exigia comida e se transformava de hora em hora, de acordo com as leis da natureza, e estava tão bem protegido pela própria natureza que era preciso recorrer à violência para lhe tirar a vida.

E então o destruímos com violência.

Seu rosto parecia ter absorvido na pele todo o reflexo da alvorada que havia na janela, estava vivo, com um pálido brilho de prata, enquanto todo o resto da sala morria à luz rarefeita da lâmpada. Ao longe, um bonde vazio saiu em

disparada. A cidade ainda dormia, mas era como se tivesse começado a se espreguiçar no sono.

Sim, o médico da nossa cidade concordou em fazê-lo, só daquela vez. Johannes tinha me avisado, não era nada, uma coisinha de nada, uma simples curetagem do útero. Uma coisinha de nada? Possivelmente. Não doeu tanto. Bem, ao menos não além do suportável. Mas.

Mas. Bem, como posso dizer isso? — Eis que acontece algo no corpo da mulher, uma lembrança diária de que é assim que deve ser. Ou seja — ela funciona de forma diferente da habitual — ela pode sofrer tristezas e dores, mas ela se alimenta, sim, ela tem uma fome voraz e exibe uma saúde e uma energia inéditas. E isso é normal, você pode perguntar a qualquer médico. Há tanto egocentrismo e histeria envolvidos quando uma mulher precisa se poupar e receber atenção especial durante a gravidez. E você encontra esses sentimentos somente naquelas cuja posição no mundo as acostumou a sempre receber tudo e a achar que o mundo vai acabar se lhes é exigida alguma contribuição.

Mas, então, acontece que uma mulher grávida está protegida contra suas próprias paixões — sim, ela é capaz de dormir apesar de qualquer coisa. Ela está protegida porque ela mesma cria uma proteção — ela pode abusar de si própria até enlouquecer, e pode arriscar a vida e a integridade física, mas a natureza segue seu curso dentro dela como se nada tivesse ocorrido. Cada célula, por menor que seja, está preparada para aquilo que vai acontecer.

E então — de repente — você comete contra si mesma um ato que interrompe esse processo. Dali a meia hora, o coração, os rins, o fígado, o ovário, as artérias, as veias, os músculos, os nervos e milhões de pequenas células se reajustam. Artificialmente. *Com violência!* É isso, sabe. É isso que torna aquele ato um pesadelo insano. É isso que te faz sentir náusea nos dentes, nos olhos, na ponta dos dedos, e até a medula, quando está deitada na maca e sente o sangue escorrer daquilo que foi arrancado de seu corpo e de sua alma

durante a noite no consultório médico, em troca de uma cédula para a qual ele nem olhou, mas apenas jogou numa gaveta sem uma palavra sequer. Você está muito pálido, não?

Sei que estou sendo brutal agora. Os homens não gostam de ouvir essas coisas. Vocês *têm que* saber sobre isso. Têm que saber como é a sensação de estar deitada naquela temível maca do médico, enquanto ele cavouca dentro de você, rasgando e espremendo e extraíndo o útero inteiro. O útero não tem sensibilidade. É nas costas que você sente as dores pujantes de um de seus órgãos sendo expelido do corpo e a vida nova sendo raspada de dentro dele. E é sua alma que se esvai em sangue durante essa atrocidade. E o médico? — Conheço médicos que o fizeram de graça. Ele também é uma vítima, o médico. Acaba sendo, porque está tentando ajudar com algo que é insuportável, e não é culpa dele que seja insuportável. Nem é culpa das mulheres nem dos homens pecaminosos, nem da nova vida cuja permissão ninguém pediu.

De quem é a culpa pela atrocidade, então? Ah, esse malfeitor é invisível. O malfeitor reside na mania de julgar que apedreja as mulheres em apuros, e no fato de que a comida, a roupa, o calor e a segurança não são garantidos para *cada pequena criatura humana* a quem a natureza deu vida.

Cheguei a dormir? Devo ter dormido um pouco. Você está me olhando tanto. No que está pensando? Ah, já sei. Havia algo que queria te contar. Eu me lembro de tudo. E você vai saber tudo, pois agora alguém precisa saber tudo sobre mim. Sim, digo, *sobre mim*. Mas não é isso.

Não é só por isso. Se fosse só eu, não teria a menor importância. Não, não há nada de estranho comigo, não é interessante, notável ou excepcional o que posso te contar sobre mim. Não, porque aos poucos me dei conta disso, é a história de mil mulheres, é algo que é uma lei, mas uma aberração de uma lei, que violenta as próprias leis da natureza.

E há um preço a pagar. Por violentar a própria vida, quero dizer. Pois não conhecemos outro Deus além das leis da natureza, da vida. E estamos violando a própria vida. O mundo foi construído torto, com uma espécie de mecanismo que transforma grande número de pessoas em presas na existência, enquanto há uma minoria que está esplendidamente bem e não consegue entender que nem todos estão felizes com a situação e de bom grado se deixariam açoitarem até a morte por eles. E isso em si é uma violência contra a vida, acho eu. Não é a intenção da natureza que seja assim. Pois a natureza tem o suficiente para

todos. Há algo de errado em algum lugar, pois no mundo todo existe mais que o suficiente de tudo, para todos.

Mas há algo que queria te contar, uma coisa que aconteceu comigo e com Johannes antes de eu ir ao médico pela segunda vez.

Foi quando decidi desistir de toda aquela bobagem de correr e levantar peso até sangrar, maltratando meu corpo em vão. Ele me escreveu um bilhetinho, esperava que eu estivesse bem, e eu definitivamente deveria lhe escrever algumas palavras — sim, escrever! — sobre como eu estava, e quando tudo tivesse sido resolvido, nós dois passaríamos uma noite agradável juntos, e passaríamos muitas noites agradáveis. Não me deixou muito impressionada. Sim, eu estava feliz por ele me escrever, mas era como se ele preferisse me manter longe com aquela coisa de eu lhe escrever se tivesse algo a contar.

No entanto, eu tinha começado a me sentir bem-disposta de novo, eu podia pensar como uma pessoa, e pensei que não. Não. Não quero. Não quero fazer isso aqui. Foi uma noite, quando eu estava indo para a cama, e tinha posto bastante lenha no fogão e estava me lavando, parte por parte, na pia de latão enferrujada. Aí aconteceu de eu me olhar no espelho, e então precisei olhar, e olhar de novo. Eu tinha descido a camisolinha até os quadris e vi que meus seios estavam lindos. Eles como que exuberavam viço. Meu pescoço tinha ficado cheio, e estava bonito. Minha pele sempre deu bastante problema, eu estava acostumada a me considerar — bem, pelo menos nada bonita. Mas a pele tinha ficado boa, assim como o cabelo e os olhos, então eu parecia bonita apesar de tudo. E pensei, é por isso. É porque estou grávida. Eu estava ali e me apaixonei um pouco por mim mesma, gostei de mim como me via no espelho, e acariciei meus ombros, que estavam macios e firmes contra minha face. Beijei meu braço. Se conseguisse, beijaria meu ventre, porque ali dentro havia o milagre que estava acontecendo comigo, com a mulher que eu era. Veja bem, na verdade é uma delícia ser mulher. Deveria ser. Pensei se doía dar à luz, fechei os olhos e pensei em todos os detalhes que conhecia sobre um parto. Mas

não estava com medo. Pois senti orgulho e fiquei quente de orgulho, porque é isso que as mulheres são destinadas a realizar no mundo.

Sabe, esse tipo de coisa é algo que você vivencia e lembra, são essas coisas que ficam gravadas e se tornam importantes e decisivas.

E lá estava eu, de repente quente e feliz, com uma felicidade estranha e sem sentido, uma onda calorosa de ternura por tudo e por todos que me fez ansiar por dizê-lo a Johannes, sim, simplesmente dizer algo a Johannes, não sei — mas não era mais que isso. Meus olhos queriam vê-lo, e a pele nas palmas das mãos queria sentir sua nuca, e eu queria contar a ele o que sentia, embora nem tivesse consciência do que era. Então me vesti, em vez de ir para a cama. Pude ver que havia luz em torno das persianas de Johannes, uma fraca luz avermelhada, sim, ele devia estar trabalhando ou lendo jornais. E eu o imaginava em mangas de camisa, ele ergueria os olhos do trabalho, tiraria os óculos e lentamente se iluminaria ao ver como eu estava bonita e feliz naquela noite, ele tiraria os óculos e piscaria um pouco e abriria aquele seu sorriso para mim. Eu me demorei bastante, escovei meu cabelo até brilhar e limpei as unhas.

Estava bem escuro lá fora, e as luzes do cais tremiam no mar negro, e umas lágrimas tremulavam em meus olhos, senti um grande amor por tudo e todos e também por mim mesma. Veio-me um pensamento que apertou friamente meu ventre — o que ele diria quando eu lhe devolvesse a cédula, pois eu não queria me desfazer daquilo? Talvez eu não diria nada mesmo — sim, quanto mais me aproximava de sua casa, maior era minha certeza de que eu não entraria, queria ficar do lado de fora de sua janela somente sabendo que ele estava lá dentro e que eu o amava. E andei com cuidado na neve encrostada, dando preferência aos caminhos desnevados pelas pegadas, e eu só queria ficar ali um minutinho, perto dele.

Uma das persianas estava um tanto desalinhada, criando uma fresta irregular que mostrava um pouco do jogo de sombras na saleta iluminada fracamente, e aquela fresta me deu uma angústia esquisita. Uma angústia me perpassou, senti

náusea e frio, e a estranha e calorosa sensação que tivera pouco antes se transformou numa fraqueza terrível, de modo que tremi e mal consegui ficar em pé. O que estava acontecendo com Johannes? Quis ir embora, mas era como se algo me hipnotizasse, e fiquei cravada no chão, pensei, logo você o verá de relance e se acalmará novamente, então tudo ficará bem. E aí eu tive um vislumbre dele.

Ela se interrompeu e passou a respirar pesadamente. A boca formou palavras que não saíram, ela levou a mão à garganta com um gesto indefeso. Num pátio, um motor deu a partida, matraqueando à maneira de tiros pelas paredes das casas, ela teve um sobressalto e ficou um pouco à escuta, mas preservou a expressão de escuta também depois que o barulho emudeceu e não ouvíamos nada além do tique-taque do relógio e da chuva gorgolejando numa calha.

Primeiro, aquela sombra, grande e informe sobre a parede, e depois Johannes vestindo o colete enquanto atravessava a sala. Em seguida, um pouco do paletó que ele vestia.

E depois — — e depois — — outra sombra. Ah, não sei o que estava acontecendo comigo, mas sucumbi ali onde estava. Pensei, como posso escapar? Como posso me afastar sem fazer ruídos na neve?

— Se é que eu pensei alguma coisa, talvez eu esteja mentindo um pouco, pois meu cérebro estava frio como gelo, e uma frialdade doentia fez o couro cabeludo se contrair, e eu não devo ter pensado nada mesmo. — Era uma mulher. Ela vestiu rapidamente um mantô. Desapareceu da minha vista. E eu permaneci ali, feito uma estátua. Olhei para a janela com olhos mortos. E aí Johannes apareceu e subiu a persiana, abriu a janela e olhou para fora. Acho que a luz não recaiu sobre mim, eu estava na sombra da varanda, sem me mexer, ele chamou bem baixinho, para ver se tinha alguém ali. Depois gritou

mais alto, com raiva. E eu abri a boca para responder, mas não saiu som nenhum. Meus lábios estavam mortos, eram feitos de madeira. A friagem e a tremedeira começaram dentro da barriga, como uma contração que me fez tremer por inteiro, depois acalmei um pouco por dentro. Eu queria correr, fugir, desaparecer, mas me sentei na escada da varanda, a neve fez estalidos na escada, que não era usada durante o inverno. Um pouco de luz incidiu sobre mim, e Johannes disse algo. Não me lembro do que ele disse. A mulher chegou e se posicionou ao lado dele, ele pôs o braço sobre o ombro dela. Eles não conseguiram ver direito quem eu era e ficaram espreitando. Tive que encostar a cabeça na parede. A essa altura a friagem na minha barriga me agarrou de vez, e os dentes começaram a bater. Os dois disseram algo um para o outro, em voz baixa. Aí ela saiu novamente, e eu pude ver sua sombra se movimentar na parede. Acho que consegui dizer quem eu era, porque Johannes começou a ralar, baixinho e entre dentes. Foi grosseiro. Ah, bem, você sabe, esse tipo de coisa não se faz. Passar em frente à janela. Só pode ser interpretado como espionagem. Ele disse algo sobre ele ser livre, ele tinha sua privacidade! — O que eu era para ele, então? E a minha privacidade? Eu estava sentada ali, vivendo minha privacidade do lado de fora de sua janela, na neve. Eu estava morrendo de privacidade. — Ele me ameaçou, me mandou sumir dali, ir para casa. Permaneci sentada. Fui abalada por ondas de tremedeira, uma após outra, e não consegui me mexer. Acho que lhe pedi que fechasse a janela e voltasse para dentro. Ele estava furioso. Disse que era um escândalo, eu queria escandalizá-lo e destruí-lo. Disse que fui eu que iluminei sua sala com uma lanterna. Eu não tinha iluminado nada com lanterna nenhuma. Tampouco havia alguma luz vinda do mar. Estava escuro o tempo todo. Mas ele e a mulher tinham visto uma luz forte de repente, enquanto lá fora eu estava sendo inundada por aquela angústia inexplicável. Até hoje, ele alega que eu usei uma lanterna potente naquela ocasião. É mesmo curioso, não é?

Não sei quanto tempo se passou. Mas ele saiu e dobrou a quina da casa, estava de chapéu e sobretudo e queria me levar para casa. Só que não consegui

me levantar. Ele estava com raiva. Eu tremia feito vara verde. Era como levar chutes em feridas abertas. Percebi que ele havia bebido. Ele me pôs em pé, com a mão bem pesada. Fui forçada a pegar em seu braço enquanto caminhávamos. Ele me arrastou daquela casa horrível.

O que acabara de acontecer começou a ganhar vida em minha mente, e era como se facas estivessem sendo giradas dentro do meu abdômen. Repetidas vezes revivi o tormento desabrido do lado de fora da janela. E ao mesmo tempo — bem, o que é que acontece com uma pessoa? Por Deus, aquela sensação se misturava com o desejo mais feroso. Mas é claro, eu não queria, só de pensar sentia calafrios de enorme repulsa. No entanto, não ousei ficar sozinha, não ousei ser deixada sozinha e ver Johannes ir embora — será que aquele era o fim? — Ele subiu comigo, eu lhe implorei. Ele tinha meia garrafa de algum licor, a trouxera porque precisava se fortalecer após minha *traição*.

Ele disse que tínhamos que conversar, era preciso pôr um fim naquilo. Acabei me dando conta de que ele tinha bebido bastante. Pedi que me desse algo para beber também, entornei o que pude e me senti tonta e prazerosamente entorpecida, acabei me aquecendo de alguma forma. O álcool pode aliviar a dor, já me vali disso muitas vezes. E às vezes bebo com plena consciência de que é necessário, frequentemente há algo que precisa ser amenizado para você suportar viver.

Depois ele falou comigo, e foi horrível, mas ele estava bêbado, oscilando entre diferentes estados de espírito e também me abraçando. Então me agarrei a ele. Eu não queria aquilo que ele imaginava, mas me agarrei a ele com pavor mortal, aceitando faminta cada carícia sua. Ele disse, como se desculpando e alheio ao que estava fazendo comigo, que já estava satisfeito e não podia ficar. Suas palavras me dilaceraram todo o abdômen e apertaram minha garganta, mas não ousei ficar sozinha e lhe pedi que não fosse embora. — Você já ouviu dizer que a última criatura a quem uma pessoa se agarra é o carrasco? O que será que queremos com ele? Bem, não sei. Um pouco de humanidade, talvez, um pouco de *co-humanidade*. Qual é a diferença entre o orgulho e a

humildade? Afinal, o orgulho nada mais é do que ter mais admiração, respeito e amor por si mesmo que pelo outro, e a humildade ocorre quando você doa insanamente mais do que pode.

Ele não me deixou, dormimos juntos. Quer dizer — ele dormiu. Eu estava deitada recobrando a sobriedade, e tudo em mim estava carregado de dor. Senti sua respiração, e ele tinha o odor de outra mulher nele. Passei a mão de mansinho sobre seu rosto, amando cada feição dele e chorando. Mais tarde, ele me possuiu, antes de ir. Foi um ato lascivo de ressaca, e eu fui o que ele queria que eu fosse para ele.

Acho que no fundo ele gostava da situação. Há bastante do macaco em nós. Porque eu — eu — sim, afinal, eu também estava assim, totalmente envolvida.

Eu o amava com uma paixão disforme. Quando ele se foi, senti que tudo o que havia de bom em mim tinha sido morto.

Foi na noite seguinte que fui ao médico fazer aquilo que alguns dizem ser uma coisinha de nada.

Que horas são agora? Tenho pouco tempo. Ah, está tarde. Tenho pouco tempo. Lá vem aquela maldita ansiedade outra vez. Bem, vou me apressar, mas você não pode ficar impaciente. Ai, Deus, agora preciso contar tudo, mas tenho pouco tempo.

Ela se encolheu na poltrona, levando os punhos cerrados ao rosto. Gemeu de leve, e vi que sua testa adquiriu um brilho acinzentado de suor. Servi vinho em sua taça, e ela a pegou hesitante, sua mão tremia um pouco. Ela a devolveu sem beber, virando o rosto. Estava abatido de dor.

Bem. Foi isso. Para mim, Johannes era uma página virada. Quer dizer, eu dizia a mim mesma diariamente que Johannes era uma página virada. Naquela ocasião fiquei alguns dias de cama, mas não o suficiente, pois a ideia de que precisava voltar ao trabalho não me deixou descansar em paz, já que era uma coisa temporária e nada de caixa de previdência, e eu tinha medo da pobreza. Havia muito desemprego naquela época, sabe. Mas eu me sentia doente e péssima, e virava o rosto quando via crianças brincando na rua.

Consegui um cortinado para minha janela, livrando-me de ver se havia luz ou não na casa de Johannes. Mas acontecia de eu ser impelida a sair da cama durante a noite e afastar o cortinado para olhar. E se estava escuro, aí eu sentia uma ternura dolorosa, pois ele ao menos estava sozinho, pensava eu. E se havia luz, aí eu sentia meus dentes tiritarem e revivia tudo o que se passara e o fazia morrer vezes sem fim.

Johannes era uma página virada na minha vida. Mas de vez em quando ele aparecia na loja para comprar cigarros. Então eu dava o troco errado e me comportava como uma boba, mas não olhava para Johannes, pois ele era uma página virada na minha vida.

No Hotel Nilsen nunca havia muitos hóspedes, e havia uma sala de jantar e um salão à moda antiga, com móveis de pelúcia, uma coluna ostentando o Cristo de Thorvaldsen e um pequeno harmônio. Na sua maioria, os que chegavam eram caixeiros-viajantes, e em geral eram os mesmos. Havia um chamado Mohn. Até hoje não sei seu nome de batismo. Às vezes ele tentava me seduzir, mas sempre de forma respeitosa. Ele pedia desculpas e perguntava se eu estava brava. Era solitário. A vida de um caixeiro-viajante é solitária e desordenada. Eu também me sentia sozinha e não ficava brava. Ele vendia artigos miúdos e me deu uma caixa de papel de carta cor-de-rosa com uma violeta no cabeçalho. Ele tinha mãos brancas demais, e as unhas nem sempre estavam muito limpas. Seu rosto tinha algo de desagradável, eu não saberia dizer o quê. Ele era muito bonito, bonito até demais, mas sua boca tinha um quê de repugnante, eu não gostava dele e sentia pena dele porque era completamente impossível gostar dele. Mas não era isso — ai, não, estou me confundindo toda, e meu tempo é curto.

Então, às vezes eu subia para o Vilarejo da Mina também, minha irmã tinha se casado, e minha mãe e meu irmão tiveram que sair da casa, que por sinal era um casebre de lixo, velho e nada confortável. Ela teve que trabalhar fora, foi lavar roupa. Meu irmão havia terminado o primeiro grau e conseguiu emprego na fábrica de enlatados, onde minha irmã trabalhava antes. Ele era apenas um

fedelho e ganhava trinta e cinco centavos por hora na temporada. A maior parte ia para a passagem de ônibus. Mas dessa forma ele tinha esperança de um emprego fixo na fábrica, e além do mais não havia outra coisa. Mas minha mãe — bem, isso eu não suportava. Acontecia de eu dar meia-volta e descer sem ter subido para vê-la.

Entenda, não era só o fato de ela estar com a roupa e a aparência degradadas. Ela havia perdido todos os dentes de cima, foram arrancados, e ela não tinha dinheiro para pôr novos. Quando chegava do trabalho, estava cansada demais para se arrumar, seu cabelo estava em frangalhos, e seus braços tinham manchas de fuligem por causa dos fornos de caldeira, enquanto as mãos estavam vermelhas e inchadas, além de tão enrugadas pela água que doía olhar para elas. Moravam num pequeno quarto de porão, meu irmão e ela. Ali cozinhavam e ali comiam e ali dormiam. A maior parte de nossa mobília, ela vendera. Mas o pior — sim, aquilo que me fez ver *quão* degradada ela estava, era a maneira como falava. Ela ficava bebendo café sem parar e só falava dos outros, os olhos adquiriam um brilho venenoso quando falava das coisas de que se inteirava nas famílias para quem lavava, um pouco de fofoca de cozinha e um pouco de ouvidos atentos, e ela fazia bom uso dos olhos. Ah, Deus, o que há com a pobreza? Será que é a falta de prazeres, será que é aquela fome da mente por circo — será que as falhas e os fracassos dos outros dão uma sensação de que, apesar de tudo, afinal? — ai, mas, caramba, é uma justificativa tão vil! Sim, eu preferia nunca mais passar em casa. Não me sentia vinculada a ninguém, pelos laços de família e tudo o mais. Mas havia outra coisa, e quase igualmente dolorosa — sim, igualmente dolorosa, o que estou dizendo — mais dolorosa do que qualquer outra coisa. E era a alegria que brotava naqueles dois rostos quando eu levava alguma coisa. Um saco de pãezinhos doces. Minha mãe os mergulhava no café com um leite que me forçava a desviar os olhos.

Algumas centenas de gramas de manteiga de verdade, dois ovos. E a expectativa quando eu tirava algo da bolsa, ela falava a esmo sobre outra coisa bem diferente, tentando não olhar para a bolsa. E meu irmão. Ele ficava

sentado no cantinho, na penumbra, perto do fogão, estava sujo e pálido e tinha algo de velho no rosto, o garoto de catorze anos. Eu costumava lhe trazer uma laranja, e ele ficava acanhado dizendo que eu deveria ficar com ela, mas os olhos brilhavam em meio à sujeira, e ele segurava a laranja e lambia a casca e a colocava em cima do armário alto para que pudesse reluzir, e a pegava de novo, se encantando com ela e comendo pequenos pedaços da casca para saborear com parcimônia a fruta preciosa e fazê-la durar. Você entende isso, ah, mas entende mesmo alguma coisa disso? Consegue perceber que era a alegria dos dois que eu menos suportava?

Tudo isso, sabe, tudo isso se assentou como algo pesado e tóxico por cima de tudo o mais que tornava minha própria vida pesada de carregar naquela época, acabou ficando doloroso existir, mesmo que eu não refletisse, pois pairava sobre mim como uma espécie de má consciência, e na verdade eu não sabia onde ela estava nem o que fazer com ela. Mas parecia que havia algo que eu deveria ter feito e não tive tempo de fazer, algo que eu estava negligenciando. Isso me tirava o sono, uma coisa levava à outra, eu ficava deitada ali sofrendo.

Ai, não, já não lembro o que realmente queria te dizer com isso, mas era algo importante, e já não lembro, mas era bastante crucial. Bem, já me virá à memória. Só estou nervosa demais, sim, preciso ir logo, porque já sei que tenho pouco tempo.

Pois bem, é que cada minuto que eu vivia era um minuto de tormento, podia ser sentido como uma dor física constante que não parava de incomodar, e por certo acabava prejudicando a saúde. Eu me virava bem com as dezessete coroas que recebia todo sábado à tarde do Tabaqueiro Madsen, e, afinal, eu morava de graça e tinha meus afazeres no hotel. Mas já não aguentava mais aqueles quartos com garrafas de vinho nos cantos e o cheiro indefinível, e os gestos interessados dos viajantes que pensavam que teriam uma aventura. — Por falar nisso, não era um interesse muito convincente, pois me tornei feiíssima naquela fase. Sim, percebi isso quando às vezes tentava ir a um baile ou coisa assim,

ninguém me tirava para dançar. Meu pescoço ficou mirrado, eu raramente me olhava em algum espelho e não me preocupava em me assear.

Quando a neve começou a cheirar a primavera, e todas as árvores assumiram aquele ar de expectativa, e os pardais começaram a ficar extáticos ao sol, aí a dor latejava feito um abscesso dentro de mim, dia e noite. Algumas vezes eu via Johannes, e então era como se todas as forças me abandonassem, eu me esgueirava por desvios para evitá-lo. Pois, em nome da razão e sem sombra de dúvida, ele era uma página virada na minha vida.

As noites começavam a clarear um pouco, e então eu gostava de subir a pé até o Vilarejo da Mina, e aos domingos eu fazia longas caminhadas solitárias, de preferência por lugares onde não encontrasse rapazes e moças andando de mãos dadas. E aí havia as coisas que eu tinha visto todos os anos mas que se tornavam tão novas e maravilhosas e doloridas para mim, também era algo lindo, mas me atormentava e calava fundo em mim — sim, essa coisa da eterna primavera, sabe. Ao redor da nossa cidade, há sitiozinhos simpáticos, rodeados de bosques e rochedos, e à beira-mar há casas de barcos em cada enseada. Havia montículos de estrume na neve, e os campos estavam amarelos aqui e ali, e tudo cheirava a turfa queimada, e as ovelhas encontravam uma coisa ou outra para comer. E tinham começado a nascer os primeiríssimos cordeiros.

Os cordeiros são sempre muito encantadores e divertidos, mas então toda aquela vida brotando me deixou completamente aturdida. Certo domingo peguei um caminho mais longo até o Vilarejo da Mina. O sol feria meus olhos e eu logo me cansei, tive que parar algumas vezes. Havia umas ovelhas andando por ali, mascando capim e me examinando com ar pensativo. É absolutamente incrível como uma ovelha pode parecer pensativa. Por pura ponderação elas se esquecem de mascar — mas, sabe, já haviam nascido alguns cordeiros. Eles estavam tontos de entusiasmo por terem vindo ao mundo. Corriam dando pulinhos tortos, e a mãe grunhia para lembrá-los de que não deviam desaparecer. Há um mundo de ternura e sabedoria num balido de ovelha áspero. E aí os cordeiros corriam para detrás dos rochedos e se escondiam

mesmo assim, e ficavam horrorizados e instantaneamente famintos quando não viam mais a mãe, chamando-a com balidos ridículos de tão débeis. Imagine só! E ela respondia, sim, ela estava mastigando e gritava de volta em voz áspera e estrondosa, como mastigava parecia que estava falando. Era uma cena que eu já tinha visto tantas vezes, mas eu a estava vendo pela primeira vez, e os dois palhacinhos corriam atrás do próprio rabo e em torno do rochedo e estavam completamente desorientados, chiavam e gritavam, e a mãe berrava e ralhava, e as outras ovelhas entravam na conversa em diversos tons. A terra recendia a brotos, senti minhas unhas cavarem e a mão se encher de grãos de neve e tufo de capim e terra, e por fim eles avistaram a mãe e dispararam entusiasmados em sua direção, correndo direto para sua barriga, onde ficaram esbarrando enquanto sacudiam o rabo em êxtase. E a mãe se pôs outra vez a morder tufo de capim e ficou ali, calma e feliz, mascando e às vezes grunhindo de leve, ela ergueu a cabeça como uma rainha egípcia e olhou para mim, dizendo claramente, olhe para mim, sua pateta.

Senti uma dor no lábio, eu o estava mordendo. E era como se uma corda se rompesse dentro de mim, uma corda que estava esticada havia tempo demais — algo oprimia tanto meu coração que ele queria explodir, e os cordeiros sôfregos faziam um circo, eu dei risada. Sim, acreditei piamente que dava gargalhadas.

Então descobri que me debulhava em lágrimas.

Um ser humano não consegue ficar totalmente sozinho por muito tempo. Eu havia me distanciado por completo das minhas amigas no Vilarejo da Mina, e lá embaixo na cidade as pessoas não me cumprimentavam de bom grado. Não sei qual era a razão disso, mas eu já devia ter má fama. E eu não era diferente das outras, eu ansiava por ter alguém que me fizesse bem, desejava que existisse um homem a quem eu pudesse fazer bem. Não acho que tenha sido uma questão de erotismo ou algo do gênero, eu era tão jovem e tão inexperiente, e nunca poderia imaginar tais coisas com ninguém além de Johannes, e nesse caso era só uma dor abrasadora. E mesmo assim, mesmo assim. Comecei a ficar um pouco feliz toda vez que chegava um caixeiro-viajante chamado Mohn, não porque gostasse dele, mas porque ele gostava de mim, ele me mostrava uma espécie de gentileza, e sua voz e seus olhos eram calorosos, e eu estava começando a achá-lo também simpático.

De vez em quando eu encontrava Johannes. Já te contei como ele é, Johannes? — então, é impossível descrevê-lo, entende, mas ele tem algo, algo — sim, ele parece estar sempre com frio nas mãos, tem umas mãos tão apreensivas. Um dia ele apareceu na loja quando não havia mais ninguém lá, e naquele dia eu não estava insegura e boba, porque Mohn tinha chegado

durante a noite, e de manhã havia um pacote na minha porta, era uma caixinha com estampa de gatinhos por fora e com chocolates por dentro, e um bilhete bobinho, “de alguém bem conhecido, mas inominado”.

Bem, não foi nada, mas mesmo assim foi alguma coisa. Não sei se você me entende. Mas enfim, Johannes olhou para mim com a velha bondade nos olhos, e eu reconheci suas sobrancelhas e as mãos apreensivas, e não senti vergonha por quase ter lágrimas nos olhos. Consegui simplesmente sorrir para ele e lhe perguntar como estava. Ele estava um pouco resfriado, e Johannes tem um jeito de apelar para uma infeliz sensação de ternura nas mulheres. Eu lhe dei um pequeno almanaque, pois não podia abraçá-lo e colar minha boca em suas sobrancelhas, ou levar sua mão à minha face. Mas ele ficou feliz com o almanaquezinho idiota e o folheava com aquelas mãos dele, e você nunca viu Johannes quando seus olhos brilham de alegria.

Ai, agora estou fazendo muita confusão — você pode ver, não há coerência no que estou contando. Mas aquela época era uma confusão só. E sou obrigada a contar a história do jeito que me chega, pois antes de ir embora, há algo que preciso contar até o fim — que horas são?

Fiz um gesto em direção ao relógio de lareira, e ela olhou para ele e se enrolou ainda mais no mantô. Passos esporádicos soavam nas calçadas, e do pátio se ouvia um assobio prazenteiro que subia serpenteando pelas paredes das casas. Uma porta bateu, e em algum lugar um bêbado cantava.

Às vezes, quando havia baile, eu ia ao centro esportivo para ver se me divertia um pouco. Mas nunca dava em nada, ninguém queria dançar comigo, fora aqueles trouxas com quem ninguém mais queria dançar. Havia bastante bebida lá, e alguns dos mais velhos apareciam às tantas da noite para encontrar companheiros de copo, se aglomerar no corredor e conversar. E um dos frequentadores assíduos era nosso organista. Ninguém jamais o viu beber, mas

ele estava sempre firme e bêbado. Era um tipo bem esquisito, e todos sabiam que bebia, mas ele sempre mantinha a postura e tocava excepcionalmente bem. Às vezes ele entrava na igreja à noite e tocava sozinho, e você pode imaginar como era curioso quando alguém passava por ali e via aquela igreja branca afetada reverberar vazia entre os túmulos. A igreja estava situada perto do mar, e o mar cantarolava pela enseada, enquanto a igreja entoava sozinha. O organista, porém, ele falava como uma pessoa sensata quando estava bêbado, fora isso nunca dizia nada. Mas às vezes ele se sentava ao meu lado no centro esportivo e conversava comigo, me dando muito que pensar. Era muito, mas muito, só, o que me fazia sentir menos sozinha quando estava com ele. Ele me olhava com um olho azul e outro castanho e perguntava por que eu estava infeliz. É claro que eu não podia contar a ele. Mas por que será que estou falando dele agora? Bem, deve haver alguma razão.

Johannes começou a aparecer na loja com mais frequência, e ficava ali olhando as revistas e inventando algo para fazer até os outros fregueses terem sido atendidos e estarmos a sós. Quando ele tinha passado um tempo ali, conversando comigo sobre nada, eu me punha a cantarolar e exagerava na quantidade de balas para as crianças que chegavam, dando-lhes mais do que pediam. Um belo dia ele disse, faz muito tempo. Senti sua falta.

Não foi preciso mais. Me perdi por completo naquelas palavras, deixando-as cantar em mim, sustentando-me nelas e pensando que afinal de contas ele devia gostar um pouco de mim, provavelmente tudo ficaria bem. Sim, fiquei fantasiando sozinha assim, com toda a seriedade, é preciso tão pouco para quem está acostumada a sofrer. Às vezes, eu o encontrava na rua, e aí ele sorria e me cumprimentava, e uma luz especial ilumina sua testa quando ele sorri.

Um dia o encontrei a caminho do Vilarejo da Mina. Era um anoitecer claro de primavera, com uma única estrela no céu e um crescente lunar de prata fosca pendurado na copa das árvores. E passarinhos que trinavam um tom solitário e choroso no bosque de bétulas, onde as árvores sonhavam numa névoa de botões prestes a desabrochar, e o laguinho espelhava o último resquício do

azul que se apagava no céu. Sim, foi esse anoitecer que o levou a dar meia-volta e me acompanhar por um trecho. Imagine só, mesmo com gente aqui e ali no caminho e tudo. Havia calor em sua voz, que estava jovem e feliz. E ele disse, imagine se pudéssemos fazer outra viagem juntos. Ele disse, tudo é diferente quando estamos longe desta cidade. Sim, conversamos bastante, foi agradável e íntimo, e não sei como aconteceu, mas eu lhe perguntei ou brinquei com ele — sim, é que joguei verde, querendo saber se estava seriamente envolvido com outra mulher. Ele disse apenas, que bobagem, você não pode dar ouvidos aos falatórios, ele não podia se casar por ora, pois ganhava muito pouco e primeiro precisava ter uma especialização. E fiquei feliz. Por isso, sabe. E não consegui esconder minha felicidade e fiquei de um jeito tal que ele me arrastou para dentro do bosque, e depois sussurrou na minha boca que éramos só nós dois, éramos só ele e eu, e ele me amava. Tiramos os ciscos e as agulhas das coníferas um do outro e brincamos e rimos, e eu estava para lá de qualquer razão ou juízo.

Quando nos despedimos, eu o beijei, no meio da estrada rural, onde a lua nova lançava sombras pálidas, o beijei perguntando se não deveria mesmo visitá-lo mais. Pois eu tinha visto algo em seus olhos, sim, eu tinha visto como que uma sombrinha de preocupação em seus olhos, enquanto ele fumava um cigarro num toco de árvore antes de voltarmos para a estrada.

E aí ele apenas disse que tudo seria melhor se pudéssemos dar uma pequena escapada e ficar a sós, e que faríamos isso um dia, e uma onda de calor me invadiu de modo que gemi, porque ele disse isso. Mas eu lhe perguntei se poderíamos nos ver no meu aniversário, que seria em breve, e eu ia fazer dezoito anos. Ele sorriu e disse que iria ver, ele olhou para o relógio. Nós nos despedimos.

Os dias que se seguiram foram dias estranhos, porque eu estava ansiosa e insegura, e estava feliz e infeliz, inquieta e nervosa, e de volta à mesma coisa de

sempre — só pensava em Johannes. Mas comprei meia garrafa de vinho e algumas frutas, eu o convidaria para meu quarto, ele poderia vir quando os outros lá do hotel tivessem se recolhido, e poderíamos passar uma noite agradável a sós. Na véspera, ele passou na loja, e aí o convidei. Ele pensou um pouco e disse que tentaria ir. Eu disse que ele tinha que ir sem falta, e então ele fez que sim e sorriu, mas parecia um pouco distraído, não prestei muita atenção na hora, mais tarde, porém, me lembrei disso.

No entanto, ele havia prometido vir, e eu esperava ansiosamente, com agudíssimas pontadas de angústia de permeio, mas afinal ele havia prometido. Comprei flores que embelezaram o quarto inóspito e surrupiei uma toalha bonita da sra. Nilsen para pôr na mesa. E ao anoitecer, estava doente de tanta impaciência, achando que o tempo caminhava a passos de tartaruga, e estava com medo de que ele chegasse antes de os outros terem ido dormir, e andava de um lado para outro no quarto, escovando o cabelo, rearranjando as frutas e mudando as flores de lugar, e comecei a escutar. Pois a casa já estava em silêncio. E a lua disparava pequenos lampejos silenciosos entre as pedras da orla, o mar era como veludo. E tudo estava tão quieto, e fiquei à escuta de seus passos. E então a angústia começou a escavar ranhuras sangrentas em minha alegria. Mas ele havia prometido, com certeza viria. Minhas mãos estavam úmidas. Para chegar, ele precisava passar por um lampião no alto da rua, que eu poderia ver pela janela, olhei fixamente para lá, o tempo todo achando que o vira chegar, mas não era ele, e às vezes não era ninguém. Em alguns momentos, eu soube num lampejo cego de dor: ele não virá. Mas eu tornava a abafar a sensação, pensando ouvir passos, mas era só o mar lá na orla. Cada minuto que passava era um ano, e eu dizia a mim mesma que era porque estava muito ansiosa e impaciente. Eu usava uma nova gola branca com meu vestido e precisava conferir no espelho se estava bonita para ele, mas eu não estava bonita, pois os olhos eram duas cavernas escuras numa superfície branco-acinzentada. Na sua janela lá em cima, ele tinha apagado a luz fazia tempo, e pensei que estaria prestes a descer, mas que tivesse travado conversa com

alguém. No fim, a angústia se instalou em mim como uma dor permanente, e cada minuto era um ano de tortura.

Uma locomotiva apitou irritadiça. Na escadaria interna soaram passos arrastados, além do tilintar dos jornais sendo inseridos nas aberturas para correspondência das portas do edifício. Da fábrica, ouviam-se marteladas em chapas de ferro e o roncar de uma máquina. O som de botas na calçada ressoava com frequência cada vez maior. A fumaça de cigarro que flutuava sob o teto reluzia com um fraco reflexo prateado, e o brilho da lâmpada estava sem força.

A lua começou a disparar estrelas pelo mar, o que acabou se transformando num verdadeiro espetáculo pirotécnico, e aos poucos ela juntou os fogos de artifício num rio grande e cintilante que, com o passar da noite, empalideceu, se fragmentou e sumiu. Então a luz na casa de Johannes foi acesa outra vez. E apagada logo depois. Amanhecia, um galo cantou. Quando me olhei no espelho para tirar a bonita gola branca e ir para a cama, meu rosto estava cinza, e os olhos, completamente desprovidos de cor.

E então os dias se passaram novamente, dias enfermos e pesados. Eu estava envergonhada e deprimida. Johannes apareceu na loja, mas havia outros fregueses, e eu me senti despedaçada por dentro de nervosismo enquanto ele ficou ali. E ele mal olhou para mim, talvez parecesse um pouco envergonhado — não, havia um quê de desamparo nele. Não guardo rancor de Johannes. Ele é humano.

Mas não suportei pensar nele, fui para o centro esportivo, e fui basicamente para conversar com o organista grisalho, caso aparecesse. Eu queria lhe pedir que desse uma volta comigo, queria ouvi-lo, queria pensar em tudo o que ele dizia, e não só em Johannes.

Ficamos sentados conversando — ou seja, *ele* falava, mas eu estava inquieta e deprimida, e não ouvi direito o que ele dizia, e então ele olhou para mim e disse, é uma pena, é uma baita de uma pena. Disse ele, aqui você está sendo destruída. Aquilo — aquilo eu não suportava ouvir. E aquele interesse, aquela seriedade — não — ah, fiquei aflitíssima e lhe perguntei se poderia dar uma volta comigo, e então passamos na minha casa e tomamos todo aquele vinho que eu tinha comprado para o meu aniversário, ao qual Johannes não apareceu. Bebi bastante — não estava acostumada, senti o vinho como uma chama no peito e no estômago, e aí a cabeça começou a ficar estranha. Ri um pouco, e depois chorei. Mas Morck, ele só ficou sentado ali olhando para mim, e havia uma seriedade muito grande nele, ele disse, meu Deus. Meu Deus, menina, o que fizeram contigo? Ele tinha um olho azul e outro castanho, Morck, e eles sempre pareciam sóbrios, mesmo que ele estivesse embriagado. Eu o imaginara diferente, sim, pode muito bem ser que tivesse esperado que ele me abraçasse ou algo assim, mas Morck, ele não era desse jeito, e tudo foi um tanto bobo, brindei com ele e disse que era meu único amigo. E, na realidade, ele era.

Esvaziamos a meia garrafa, e entoei uma cantigazinha desconsolada de amor para ele, rindo e chorando e me comportando de forma estranha. Ele estava apenas sério. Deus do céu, criança, disse ele. Então eu fiquei inquieta demais para continuar ali dentro, disse que precisávamos ir tomar um pouco de ar, e sem dizer uma palavra, ele pôs o chapéu e o cachecol. Saímos. Eu cambaleava um pouco ao descer a escada e segurei seu braço. Aí veio Mohn querendo subir, e lhe lancei uma saudação alegre. Ele ficou parado, olhando para nós.

A lua já estava quase cheia, e era uma noite bonita. Senti que o vinho me fizera bem, tendo aliviado um pouco a pressão em mim, mas eu receava o dia de amanhã e choraminguei um pouco porque estava com medo do dia seguinte, que seria ainda pior. Morck perguntou se eu gostava de música e se queria que ele tocasse para mim. Ele disse, é melhor que vinho, e eu me senti grata.

Entramos na igreja, que estava banhada pelo luar. Não acendemos nenhuma

luz, e nossos passos ressoaram, embora andássemos bem silenciosamente.

Foi tão estranho entrar na igreja vazia. Ali dentro cheirava a madeira e reboco e cera de vela e poeira, e era como qualquer casa vazia. Na galeria lá em cima, o luar se filtrava pela janela e se deitava como passadeiras brancas que haviam sido postas obliquamente sobre os bancos, e podíamos vislumbrar toda a igreja vazia e o púlpito vazio e todos os bancos vazios. Morck estava ao meu lado, ele olhou para mim e me perguntou no que estava pensando. Sua voz ecoou no espaço vazio em torno de nós. Limitei-me a balançar a cabeça, pois não sabia no que estava pensando. Ele me perguntou como eu me sentia na igreja vazia, mas eu me limitei a balançar a cabeça mais uma vez. Então ele disse — sim, ele respirou fundo e disse que de sua parte ele tinha um sentimento de solenidade. Sentia ternura pelos bancos vazios e pelos pares de hinários aqui e ali e pelas escadas gastas. Ele não acreditava em Deus, disse ele. Mas acreditava nos seres humanos. Aí tive que olhar para ele, pois não eram nada gentis com ele, as pessoas daquela cidade, falavam muito mal dele e o excluía, ele não tinha outros amigos ali além do órgão, da bebida e de mim.

Ele falava baixinho e disse que se curvaria até o chão naquele espaço, pois ali as pessoas depositavam toda a sua capacidade de amar, que na verdade era bem poderosa. Senti a embriaguez me abandonar lentamente, e não sei direito, mas tive que olhar para ele para ver se estava sério. E ele estava sério, mas além disso estava bêbado. No entanto, fui tomada por um leve temor, pois me perguntava se ele não era meio maluco. Ele disse, aqui o pobre busca sua riqueza, aqui o fraco busca sua força. Para cá vem o temeroso e encontra esperança. E não devemos curvar a cabeça por um poder que é capaz de dar às pessoas uma riqueza inexistente e uma força que enfraquece sua união e uma esperança que lhes tira qualquer esperança para esta vida? — Sim, realmente fiquei com um pouco de medo dele, porque estava tão sério e quase emocionado. Ele disse, amo os seres humanos por sua ingenuidade, amo-os por sua pobreza. Amo-os pela angústia, que os oprime. E agora vou tocar isso para você.

E então ele se sentou ao órgão e tocou todos os hinos de que eu tanto gostava,

“Castelo forte é o nosso Deus” e “Sobre a rocha a igreja está” — sim, essa é uma canção de que gosto muito, mas não entendo nada de música. Aquilo que ele tocava me dava uma sensação boa e suave, e a escuridão do interior da igreja tremeluzia como madrepérola. Escondi-me no cantinho mais escuro da galeria e chorei, eram lágrimas boas. A lua, que havia brilhado obliquamente, estava em ângulo reto agora, deixando a igreja mais iluminada. Vislumbrei o retábulo de que tanto gostava. Mas depois de tocar por um tempo, ele se interrompeu de repente e disse algo. Tive um sobressalto, pois ele não estava mais abafando a voz, ela me atingiu de todas as paredes, ele disse — e agora tocarei outra coisa para você, algo completamente diferente.

Ela girava sua taça e observava com atenção as pálidas refrações da luz que cintilavam no vinho tinto. Uma carroça sacolejava pela rua, e em algum lugar do edifício, alguém bateu uma porta. Ela levou a taça lentamente à boca e bebeu.

Disse ele, agora tocarei aquela riqueza que são os direitos dos seres humanos e a força que está escondida dentro deles mesmos, e a esperança que fará uso dessa força — sim, agora tocarei a indomabilidade, a rebeldia e a realidade, onde a felicidade humana reside, esperando que os próprios seres humanos a conquistem — a conquistem com as próprias mãos, não de conquistá-la com as próprias mãos!

E ao dizer a última frase, ele havia cerrado os punhos, e sua voz falhou. E depois houve um longo silêncio. Só pude ver que estava debruçado sobre o órgão, e não sei se chorava, mas o silêncio era tão grande que a igreja toda estava à escuta. Aí ele disse, numa voz um tanto abafada e entrecortada, de modo que precisei prender a respiração para ouvir — e tocarei minha sensação de impotência para você. Tocarei o porquê eu bebo. — — —

E então a igreja inteira começou a ressoar. Foi uma tempestade de harmonias, e eu tive que me levantar e dar a volta em toda a galeria, ele pusera o volume no máximo, e havia uma seriedade passional no que tocava, e vinha do teto, do púlpito e de todas as paredes, tudo irrompeu em chamadas e pegou fogo com a música, era como um vórtice encarnado. Sim, era como se a igreja toda estivesse em chamadas. Foi maravilhoso! Luta e anseio e felicidade — ah, não consigo descrevê-lo! Mas de repente me senti forte, totalmente incendiada por uma força cuja existência eu desconhecia, era demais para suportar sozinha. Eu queria que a igreja estivesse cheia, sim, eu tinha a impressão de ver pessoas sentadas em todos os bancos, vestidas de preto, brotavam da poeira enlutarada na igreja diante de mim, e erguiam a cabeça, ouvindo atentamente — elas se levantaram. Estavam crescendo — — sim, estenderam as mãos umas às outras, se tornaram uma massa coesa que se adensava e crescia e vagava através dos bancos e de tudo, uma parede sólida de pessoas andando em direção ao mesmo objetivo e com uma força que — sim, com a mesma força que me fez ficar ali na galeria solitária como se estivesse em chamadas, fechando as mãos com tanta firmeza que mal consegui abri-las depois. Era só bobagem, claro, mas as palavras que ele tinha dito e das quais não entendi grande coisa — e a música, aquele braseiro cadenciado que subia e descia como uma vaga — ah, não sei! Mas era uma experiência maravilhosa. E real. Pois eu não estava tendo visões nem nada do tipo, era algo que acontecia dentro de mim, e era belo porque era real. Porque quando me parecia que enxurradas e mais enxurradas de pessoas se moviam e desapareciam onde havia o retábulo, então me dei conta de que era porque o luar refletido pelas janelas se deslocara outra vez, deslizando para uma posição oblíqua, e então o luar incidia diretamente sobre o retábulo, de modo que as cores despontavam como pedras preciosas. De Cristo, só se via aquele rosto repleto de sofrimento e luta e indomabilidade, e seu braço nu que era erguido pelas pessoas que o carregavam, mas uma delas usava uma túnica vermelha, e ela brilhava como um estandarte encarnado na mão de Cristo, ah, havia um ar triunfante nele, já que não se podia ver que ele tinha sido cruci-

ficado — bem, assim estava eu, completamente esbaforida e quente, deixando a música incitar forças inimagináveis em minha alma, e eu já não pensava em Johannes como um pensamento único, tal qual fazia quando chorava por causa dos hinos.

Quando a música parou, pudemos ouvir o mar batendo na orla. Soava como pequenos pedaços de gelo tilintantes sendo esmagados entre as rochas. Senti o batimento do meu coração no corpo inteiro, e as mãos estavam tão firmemente fechadas que pareciam imobilizadas por um espasmo. Morck ficou um bom tempo debruçado sobre as teclas.

Quase achei que ele tivesse dormido, então me aproximei e toquei em seu ombro. Ele ergueu os olhos com um sobressalto, e então vi que Morck era um homem idoso. Mas seus olhos estavam bem vivos, disso não havia dúvida! Não trocamos uma palavra enquanto estávamos na igreja, e quando saímos e ele trancou a porta, perguntei baixinho qual era o nome da peça que ele tinha tocado para mim. Ele me disse que era a *Tocata e fuga em ré menor* de Bach, mas é claro que para mim isso não queria dizer nada, então fiquei em silêncio.

Estava uma noite maravilhosa lá fora. A voz de Morck estava rouca e estranha quando ele disse que agora já estava sóbrio e que precisava correr para casa e se embriagar um pouco de novo antes de ir dormir. Então me lembrei do que ele havia dito sobre querer tocar para mim o porquê de ele beber. E lhe perguntei o que na verdade quisera dizer com aquilo. Ele encolheu os ombros dizendo que não passava de um pobre musicista a serviço de Nosso Senhor. Pensei, ele deve ser meio maluco. Mas eu tinha um grande carinho por ele, então achei que devia dizer algo para que ele não percebesse que eu o achava louco. O campo e a cidade estavam petrificados sob um luar selvagem e branco, e eu preferia ter ficado quieta sobre isso e não o estragar com palavras, mas disse algo sobre como era lindo. Então ele me olhou com um sorrisinho cheio de amargura. Olhou para a lua e para mim, e aí disse numa voz cansadíssima, os seres humanos têm um fraco pelo luar. Ele não os cega. Ele não os queima.

Então caminhamos calados, por muito tempo. Na hora da despedida, ele

disse, nada nasce ao luar.

Pois é, você pode achar estranho que eu fale sobre esse organista, ele não tinha nada a ver comigo, mas seja como for, acho que devo lhe contar sobre ele de qualquer forma, um belo dia ele partiu e se matou. Mas ele me deu algo aquela noite na igreja, e se eu tivesse entendido o que significava, tudo talvez teria sido diferente.

Parte da força que experimentei persistiu, e foi ela que me fez começar a pensar no futuro. Queria tanto aprender alguma coisa, e além disso precisava de algo fixo que me desse uma renda, para me livrar daqueles quartos, pois aquele era um trabalho de que não gostava, nunca havia gostado. A sra. Nilsen tinha começado a me tratar com frieza, o que devia ter algo a ver com minha fama. Percebi a mesma frieza em todo lugar. Imaginei que o motivo tinha sido o organista.

Mohn também mudou. Ele me esperava naquele corredor escuro e me agarrava, mas eu me desvencilhava dele e, por causa da sra. Nilsen, não queria criar um escândalo. Certa noite ele me convidou para tomar uma taça de vinho em seu quarto, mas não aceitei. No salão, então, disse ele. Eu disse, não, obrigada. Ele ficou com uma expressão de desamparo, e pensei que não

precisava ter sido tão hostil com ele. Era provável que fosse bem-intencionado, ele me dava pequenos mimos.

Com Johannes foi um tanto curioso, ele era uma grande fraqueza em mim, e às vezes eu pensava que estava na hora de esquecer Johannes de uma vez por todas e me mexer para fazer alguma coisa. O que eu realmente quis dizer com essa coisa de “me mexer” não estava de todo claro para mim, mas senti que eu tinha força. As ruas já estavam lamacentas, e a neve tinha desaparecido, e os tordos estavam de volta, soltando seu canto jubiloso pelos bosques. Pensei, quero conversar com Johannes sobre o que devo fazer. Quero aprender alguma coisa e usar minha força para algo.

Um dia em que ele esteve na loja, eu lhe disse isso, e foi bom perceber que agora podia conversar com ele sobre coisas sensatas assim. Ele tornou a ser meu professor, o professor ginásial que fazia reflexões e se lembrava de que eu era boa aluna e tinha facilidade para línguas e história. Ele disse que eu deveria ter continuado os estudos, eu merecia ter ido para o segundo grau. E corei de felicidade por ser ele quem estava me dizendo isso e pensei que se pudesse aprender alguma coisa e me tornar alguém, então não seria “qualquer uma” com quem ele jamais poderia se casar. Só que isso custaria dinheiro.

No entanto, foi bom conversar com ele sobre aquelas coisas, perceber seu interesse me aqueceu o coração. Por sinal, ele *era* assim, com todos. Ele era muito bondoso, e era benquisto por todos. Essa é a qualidade original de Johannes, a bondade. Mas ele tem um fraco pelas mulheres. E muitas vezes isso ocorre com os melhores entre os homens, eles têm uma fraqueza tão grande pelas mulheres que se tornam um desastre, tornam-se maus por causa disso, sem querer.

Senti que ainda gostava dele, mas, sem esperança, me conformei com o fato de que seria do jeito que era, e eu queria trabalhar, precisava arrumar um trabalho para o qual direcionar minhas energias. E Johannes me mostrou que só me queria bem, ele trouxe livros para me emprestar, mostrando que pensava em mim. Aqueles livros, eu acariciava, sentindo saudade de uma forma que me

fazia bem, sussurrando “meu Johannes”. Ser sua menina me prendia a ele, e eu aceitava que isso me prendia sem que o prendesse. Quando eu tinha seus livros comigo, era possível ficar sozinha sem inquietação, e me dava grande prazer ler as biografias e o que ele selecionava para mim. Aquilo que eu havia lido antes eram coisas que fui obrigada a descobrir por conta própria, eu podia pegar emprestados livros da estante de uma família onde minha amiga trabalhava como empregada. Foi ela quem me mostrou o *Decameron*, ela o achava tão terrível que o lia toda hora. Mas foi o primeiro livro importante que tive em minhas mãos.

E agora fiquei sabendo de reis e estadistas, de governantes que, por muitas gerações, estiveram nas mãos de especuladores políticos, e de gente que passava fome e trabalhava arduamente, e de mulheres anônimas que tinham poder sobre os que tinham poder, mulheres belas, tolas, astutas e desalmadas que durante todos aqueles anos tinham governado partes do mundo por meio de homens sábios e filóginos. E durante todos aqueles anos as multidões se extenuaram de trabalhar e sangraram por elas e foram para a guerra por elas. Eu ficava sentada até altas horas pensando como era possível que mulheres belas e insensatas mergulhassem povos inteiros na miséria e se nutrissem da pobreza das multidões.

Sim, eu pensava mais do que lia, e eu pensava na minha mãe e em sua labuta martirizante e em todas as crianças que todo dia são impedidas de vir ao mundo, e na tragédia das pessoas coroadas, que não passavam de joguetes vestidos de púrpura e arminho, e que não podiam ser humanas e que nunca eram felizes. Eu tinha que dar os passos que o espaço permitia, movida por uma inquietação abafada que me agitava por dentro. Pois aquilo que eu ficava sabendo, cada vez mais abria novos questionamentos e conduzia os pensamentos para minha própria vida e minha própria época e para tudo à minha volta. Eu ansiava por conversar com Johannes a respeito de tudo isso. Mas quando o mencionei para ele um dia na loja, ele riu de mim e disse, eu não sabia que você era tão revolucionária. Ele não me entendia. Eu poderia ter

chorado, porque significava tanto para mim que justamente ele entendesse aquilo que estava se elaborando em mim e que eu mesma mal entendia.

Perguntei a ele o que pensava ao ler aqueles livros, então. Ele disse que eram interessantes, e eu podia ter bufado na sua cara de irritação. Porque qualquer um deveria perceber que o interessante na história é o que ela nos ensina sobre nosso próprio tempo, não é? Mas você não ouve uma palavra sobre isso na escola, então foi uma novidade para mim, assim que ganhei um pouco de experiência e pude pensar sozinha.

Mas desencadeou-se uma atividade no meu cérebro que eu não consegui controlar nem explicar, e mandei todo o meu salário semanal lá para a minha mãe e fiquei totalmente aflita de vergonha depois. Porque aquilo não resolvia nada, afinal. E tudo se misturava para mim, sabe, se eu lia sobre uma rainha que, para preencher o vazio de sua existência de boneca, dava festas absurdamente caras, pagas com os esforços animais dos camponeses, aí eu pensava nos fogos de artifício lançados pelos endinheirados das cidades grandes em suas residências de verão, as quais pululavam durante a guerra, e nos fogos de artifício assombrados que podíamos vislumbrar lá longe no limiar do oceano, naquela época. Era uma confusão em que se misturavam o luxo e a opulência de um palácio de recreio de uma rainha com o horror da opressão dos camponeses, que eram forçados a pagar a maior parte de sua colheita como imposto para que a rainha pudesse saldar suas dívidas de jogo. E todos, todos concordavam que foi acertado o fato de ter havido revolução, porque aquilo aconteceu em épocas passadas e há muito tempo, mas as mesmas pessoas não enxergavam que a mesma coisa se repetira recentemente, quando os que caíram mortos sob o fogo lá no limiar do oceano foram os mesmos que pagaram as festas regadas a champanhe nas residências de verão, de onde podíamos ver os belos fogos de artifício sendo lançados. Sim, a mim parecia que foi algo que se passou bem na porta da minha casa, aquilo com os camponeses, sem que eu pudesse mexer um dedo para mudá-lo.

Mas os camponeses e os trabalhadores que estavam sendo explorados pela

rainha frívola e pelos estadistas espertos, eles se rebelaram, e houve derramamento de sangue. E eu chorei pela rainha, que foi levada para o cadafalso sem entender que tinha feito alguma coisa errada, pensei que ela era apenas estúpida e no fundo uma pessoa inofensiva. Ela não teve permissão de ser humana porque era um joguete, e ela não sabia o que significava passar necessidade e não entendia o que sua frivolidade custava em termos de sofrimento humano.

Durante a noite, os vapores de luxo passavam lá no fiorde, cintilando como joias, e podíamos ouvir a música a bordo. Mas os jornais diziam que havia cada vez mais desemprego por toda parte e que as pessoas amanheciam mortas nos bancos dos parques pela manhã.

Havia greves e tumultos no mundo inteiro. Já se fizeram revoluções e revoltas, mas mesmo assim muitas coisas continuavam iguais. Devia haver algo errado com aquelas revoluções, algo faltando. Na Rússia, acabara de acontecer a maior de todas as revoluções, mas o que os jornais diziam sobre isso não fazia sentido para mim, pois pelo que entendi, aquela revolução ainda estava acontecendo, mas alguns jornais falavam como se tudo já estivesse decidido e fosse definitivo e que deveria ser assim, e eram coisas horríveis, até onde eu pude ver. Não, não consegui me inteirar de nada, às vezes minha vontade era deixar tudo para lá. Mas não consegui me livrar da sensação de que me *dizia respeito*, tudo me dizia respeito, e tudo tinha algo a ver com tudo o mais. Nada do que acontecia poderia ser compreendido se não se entendesse tudo. Sim, fiquei com a cabeça quente de tantos pensamentos que queriam me dominar, e dentro de mim fulguravam as notas daquilo que Morck havia tocado para mim aquela noite, não lembrava senão fragmentos e ficava desesperada por não ter captado todas as notas — assim como ficava desesperada por não conseguir captar a conexão de tudo aquilo em que me via forçada a pensar e que era incapaz de ignorar.

Certa noite cismeí que precisava ouvir aquela peça outra vez, imediatamente. Tinha a sensação de que o turbilhão de meus pensamentos seria posto em

ordem se eu escutasse aquela música de novo, precisamente na igreja, onde o ar estava carregado de todas as tristezas que as pessoas deixavam ali, e que não diminuía por causa disso. E então me vesti, queria ver se havia luz na casa de Morck. Era uma da manhã.

Chovia, uma chuva suave e propícia à brotação. Havia um odor pungente dos campos ao redor da cidade e do bosque de bétulas prestes a desabrochar, e o mar cantava lá na orla. E eu estava repleta de um anseio ardente pelo meu Johannes que me fez andar ainda mais rápido em direção à casa de Morck, e havia uma confusão dentro de mim, porque tudo aquilo que eu precisava entender, aquilo parecia uma paixão furiosa e infeliz e imperiosa.

Então o vi. Johannes. Ele estava sozinho na chuva, em frente à casa do farmacêutico. Ele estava a alguma distância do lampião, no escuro. Uma figura imóvel e cinza. Meu coração ficou apertado, não sei, eu — uma sensação sufocante de ternura. Ele estava com o chapéu puxado sobre o rosto e o cachecol sobre as orelhas. Mas eu o conhecia, ali onde mal pude vislumbrá-lo, eu o conhecia por toda a eternidade, era meu Johannes. Eu não podia ajudá-lo, havia algo com Johannes que eu ignorava, e eu não podia ajudá-lo. E eu passei por ele sorrateiramente, eu corri. Fugi. Não quis mais pensar nele, pois não adiantava nada, nem se pensasse nele a ponto de morrer.

Havia luz na casa de Morck. Ele morava em cima de uma garagem, sozinho. Eu nunca tinha estado lá antes. Ninguém nunca visitava Morck.

Eu o ouvi cantando e mexendo em coisas lá dentro. Quando bati à porta, ele ficou quieto por um momento, mas não disse, pode entrar. Ouvi um tilintar baixinho de copos. A porta estava trancada. Bati mais uma vez, e tudo ficou bem silencioso, e finalmente ele entreabriu a porta. Eu devia estar com um aspecto estranho, pois ele escancarou a porta e perguntou se tinha acontecido algo comigo. Limitei-me a perguntar se podia entrar. Seu hálito cheirava a vinho, e ele estava exageradamente firme quando foi buscar uma cadeira, da

qual primeiro precisou tirar uma grande quantidade de tralhas. — Eu fiquei um tanto surpresa, pois não sabia que ele tinha um piano de cauda. Estava entulhado de roupa, tralhas e uma grossa camada de poeira. As gavetas de uma cômoda estavam todas abertas. A cama estava desfeita. Havia um cheiro azedo de tabaco velho e vinho e suor. Ele usava um suéter esfarrapado e havia desabotoado o colarinho, que pendia torto.

Eu não sabia o que dizer, minha cabeça era uma confusão só. O que acontecera com tudo aquilo que eu queria lhe dizer e com o que eu queria lhe perguntar? — Ele estava inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, me observando, e me parecia que seus olhos penetravam em mim, embora estivesse tão bêbado que sua cabeça oscilava. E imaginei a figura solitária e cinza de Johannes na chuva e tive que apertar os braços, impotente.

Passado um bom tempo, Morck perguntou se poderia me oferecer alguma coisa, e então consegui, de algum jeito, dizer que estava com a esperança de que ele me levasse à igreja de novo e tocasse como fizera da última vez, mas já não soava convincente. O sentimento impetuoso de ter enveredado por um caminho que me impulsionava a progredir havia se embaralhado. Pensei, será que Johannes esperava por alguém?

E Morck só balançou a cabeça, não, ele não queria tocar órgão coisa nenhuma. Um desconsolo indistinto me anuviou, lhe implorei que o fizesse mesmo assim, imaginando uma espécie de salvação naquilo, que ele tocaria novamente e me transportaria ao mesmo estado de força daquela vez — e agora eu tinha algo mais, afinal, agora eu tinha uma grande quantidade de reflexões que havia feito, e tentei explicar isso a ele, mas acho que soava como uma tolice, porque no meio-tempo eu chorava um pouco, não conseguindo pôr ordem em tudo o que se passava dentro de mim. As mãos de Morck pendiam murchas sobre os joelhos, e havia algo de insensível e alheio no fato de ele estar sentado assim, ele balançava o tronco, e o olho castanho e o olho azul me olhavam cada um de seu mundo, ele era duas pessoas que me encaravam. Ele disse, outra hora, outra hora. Outra hora eu toco.

Então fiquei sentada uns instantes, por educação. Não achei que poderia me levantar e sair imediatamente. Pensei, será que Johannes ainda está lá? Pensei, será que já está em casa, e será que está sozinho? — e eu estava com frio e disse que não sabia que Morck tinha um piano de cauda, devia ser caro um piano de cauda como aquele, não? Ele cantarolou um pouco, disse, é caro, sim. Entreguei minha dignidade humana ao diabo por esse piano de cauda. E com tristeza pensei, ele está bêbado, está bêbado demais. Eu estava sozinha. E não percebi que ele se levantou até que o ouvi abrir a tampa com um estrondo, ele xingou algumas vezes. Puxou uma cadeira e fez tamanha barulheira para se sentar que provocou em mim os piores receios. Mas enfim se acomodou, e depois permaneceu sentado em silêncio total, até tudo ficar tão silencioso que pude ouvir a chuva soprar em torno da casa e meu coração bater.

E então ele tocou. O silêncio se derreteu. Foi com tanta sensibilidade, tanta ternura — e com tanta firmeza, que parecia que nunca bebera uma gota. Algo que era melancólico e leve ao mesmo tempo, ele tocou, era como vinho. Foi um bom momento. Tão cheio de anseio, mas bom. Ah, ali estava eu, amando o piano de cauda e o quartinho sujo e a chuva lá fora, e eu amava a mim mesma e à longa e murcha figura de Morck, sentado ao piano de cauda fazendo bruxaria. Mas toda vez que Johannes me vinha à cabeça, então uma dor me apertava por dentro, e eu o afastava, pois era demais para mim. Quando ele parou de tocar, o silêncio me invadiu como uma escuridão gelada. Ele olhava para mim, ele disse, acho que você precisa de uma taça de vinho. Está com frio. Enxugue as lágrimas.

Eu não sabia que estava chorando, porque nem estava chorando, eram apenas umas lágrimas que tinham se desprendido dos meus olhos. Mas meu coração estremecia, e eu sentia frio nos lábios.

Aquele vinho, eu aceitei com sofreguidão. Ele não bebeu, tampou a garrafa com a rolha e me observou enquanto eu bebia. Então ele se sentou e enrolou um cigarro. Eu lhe pedi um cigarro também. Ele me deu aquele que havia enrolado e pescou uma bituca de algum lugar debaixo do suéter para ele.

Eu disse, esse vinho me fez bem. Ele fumava e olhava para mim, disse, tome cuidado. Muito tempo depois ele disse, a bebida é uma boa amiga para quem a trata bem, e uma falsa amiga para quem acha que pode oferecer qualquer coisa a ela. Aí ele se calou, e eu comecei a me sentir à vontade. Pensei, o vinho é gentil, oferece calma e calor a quem tem medo. O cigarro me deixou um pouco tonta no início, mas desanuviou meus pensamentos, e aos poucos comecei a falar, e achei que falava com sabedoria e propriedade, a respeito de tudo aquilo que tinha pensado e tinha vontade de compartilhar com alguém. Mas Morck estava no mundo dele, disse, tome cuidado. De preferência, você só deve beber sozinha, e de outra forma só quando não aguentar. Não com qualquer um. Nunca em má companhia. Sim, sim, tudo certo, mas agora eu queria falar sobre minhas coisas. O vinho era doce e bom, fresquinho na garganta e agradavelmente quente no estômago. Eu lhe perguntei por que a maioria das pessoas se conformavam em sofrer, quando de fato deveria haver uma saída para que pudessem ficar bem. Ele disse, comigo você pode muito bem beber. Mas não deve beber com ninguém mais. Eu disse, por que não se revoltam, por que não estouram a bolha? Ele me serviu mais vinho e pediu que lhe promettesse nunca tomar vinho com qualquer um. Estávamos falando cada um de seu lado de um muro invisível, tudo acabou sendo apenas disparates, e no fim perguntei, já totalmente desesperada, você disse que entregou sua dignidade humana ao diabo, o que quis dizer com isso?

Ele se levantou, enrolou um cigarro, deu alguns passos e tornou a se sentar com a cabeça inclinada. Ele disse, ouvi tudo o que você falou.

Eu te garanto, ele estava absolutamente sóbrio. Se eu não tivesse sentido seu cheiro no momento em que cheguei, seria possível acreditar que não havia bebido nada. Então ele passou a falar sobre si mesmo.

Mais ou menos uma hora depois, quando fui embora, ele estava com a cabeça apoiada no braço esticado em cima da mesa. A garrafa que acabara de esvaziar pendia em sua mão. Ele gemia sobre o braço, mas não chorava.

Parara de chover. Mas a chuva tinha sugado todo o adensado frescor

primaveril da escuridão, e uma melodia dourada de uma garganta de pássaro exultante cintilou sobre a colina. Parecia extremamente encantador depois do quartinho abafado e das coisas cativantes que o organista havia me contado. Sorvi o frescor noturno de olhos fechados. Mas quando estava prestes a correr para casa a fim de refletir em paz a respeito de todas as coisas que Morck me contara sobre si, tive que parar, e prendi a respiração e pensei, é só algo que estou imaginando porque reside como uma sombra constante dentro de mim.

Johannes continuava imóvel em frente à casa do farmacêutico. Uma pequena janela no andar de cima, com um cortinado vermelho, emitia luz sozinha na casa, brilhava sozinha na escuridão.

Então fiquei completamente fora de mim. Me aproximei dele, ele não me viu, e eu o chamei, baixinho. Ele virou a cabeça e olhou para mim, mas era como se não me visse, e eu gentilmente o peguei pelo braço, e ele me seguiu. Eu estava à beira das lágrimas, o que há com você, Johannes?, disse. À luz do lampião, vi seu rosto, seus olhos tinham aquela expressão admirada que surgia quando ele estava triste com alguma coisa, e seu rosto parecia desgastado e velho. E o nariz de Johannes é tão impossível e esquisito que é de chorar, e aquela noite, no rosto angustiado, estava de um jeito que poderia te fazer cair de joelhos. Ah, havia algo desnudo em seu rosto, e quando o repreendi por ter ficado durante horas no sereno, ele ensaiou um sorriso, mas era como se seus lábios tivessem endurecido. O que eu ia dizer, o que ia fazer? Havia algo de errado com ele, e eu não podia ajudá-lo, por isso lhe dei conselhos estúpidos e maternos, dizendo que precisava beber algo quente e tratar de se aquecer assim que chegasse em casa. Mas eu estava tão aflita que mal tinha fôlego para falar.

Ele me disse que eu poderia ir com ele e aquecê-lo, e me pegou pelo braço, senti o leve estremecimento no braço dele, que me segurou como aço, se agarrando a mim.

Sim. É claro que fui com ele. Foi uma noite impossível e insana. Ele estava louco e diferente, ele me esmagou até eu gritar. E me sussurrou palavras —

palavras ardentes, incríveis. E eu era para ele o que ele queria que eu fosse para ele. Eu era uma vadia. Sim. Há uma puta em quase toda mulher.

Depois ele me beijou cegamente, ele disse que eu tinha que voltar toda noite, eu tinha que vir e ficar com ele. Rosnou e mordeu meu ombro até sangrar, com seus beijos deixou minha boca em farrapos.

O ar cintilava com o canto dos pássaros quando fui embora. Já era quase dia.

E ainda havia desejo em mim e a febril felicidade com a ideia de que agora estaríamos juntos todas as noites.

Mas isso foi sufocado por uma escuridão pesada que penetrou fundo em mim. Pois pensei, Johannes está muito, muito infeliz.

Será que cada ser humano estava fadado a ser infeliz em sua própria existência solitária? Pensei tanto que fiquei tonta e vagarosa, e a sra. Nilsen reclamou da maneira como eu arrumava os quartos. E ela estava certa, eu pulava etapas sempre que podia e odiava aquele trabalho cada vez mais. Morck não podia ter odiado mais intensamente seu trabalho no passado como músico de bar, sobre o qual ele havia me contado. Aquela época em que ele tocava o tipo mais vulgar de música agitada num bar com iluminação vermelha, e em troca de uma remuneração miserável. Ele sonhava em se tornar um grande pianista e quase passava fome para poder praticar o instrumento num depósito de pianos, onde pagava por hora. Ali ele tocou até atingir um estado que chamava de “ira feliz”, a qual o impulsionou a uma atividade passional para melhorar as condições dos músicos. Ele se engajou nesse trabalho, tornando-se um indignado defensor dos labutadores deste mundo. Sua namorada trabalhava na cozinha do mesmo bar, e ela pegou seu casaco e o acompanhou quando o demitiram por ser um agitador. Ela arranhou emprego numa lavanderia. Trabalhou duramente até ficar encurvada, fazendo horas extras e limpando escritórios pela manhã, pois sustentava a ambos até ele conseguir seus alunos de piano. Ai — ah, foi horrível. Vou falar sobre isso depois.

Morck era uma pessoa infeliz. Eu era infeliz. Johannes era infeliz. E ninguém podia ajudar o outro.

A princípio, eu não quis voltar para a casa de Johannes na noite seguinte, achei que ele não tinha falado muito sério. Mas aí não resisti, Johannes me parecia infeliz, eu precisava ir até sua casa, apenas para vê-lo. Mostrar a ele que podia contar comigo, acontecesse o que acontecesse.

Quando cheguei, ele estava na cozinha, secando as mãos que acabara de lavar, estava em mangas de camisa e de óculos. Provavelmente estava ocupado com algum trabalho, e eu senti um afeto absurdo por ele. Tinha tanta bondade nos olhos ao me ver, sabe, e acho que ficou feliz com minha visita, logo de cara. Mas assim que entramos na sala, ele já não parecia tão feliz, disse que estava com dor de cabeça. Tudo bem, estava cansado e indisposto. Na verdade, não fiquei decepcionada. O que eu mais queria era apenas me sentar ao seu lado e sentir que éramos só nós dois na sua sala. Pedi-lhe um cigarro, depois eu ia embora. Ele disse, ora, também isso. E então comentou que eu tinha bebido vinho na noite anterior. Ele não estava bravo, mas havia algo alarmante em seu tom. Não, ciúme não, mas, mas — quase desdém. Ele disse que não queria perguntar onde eu tinha estado, nem com quem, altas horas da noite. Então fumei, sem conseguir dizer nada. Mas enfim me levantei para ir embora e disse que tinha estado com um homem infeliz e que tinha bebido vinho com ele. Nada mais. E perguntei se ele acreditava em mim.

Ele acreditou em mim de muito bom grado. Encolheu os ombros, era problema meu. Aliás, infeliz? Quem diabos era outra coisa?

No fim, ficamos sentados ali por um tempo, e descobri que as pessoas falavam de mim e daquele organista. Era sabido que eu bebia, tinha dado vexame lá no Vilarejo da Mina já no verão passado. E o organista Morck seria capaz de qualquer coisa. Havia cogitado destituí-lo do cargo, era um ultraje à congregação. Ele tocava música profana na casa de Deus à noite. Johannes não era exatamente religioso, isso ele admitia sem problemas, mas concordava que um organista como aquele era um escândalo e tanto para a cidade. Além do

mais, ele tinha ouvido um pouco sobre Morck, de outras épocas, e se fosse verdade, o homem deveria ser denunciado, deveria ter sido deposto faz tempo. Que bebia, todos sabiam, mas que havia sido comunista e fora expulso do trabalho num bar onde tocava, poucos sabiam. No entanto, Johannes tinha ouvido falar, por acaso. E aquele tipo de gente não podia participar da missa, ora, declarou Johannes.

Eu estava olhando para ele, para meu Johannes, e meu coração se encheu de tristeza. Não por Morck nem por mim, mas por Johannes. Tinham conseguido moldá-lo do jeito que queriam, do jeito que as pessoas tinham que ser naquela cidade. Ele fora aceito pela nata da sociedade, jogava cartas com o farmacêutico e o veterinário.

E Morck? Ele viera para a cidade para fugir da bebida outra vez, querendo se entregar ao pequeno-burguesismo de uma cidade menor e se tornar organista da nossa igreja e de qualquer forma tentar se tornar uma pessoa respeitável, casar e ter filhos. Caiu direto na armadilha. A cidade era incapaz de apreciar um Morck. Ele era artista e diferente. Tinha um olho azul e outro castanho, sinal certo de que seria capaz de qualquer coisa.

Se há um lugar no mundo onde você pode se tornar alcoólatra, é a nossa cidade.

Mas quando me levantei para ir embora, então ele disse, não fique com essa cara triste. Hoje estou um pouco indisposto. Você tem que voltar outra hora.

Eu me desanuviei, eu disse, quando?

Aí ele pensou bem e mencionou tal dia — era alguns dias mais tarde. E eu estava feliz, o beijei na boca e nas duas mãos.

Ela parou de falar, fechando os olhos com uma expressão cansada. Eu me levantei e apaguei as luzes. Lá fora chovia, uma chuva densa e inaudível. As ruas estavam luzidias. O silêncio reinava, era aquela hora da manhã em que a calma torna a prevalecer depois de o dia ter começado a se agitar, é como se a

manhã se detivesse por uns instantes para ouvir. Sentei-me de novo e acendi um cigarro. Ela abriu os olhos e olhou para mim sem mudar de posição.

Bem, eu estava me sentindo bastante feliz naqueles dias, pensei que tudo ficaria bem. Na verdade, ele tinha muito a me ensinar, e eu sem dúvida acabaria encontrando o que havia de certo nele. Achei que conseguiria fazê-lo entender o que tinha levado o organista a ser quem era e que o elevava acima de todos os outros da cidade, em seu infortúnio. Enfim, eu estava tão feliz quanto poderia esperar estar. E na noite em que ia a sua casa, decidi fazer de tudo para deixá-lo de bom humor. Ele estava chateado com alguma coisa, e isso deveria levar um tempo, mas depois tudo ficaria bem entre nós. E espiei para fora e olhei para sua janela enquanto me arrumava para ir vê-lo, havia luz, e mandei um beijo com a mão para sua janela. E eu cantarolava e escovava o cabelo, mas quando olhei para lá de novo — sim, aí a luz de repente foi apagada. Lá estava eu com a escova de cabelo na mão — será que aquilo poderia estar certo? E fiquei olhando e olhando, torcendo para que tivesse me enganado. Mas a casa de Johannes estava às escuras.

Bem — se eu ao menos não tivesse estado tão feliz pouco antes. Nunca se deveria estar tão feliz. Pois eu tendia a atribuir uma importância absurda às coisas, ele devia ter ido para a cama, com certeza estava me aguardando e quis tirar um cochilo primeiro. Sim, devia ser isso, e eu me vesti. Mas não pude mais encontrar minha alegria. E ao subir até a casa dele, eu estava com uma espécie de má vontade. Pensei, agora virá algo doloroso de novo, agora sofrerei novamente.

Estava trancada, a porta do porão que dava para a cozinha estava trancada. Mas ele estava me aguardando, não? Tentei afugentar o medo, devia ter sido esquecimento. Talvez ele tivesse saído para resolver algo, conversar com alguém, alguma coisa assim. Nunca vi nada tão escuro quanto aquelas janelas.

A casa estava totalmente morta. Mais ou menos uma hora depois, voltei para casa, cansada e desanimada.

Lá pelas tantas da manhã, a luz foi acesa na casa de Johannes. Logo em seguida, ele a apagou de novo. Então fui me deitar completamente vestida.

Ai, ah, que dias aqueles. Meu corpo parecia ter passado por um moedor de carne, de falta de sono. Johannes estava em meus pensamentos o tempo todo, me envenenando por inteiro. Todo tipo de tarefa era uma tortura, e a ociosidade também. Eu tinha que me forçar a ficar em casa quando via que havia luz na casa dele. Suava frio por causa disso, e meu estômago ficava embrulhado por causa disso.

Ele passou na loja, olhou para mim com cautela, e estava pálido e parecia abatido. Mas havia sol de primavera em seus olhos. Não consegui falar com ele, pois minhas mãos tremiam tanto, e meus lábios tremiam quando ensaiei um sorriso, então inventei algo para fazer nas prateleiras, sentindo seu olhar como uma doce dor em todo o meu ser. Havia outras pessoas na loja, e eu quase desejei que ele tivesse saído antes dos outros, mas ele esperou, e quando estávamos a sós, disse que eu estava com cara de quem não está bem, eu estava com cara de quem precisa espairecer um pouco e comer algo e descansar. E eu me apeguei àquilo, absorvi profundamente o fato de que ele se preocupava comigo, notando que eu parecia não estar bem. Guardei também o que ele havia dito sobre darmos uma escapada juntos, reuni uma felicidade com isso e aquilo, pensando que tudo ficaria bem se eu me tornasse mais equilibrada e não me deixasse abalar tanto com coisas pequenas. Ele tem as suas dificuldades e pode esquecer um combinado de vez em quando, mas isso vai passar, e poderemos ter muita alegria juntos.

Ao sair, ele comprou dois maços de cigarros finos holandeses, um tipo caro que ele não fumava nunca, e deu um deles para mim. Sim, fiquei bastante envergonhada e acanhada de felicidade. Foi a primeira vez que ele me presenteou com alguma coisa, um pequeno mimo.

E, sabe do que mais, realmente consegui me recompor, chegando a uma

espécie de equilíbrio, consegui pegar no sono à noite e consegui afugentar os pensamentos que queriam me matar de tanto me afligir. Forcei-me a me alimentar direito, pensando que se eu me fortalecesse, todo o resto também se resolveria. Comprei óleo de fígado de bacalhau e me concentrei em ficar saudável e bonita — para Johannes. Johannes, Johannes, Johannes!

E a esperança ajudou. Sim, houve momentos em que me senti freneticamente feliz por enfrentar a situação e superá-la, não percebendo que aquele excesso de confiança era em si um sinal de fraqueza.

Um dia subi para o Vilarejo da Mina com alguns ovos para minha mãe e um cartucho de laços de alcaçuz e bolinhas de açúcar para meu irmão, uma prenda preciosa para um tristonho labutador de catorze anos de idade. Um véu de verdor cobria todas as colinas, estava nublado, nuvens cinza-prateadas tornavam a luz do sol cega e branca, o que feria friamente os olhos. As fendas azuis no manto de nuvens eram daquele tom azul-vivo que só anuncia mais tempo molhado, estava bem lamacento na estrada rural, e eu caminhava cantarolando. O ar respirava promessas, eu estava com frio na ponta do nariz e sentia a primavera plena se aproximar, e o sangue como que flutuava em minhas veias, deixando o corpo tonto numa vaga concepção de que a primavera e o verão me aguardavam em algum lugar além da ventania chuvosa e de que todas as delícias da vida estavam em algum lugar, à espera de alguém que tinha sofrido muito e era capaz de recebê-las. Se eu pudesse formular um pensamento, teria sido esse.

E então vi Johannes. — Sim, no primeiro momento vi apenas Johannes. Ele estava levando algo. Era incrível demais para que a mente pudesse concebê-lo de imediato, poderia ser uma mochila ou uma bicicleta. Pois vi Johannes, com meus olhos que saltavam das órbitas, de repente ele estava ali numa curva. E aí foi como se alguém tivesse jogado uma pedra pesada bem no meu estômago. Meu primeiro pensamento consciente foi, agora você precisa seguir em frente, agora você precisa andar como se nada estivesse acontecendo, e não parar, e não desmoronar. E aí continuei andando, atordoada, talvez um pouco mais

depressa, sem uma gota de sangue sobrando no meu cérebro ou no meu corpo, eu continuei andando. Alguém havia atirado uma pedra na boca do meu estômago.

Ele caminhava com uma mulher, bem juntinho. Andavam de braço dado, e os olhos de Johannes brilhavam. Meus lábios formigavam insensibilizados. O couro cabeludo se franziu.

Olhe, para dizer a verdade, não me lembro de mais nada sobre aquela ida ao Vilarajo da Mina. Não saberia te dizer, nem se minha vida dependesse disso, como voltei para casa. Mas lembro que, na manhã seguinte, havia um saco com dois ovos em cima da minha cômoda, e um mísero cartuchinho com balas. Pois só então chorei, e foi por causa daquele cartucho. Muitas vezes são as coisas mais curiosas que te levam a sucumbir.

Bem, hoje, o que aconteceu mais tarde naquela noite me parece algo completamente insano. Mas não poderia ter sido diferente. Considerando o que me tornei depois, seria natural pensar que levei tudo muito a sério na época. Mas sei que não poderia ter sido diferente. E sei que estou certa quando digo que o que senti foi que os acontecimentos daquela noite como que me atiraram num abismo. — Sim, naquela noite fui para a cama com alguém chamado Mohn, um caixeiro-viajante hospedado no hotel. Pois de forma alguma é o *primeiro* que tira o chão de sob os pés de uma mulher.

É o segundo. O número dois é o início. É o primeiro *acaso* que representa a ruína de uma mulher, como se diz.

A essa altura, a manhã tinha começado a ganhar vida para valer. Caminhões, bicicletas. Lá na escadaria soava o ruído tilintante de um balde de água sendo movido e o estalar de escadas sendo esfregadas. Um aspirador foi ligado no andar de cima. Um bonde guinchou nos trilhos.

Ai, ai. Não lembro como aconteceu, quero dizer, como começou. Eu estava no meu quarto tentando acender a lamparina com mãos dormentes e sem forças. Era como acordar de um desmaio. Começou a doer dentro de mim. Um único pensamento me atravessou feito um furacão — não aguento mais, não aguento mais. Alguém bateu à porta, eu não a tinha trancado, e fiquei prendendo a respiração com o coração tremulante, esperando que acontecesse um milagre e que quem estivesse chegando fosse Johannes. Aí era Mohn, querendo saber por que diabos eu não quisera cumprimentá-lo pouco antes. Mas não consegui me lembrar de o ter encontrado e não o ter cumprimentado e permaneci imóvel, incapaz de me mexer, e fui derrubada pela constatação de que não era Johannes, nunca mais, nunca mais. Senti uma náusea raivosa porque Mohn me tirou a lamparina, querendo que continuasse escuro, e me abraçou. Ele deve ter percebido quão impossível eu estava, me soltou e acendeu a lamparina para mim. O mar fremia maldosamente lá na orla. E Mohn parecia mesmo assustado ao ver meu rosto à luz da lamparina. Primeiro, ele quis me tocar de novo, e acho que foi por compaixão, mas eu disse, vá embora, vá embora. —

Porém, quando ele abriu a porta e vi suas costas, aí ouvi o mar e ouvi que o mar e a solidão não me queriam bem, e então gritei, não me abandone, ai, eu estava quase louca de dor.

Do que ele disse, só lembro quando mencionou “uma taça de vinho”, pois absorvi aquela palavra — vinho, vinho, muito vinho, não pensar, apenas beber.

Sim, eu me forcei a me vestir e me lavar, me ajeitando um pouco para agradar Mohn. Ele tinha ido preparar as coisas na sala, onde combinamos nos sentar, depois de eu, com a máxima irritabilidade, recusar o quarto dele.

Ele tinha envolvido a luminária da sala em algo vermelho, não gostei, mas a única coisa que vi foi a garrafa de vinho e as taças que ele providenciara. Ele havia ido à cozinha buscar uma tigelinha para geleia na qual colocou os cigarros, e havia posto cartões de mesa do tipo que ele trazia para vender, com nossos nomes esmeradamente escritos indicando nossos lugares. Ah, ele

realmente quis deixar tudo aconchegante para mim e me consolar o melhor que podia. Ele me olhou esperançoso, parecendo não ter coragem de sorrir, ah, sabe, eu não pude senão sorrir, pois queria me debulhar em lágrimas por ele ser tão gentil comigo.

Pois é, o vinho é uma coisa curiosa. O sangue retorna ao corpo se as tristezas o levaram embora, você sente que começa a irradiar satisfação. E a cabeça fica mais leve, os pensamentos, mais leves, pode surgir uma gota de felicidade que se espalha com o calor do vinho dentro de você. Ondas frias de dor me invadiam, mas me apressei a afugentá-las com a bebida até os pensamentos ficarem completamente embotados, e ouvi como que de longe que tinha começado a tagarelar ali. Estava sentada no sofá, com a cabeça descansando sobre o braço de Mohn, sem me importar. Então, do que eu estava falando?

Ah, eu divagava sobre um homem que eu conhecia, filosofava sobre como um artista podia ser tão escravo de sua arte a ponto de ser capaz de abandonar seus ideais, trair aquilo pelo que lutava e deixar sua namorada em apuros de uma maneira vil, porque a oportunidade para cultivar a música se apresentara.

Mohn brincava com meu cabelo, ele disse, bem, agora vamos brindar.

Eu disse, pensar nisso deve ser o inferno para ele. E ainda mais por uma mulher assim, daquelas que se nutrem da labuta alheia. E velha. Muito mais velha que ele. Ela estava acostumada a comprar o que queria, e o comprou. Ele recebeu uma formação, viajaram juntos para o exterior, e ele ganhou um maravilhoso piano de cauda.

Mohn disse que gostava de música havaiana, música havaiana ao luar era a melhor. Eu disse que não conseguia tirar aquela garota da cabeça, a mulher que ele abandonou. Ela morreu enquanto ele estava na Alemanha, e então veio à tona um grande esquema de abortos induzidos, pois ela morreu após uma intervenção dessas. Mohn disse, vamos falar de coisas mais agradáveis, ele brincava com meu cabelo. Mas eu tinha ficado sentimental, eu disse, o primeiro concerto dele teve que ser cancelado. Pois ele de repente inventou de se embebedar para valer. O mais vil de tudo foi o que ele sentiu, que havia se

deixado comprar pelo ouro que era roubado dos pobres músicos de bar. Ele havia traído seus companheiros. Então, mas não é horrível? E Mohn, ele respondeu, é muito horrível, mas agora vamos beber um pouco.

Então bebemos. Chorei algumas lágrimas porque ele não quis me ouvir, e quando começou a beijar meu pescoço, não me pareceu tão ruim, mas tive que beber bastante para gostar. Eu ria e cantarolava, mantendo febrilmente minha realidade à distância. Mas assim que Mohn deu uma saidinha, ela me inundou como se eu não tivesse bebido uma gota. Naquele momento, enquanto eu estava ali em minha embriaguez vulnerável com um estranho, meu Johannes estava na cama com outra mulher. Eu tinha isso tão dilacerantemente claro para mim que desabei num choro incontrollável no sofá.

Mohn conseguiu aquietá-lo, com beijos e carícias. Mas sobretudo com vinho do Porto. E eu me deixei anestesiá-lo, esvaziando uma taça após outra e me deixando entrar aos tropeços numa ciranda de indiferença. Sim, consegui me convencer de que Johannes já era uma página virada para mim, agora eu queria queimar meus navios de uma vez por todas. Saúde! E a sórdida iluminação vermelha e as carícias indiscretas de Mohn e a bebedeira regada a vinho do Porto e tudo o mais, eu aceitei como algo bom e certo, me deixei ser levada sem fazer nada para me salvar.

E quando fomos pé ante pé para o quarto dele, aí segurei sua mão e achei que Mohn era gentil e bonito e, ao que me parecia, eu gostava bastante dele, e ele gemeu por eu ter apertado sua mão. Havia marcas das minhas unhas nela.

Ela parou e engoliu. Enxugou a testa, vi que estava com o rosto cinza. Umedeceu os lábios e estendeu a taça de vinho, olhando indagativa para mim. Eu enchi a taça com mão pouco firme. Ela bebeu com avidez. Depois continuou, com uma voz que havia perdido toda a sonoridade. Estava completamente desprovida de cor.

Mas de manhã, quando acordei na minha própria cama depois de um breve sono repleto de sonhos e o dia cinza me inundou, aí fiquei deitada sem poder me mover. Por dentro, eu tinha um furacão de desespero. Restava uma poça de repugnância em mim. E daí? Talvez fosse só uma coisa pequena. Mas toda vez que tentava fechar os olhos, eu via Mohn, que assim que tudo acabou, me soltou e correu para a pia, onde se lavou às pressas — não entendi na hora. Para dizer a verdade, não percebi o sentido de seu procedimento no lavatório, apenas que me encheu de uma vergonha desconcertada.

Mas Mohn, pobre pecador, não conseguiu compreender minha odiosa frieza para com ele depois daquilo.

Bem, então tivemos a primavera, ela chegou efervescente sobre nós, com bétulas espumejantes ladeando laguinhos azuis e o ouro e a purpurina das vozes exultantes dos pássaros ecoando pelos bosques.

Eu me esgueirava como uma ladra para ir e voltar do trabalho. Meu quarto se tornou uma prisão da qual não pude escapar, porque a primavera lá fora não quis saber de mim. E um quarto como aquele, um cômodo como aquele, pode se tornar uma verdadeira cova pestilenta por abrigar os suplícios solitários de uma pessoa, eles se alojam nas paredes e no teto e em todos os objetos, e te saúdam com escárnio toda vez que você entra pela porta de um quarto assim. Acho que nunca odiei nada tão intensamente quanto aquele quarto e aquela cama. Pois naquela cama jaziam todos os pensamentos ruins de noites insones, sim, tudo o que há de ruim se instala numa cama assim, faz dela seu lar e é impossível expulsá-lo dali.

Vou te contar, eu estava absolutamente louca. Svanhild era o nome dela, a filha do farmacêutico da cidade, e ela era bonita, muito bonita. Eu a tinha visto muitas vezes, e por um tempo corriam vários boatos de que ela e Johannes estavam noivos. Mas emudeceram, e durante um período ouvi dizer que ela estava prestes a noivar com um bom partido da capital. Ela viajava muito. E aos

poucos fui ganhando confiança nela, ela parecia bonita e decente. Acontecia de eu gostar dela com um sentimento que lembrava um desejo doentio. Agora escute, isso aqui é desesperador e estranho, mas o ciúme é uma coisa estranha. E naquela primavera entrei em crise, não sei mais o que dizer. Mas agora que eu sabia — sim, sabia de tudo, até os mínimos detalhes — agora tinha começado a *olhar* para ela. A princípio, apreensiva, sim, morrendo de medo. Quando eu estava sozinha no meu quarto, quando eu estava deitada na cama à noite sem conseguir dormir, suas feições se gravavam na minha mente, vivas e implacavelmente próximas. Como se fosse o próprio Johannes — sim, o rosto dela se misturava com o dele até eu querer gritar. Aí eu saía da cama e ficava à janela para ver se havia luz detrás da persiana dele. Sim, eu buscava uma espécie de calma na possibilidade de a casa dele estar às escuras, de ele estar dormindo e sozinho. Com isso, às vezes conseguia me iludir a ponto de ter uma espécie de sensação abatida de felicidade — de ausência de dor. Mas você acha que eu poderia ficar em paz e me contentar com isso? Ah, não. Se a casa dele estivesse escura uma noite, então me ocorria a ideia de que talvez eles estivessem na casa *dela*. Pois é, era pura loucura, mas fui instigada e forçada a descer até a casa do farmacêutico, para me convencer de que a casa dela também estava às escuras, e assim poder dormir. O que eu queria com isso? Bem, não poderia ser outra coisa senão me atormentar até enlouquecer, e foi o que fiz. Na primeira noite em que me deixei açoitado por tal ideia e tal esperança perdida, todas as luzes estavam acesas no quarto dela, e nada do cortinado. Então pensei, ela está sozinha. Caso contrário, o cortinado não estaria recolhido. E aí eu deveria ter ido logo para casa, pois é, depois me arrependi de não ter corrido para casa. Mas continuei ali. Para ter certeza. E então foi puxado, o cortinado vermelho. Durante um segundo penetrante e frio como aço, vi que foi puxado, e foi Johannes quem o puxou.

E fiquei ali parada feito uma estátua de sal, em meio a uma tempestade de puro tormento. Enquanto a noite de primavera exalava seu perfume, cantarolando e sussurrando sua serenidade em meu ouvido.

Ah, eu não queria saber — mas fui forçada a saber, e toda vez eu sabia. Eu estava com eles na cama, eles me matavam com cada um de seus abraços. E meu aposento compartilhava comigo todo esse tormento desvairado, que se alojava ali. Se uma ou outra noite eu dormia algumas horas, aí eu acordava de madrugada, e os pensamentos começavam a me macerar. Todo aquele ano com Johannes — uma coisa após outra me golpeava como um diabo, me dizendo que ele havia mentido para mim com muita frequência, que o tempo todo tinha sido Svanhild. Tínhamos sido Svanhild e eu o tempo todo, mas, para ele, Svanhild estava em primeiro lugar. E o mar escutava meus pensamentos e os rumorejava de volta para mim, penetrando como um batedor de aço em minhas feridas abertas. Era uma testemunha sem a menor sombra de compaixão.

E minha aparência! Magra e horrível. Irremediavelmente feia. Todas as pessoas que eu via eram felizes e bonitas. Estava bem quente ao sol, e as moças já desfilavam seus vestidos de verão. Eu escondia minha figura longa e magra debaixo do surrado mantô de inverno, que era quente demais, mas no qual eu passava frio mesmo assim.

Bem, certa noite não aguentei mais. Simplesmente quis beber além da conta, descansar uma noite inteira sob o véu da embriaguez e da inconsciência, e depois tentar me emendar. Bati à porta de Morck, com receio de que ele não tivesse nenhuma bebida em casa.

Ele tinha gim. Logo que entrei, ele me pegou pelos braços sem dizer uma única palavra, e me segurou sob a luz. Logo me soltou e foi buscar a garrafa, pois é, disse ele.

O gim era forte demais. O ar lá dentro estava abafado e nauseante. A lamparina soltava um pouco de fumaça, me dando enjoo. Eu queria me forçar a beber, tudo ficaria melhor assim que a aguardente fizesse efeito. Mas minha cabeça só começou a girar de imediato, e me senti insuportavelmente enjoada. Tentei me levantar. Morck me agarrou, mas eu gritei, saia da minha frente! — E aí aconteceu. Antes de me dar conta, eu estava vomitando tanto que o corpo

todo se contorcia em espasmos. Pensei, é isso que dá deixar de comer. A partir de amanhã, vou me forçar e tratar de me alimentar.

Eu me sentei, resignada, me limitando a olhar apaticamente para Morck, que pegou um balde e um pano e se pôs a limpar minha sujeira. Disse ele, estava precisando de uma limpeza por aqui, ainda bem que você inventou essa. Fui tomada por um cansaço agradável, enquanto ele se ocupava com a limpeza. Adormeci na cadeira. Só acordei quando Morck me carregou e deitou na cama dele, ele me cobriu bem e se sentou numa cadeira ao lado da cama, me vigiando com seu olho azul e seu olho castanho.

Quando acordei, o sol da manhã tingia tudo no quarto de vermelho, e Morck continuava na mesma posição, mas a garrafa na mesa estava quase vazia, e o rosto de Morck como que difuso, mas os olhos permaneciam fixos em mim como antes. Foi uma boa sensação não estar em meu maldito quarto e em minha maldita cama. Eu disse a Morck que se tivesse um pouco de dinheiro, teria fugido da cidade. Morck disse, durma agora, e me engolfei numa agradável e amena sonolência e adormeci. O dia já ia avançado quando Morck me acordou com leite quente e umas fatias grossas de pão, que comi até a última migalha. Caminhando para casa, me senti bem-disposta como havia muito não me sentia e nem sequer pestanejei ao explicar à sra. Nilsen que tinha passado a noite no Vilarejo da Mina com minha mãe.

Morck havia despertado uma esperança em mim, uma pequena esperança, pálida e tímida, pois antes de eu sair, ele disse que nem se fosse a última coisa que fizesse neste mundo, ele me ajudaria para que eu ao menos tivesse uma pequena chance. O simples fato de que havia alguém que *queria* me ajudar, alguém que entendia como era difícil ser eu e queria me ajudar, me fez chorar um pouco, sabe, antes de ir para a loja.

Ah, mas ele realmente tentou me ajudar, mais tarde. E foi a última coisa que fez neste mundo, é verdade. Ele teria me dado tudo, mas não sobrou um trapo depois de suas dívidas terem sido quitadas. E eu estava internada numa clínica quando fiquei sabendo, mas chorei de alegria mesmo assim.

Ela levou os dedos à boca e os beijou de leve, enquanto olhava para o nada com uma ternura distante nos olhos.

Mas é curioso, sabe, foi uma espécie de alívio para mim a publicação na igreja dos proclamas para o casamento de Johannes e Svanhild. Não houve noivado oficial, mas pelo menos foram feitos os proclamas. Quer dizer que ele não esperou por aquela especialização, Johannes, mas se casou sem achar que tinha os devidos meios para tanto. De qualquer forma, ele não apareceu na loja na época, o que me alegrou. E comecei a conseguir comer de novo, sim, se me esquecia de comer, uma fome voraz podia tomar conta de mim.

Um dia em que me esquecera de almoçar, estava na loja arrumando algumas revistas que tinha ido buscar no correio e, primeiro, senti fome. Uma fome repentina, exigente. Surrupiei uma banana e fui até a sala dos fundos para devorá-la. Mas ali tive que me sentar. Pensei, vai passar logo, preciso parar de pensar se há luz na casa de Johannes à noite. Mas um suor frio escorreu pelo meu rosto, fiquei com a testa pegajosa, e um poste de telefone começou a cantar dentro da minha cabeça. Bolinhas pretas rodopiaram no meu cérebro, a náusea me agarrou pela garganta, e então tudo escureceu.

Bem, aí apaguei por um ano ou algo assim, vivendo uma tempestade de loucuras e coisas esquisitas, e então o poste de telefone voltou a soar na minha cabeça, e acordei quando dois homens me tiravam da cadeira e me estiravam no chão. Durou apenas um instante, assim que chegaram eles me ouviram bater na mesa e soltar um gemido. Mandaram chamar Madsen e queriam me mandar para casa, mas logo me recuperei e não quis ir para casa. Madsen não cedeu, disse que não descontaria um centavo, eu devia ir direto para casa e descansar, pois ele preferia que eu ficasse fora por algumas horas descansando a me ver molengar como vinha fazendo ultimamente.

Pois bem, então fui. Mas não queria ir para casa por nada. Porque naquele momento eu na verdade estava bem, o desmaio havia como que desanuviado algo na minha cabeça, o ar estava puro e ameno, e o fino véu de nuvens conferia melancolia ao eterno sorriso primaveril do sol.

Era aquela hora da tarde em que a criançada está na rua no auge da brincadeira, e nas ruelas ressoavam risadas de crianças, gritos e vozes estridentes de crianças. Eu observava umas menininhas pulando amarelinha, elas brigavam furiosamente sobre se alguém tinha ou não tinha pisado na linha, e descobri que eu era capaz de sorrir. E aquele sorriso gerou esperança — se você pode sorrir hoje, talvez consiga rir amanhã, e de repente voltará a ser jovem. Pois é, devo ter pensado algo assim. E fui para a cafeteria e me dei ao luxo de pedir um pão francês com salame e um copo de leite, e fiquei ali saboreando o pão fresco com manteiga clarificada. Foi naquela cafeteria que Johannes e eu certa vez planejamos uma viagem, e é claro que pensar no assunto me doeu, mas me forcei a pensar naquilo, dizendo a mim mesma, você *deve* ser capaz de pensar em tudo o que já passou, deve aprender a lembrá-lo sem deixar que te derrube. E assim, aos poucos, eu me fortaleceria.

Ao sair, comprei para viagem um pacote de pães franceses com frios finos. Queria fazer uma visita ao Vilarejo da Mina. Já fazia muito tempo que não ia até lá. Passei numa loja e comprei chocolate por cinquenta centavos.

A cobertura de nuvens havia se apagado outra vez, e o sol brilhava por trás da copa das árvores. Ele me seguia conforme eu andava. Dançava na copa das árvores diante de mim. Aqui e ali se escondia detrás dos pinheiros ralos no topo da colina, espirrando explosões de luz em meus olhos quando reaparecia. Redescobri o mundo, eu ainda estava viva e ousei me alegrar com isso.

Um pássaro assobiou uma pergunta melancólica para mim, sim, assobiou o tom *para cima*, precisamente o tom de um ponto de interrogação. E eu parei e respondi, assobie o mesmo tom para baixo, agora já sabe, amiguinho! E imagine, ele abraçou a conversa com entusiasmo, apressando-se a repetir minha resposta, foi incrível. Então nós dois escutamos um pouco, e aí ele tentou outra

vez, com *meu* tom. E eu respondi com o tom interrogativo, e então ele veio de novo da copa da árvore, exultante pela companhia. Sim, continuamos assim por um tempo, até eu simplesmente ter de abrir o farnel e comer um pãozinho. E ali estava eu, comendo sanduíche de fiambre fresquinho e escutando, e mastigando de novo e escutando. Quando fiquei quieta, meu amiguinho na copa da árvore fez várias tentativas com perguntas e respostas, e no fim desistiu, houve uma sacudidela num galho de pinheiro, e ele se foi. E eu suspirei, e com esmero envolvi no papel os pães que sobraram, sim, a vida oferecia uma série de alegrias que esperavam apenas que eu tomasse juízo. Apenas aquela coisinha, que um sanduíche de fiambre fresco era novamente algo significativo e curioso na vida, que o paladar tinha seus pequenos acontecimentos.

Pois é, assim eu ia caminhando e sentindo a vida voltar, como uma convalescente após uma grave doença. Porque, afinal, é assim mesmo. Não morremos de amor.

Quando cheguei ao Vilarejo da Mina, descobri que estava contornando cuidadosamente o lugar onde morava minha mãe. E então, num doce arrepio que me percorreu, senti para onde eu queria ir — queria ir ver minha irmã. Ou melhor — o Menininho.

Ele já era um menino grande de mais ou menos seis meses, estava sentado no berço como um homenzinho, mordendo as mãos e com coceira nas gengivas. Babava profusamente e tinha o queixo irritado, mas as bochechas estavam vermelhas e recém-lavadas, e o cabelo cheirava a sabonete de qualidade. Ele choramingou um pouco, esperando sua comida, e, ao ver o prato, riu com raiva e impaciência.

Ai, mas aqui há algo que queria te contar, e agora me escapou. Agora há só o Menininho. Coube a mim lhe dar a papinha, e quando ele começou a ficar satisfeito e babão, aí fingi que ia levar a colher à minha boca, e então ele se aproximou a toda a pressa, de boca aberta. Olhe, havia algo que eu queria te contar que é muito mais importante, mas o babador dele cheirava a leite azedo

e sua nuca a criancinha quente, fingi que ia morder sua nuca e, com os lábios, fiquei mordendo até ele gritar de tanto rir.

Meu cunhado não estava em casa. — Ah, sim, agora estou lembrada, era sobre as casas que eu queria te contar, os novos complexos habitacionais que a empresa mandara construir para os trabalhadores. As plantas já tinham saído no jornal, belas construções modernas, com apartamentos de dois e três dormitórios. Havia água encanada e energia elétrica, e naquela época não eram muitos os que tinham energia elétrica.

Mesmo assim, minha irmã estava descontente, sim, ela se lamuriava e reclamava. Sobretudo de Amund. E o apartamento — sim, era bom, bastava girar um botão para acender a luz, e para ter água bastava ir até a torneira e abri-la, mas. Não foi pintado, era de madeira crua, que logo ficaria feia se ela não se esforçasse e a esfregasse toda hora, e ela havia ficado muito doente, ainda andava doente, aliás. E Amund achava que ela não merecia nada. Mas engravidá-la, isso ele tinha feito de novo, quase logo que se casaram. Por sorte, ela soube como remediar aquilo, mas ficara doente depois, muito doente — se fosse passar por aquela história mais uma vez, aí ela morreria. Mas preferia morrer a ter mais filhos, do jeito que Amund era. Ele já fazia um escândalo se ela apenas comprasse uma colcha florida para o berço e a xingava quando ela dizia que precisava pôr sola em seus sapatos. Bem, eu não sabia o que dizer, sabe, tentei distraí-la dizendo que ela parecia bem, embora isso estivesse longe da verdade, pois ela envelhecera sob os olhos e suas têmporas estavam afundadas. Mas então ela se exaltou. Ela estava bem desequilibrada, estava mesmo, e se eu não acreditasse que ela estava doente, para minha informação ela estava péssima e mal conseguia se arrastar, e se eu quisesse ver — sim, desavergonhada como só uma mulher pode ser diante de outra mulher, ela levantou o vestido e me mostrou sua calcinha. Eu me deitei na cama, não querendo ver mais. E assim vou me arrastando, mal tenho calcinha para trocar, ouvi-a dizer, mas então ela mudou o discurso e perguntou se eu estava passando mal. Murmurei algo sobre não suportar ver sangue. Claro, eu vivia

despreocupada em meu egoísmo e desmaiava ao ver uma gota de sangue, mas nem imaginava, nem podia imaginar, a tortura pela qual uma pobre mulher de operário precisava passar para evitar mais miséria.

Agora, Amund não estava exatamente entre os que ganhavam pouquíssimo. Era mecânico profissional, com um bom salário na oficina do Vilarajo da Mina, e em casa pensavam que ela se saíra bem ao casar com ele. Comentei isso com ela, nosso pai não ganhava tanto quanto Amund.

Pois é, mas aí havia o aluguel. Quase uma semana de salário era gasta só com a casa, e ainda havia a luz cara, por ela poderiam ficar com toda aquela luz, seria preferível morar num dos horríveis barracos da Ladeira e carregar a água, ela estava acostumada a isso — e antes poder se regalar com um pouco de aconchego, um pouco de comida boa e coisas assim, e se ver livre de todas as brigas sobre ela gastar demais com isso ou aquilo porque não havia o suficiente.

—

Ah, como ela falava. Eu não estava mais prestando atenção. Pensei no fato de que ela tirara um feto de alguma maneira — voluntariamente abrindo mão de vivenciar outro Menininho — o que ela me disse ser a coisa mais deliciosa que uma mulher pode viver, naquela vez em que estava deitada com o recém-nascido no peito.

Naquela noite, meus pensamentos se encontravam num estado curioso, enquanto eu descia para a cidade. E era uma noite tão linda, tingida de um tom opalino pelo luar e com nuvens à deriva. Por quê, por quê? — tudo o que eu pensava desembocava num “por quê?” onipresente, e segui o fio tão longe que se tornou uma espécie de resposta. Pude vislumbrar que todos os fios se encontravam como numa teia de aranha, e que todas as coisas sobre as quais eu andava especulando estavam ligadas de alguma forma.

Você vê que mulheres que são criadas para ter filhos e que gostam de ter filhos pequenos, elas cometem uma atrocidade secreta e sangrenta com o próprio corpo para evitar ter filhos, e aí há algo errado em algum lugar. Sim, então todas as pessoas têm que enxergar que há algo totalmente errado em

algum lugar. A não ser que estejam completamente loucas! Pois nesse caso não há imoralidade ou leviandade, mas se trata de mulheres casadas e tudo certo.

Minha irmã, por exemplo. Se não fosse pelo dinheiro e tal, ela teria tido aquele filho, e o teria tido com alegria. Ela temia a pobreza, todos lá no Vilarejo da Mina temem a pobreza, e mais filhos significam mais pobreza. Então, ela tem lá uma boa casa, uma casa bonita e moderna, que a empresa mandou construir para alguns de seus operários. E isso é um gesto bonito da parte da empresa, não é? E aí a empresa precisa cobrar muito dinheiro de aluguel, pois ninguém pode esperar que a empresa faça esse tipo de coisa de graça. E aí acontece que as criancinhas que viriam ao mundo numa casa boa assim precisam ser eliminadas, só podem nascer nas casas mais humildes.

Assim, essas casas se tornam um infortúnio, em vez do contrário. A meu ver, foi a empresa que cometeu a atrocidade sangrenta com minha irmã. Veja bem, aqui você tem um fio na teia de aranha que cruza outro fio. A empresa — quem é a empresa? Será que são os operários, as máquinas, a planta de lavagem, o sistema de elevadores, a ferrovia, a terra e as rochas ricas em pirita? Afinal, isso não é nada que se possa responsabilizar por infanticídio. Os donos da empresa são gente lá do exterior. Nem é um homem, um determinado homem com quem se possa conversar e dizer isso e aquilo. São ações e tal, e com elas não se pode falar. Devem dar dividendos — esses estrangeiros não investem seu dinheiro em empresas norueguesas para ajudar os operários noruegueses a morar bem, mas para que o dinheiro se multiplique.

Tentei dizer algo sobre isso para minha irmã, mas ela não quis escutar, ela disse, não me venha com política! Já tinha política de sobra escutando o discurso de Amund, estava cansada demais para se envolver naquela conversa de homem, e estava farta de que ele, homem casado e tudo, gastava quase todo o seu tempo livre em reuniões e coisas do gênero.

Política? Naquela época, eu nem sabia que aquilo era política. E me deu muito que pensar, era complicado demais para mim. Apenas achava que se tratava de um tipo de matemática, mas uma matemática que se esqueceram de

nos ensinar no ginásio e que, pelo visto, nos seria mais útil saber direito do que equações e tal. E enquanto caminhava para casa sob a escuridão do luar opalino e começando a escutar o sussurro do mar ao me aproximar da cidade, decidi que levaria os jornais da loja para casa e leria todos os tipos de jornais, para ver se havia algo que pudesse fazer todos os meus fios confusos se encontrarem.

Sim, sabe, eu estava tão absorta naquilo, que atravessasse aquela cidade que de certa forma havia sido envenenada por todas as minhas más lembranças e onde cada pedra, cada árvore e cada casa tinham visto toda a minha desgraça e ali estavam, cientes de toda a minha humilhação, e não me dei conta disso até sentir o cheiro do mar lá no beco que descia para o Hotel Nilsen. Quando você se aproximava do hotel onde eu morava, aí era como segurar um mexilhão fresco debaixo do nariz, e fosse como fosse, eu sentia uma conexão com aquele lugar e de algum modo gostava dele. — Sim, meu quarto era o mesmo, de fato, assim que entrei, a escuridão e a solidão invadiram meus pensamentos, insinuando em mim que Johannes — bem, havia luz na sua casa, detrás das cortinas fechadas. O que aconteceu é que me senti forte o bastante para carregar o peso da dor. Pois havia algo novo, havia algo que indicava as forças que eu tinha em mim e me dizia, aqui há algo esperando por você. Sim, sabe, aquilo se juntou a algo do que senti aquela noite na igreja, e decidi que *faria* Morck tocar para mim outra vez. Em troca, eu pediria que me deixasse ajeitar e arrumar sua casa duas vezes por semana, ele era meu único amigo.

Naqueles dias, inúmeras coisas se agitavam dentro de mim, lembro-me minuto a minuto daqueles dias. O que tinha a ver com Johannes, tudo aquilo estava ali e não havia chegado ao fim, mas eu o carregava como se carrega um fardo pesado, cerrando os dentes e dizendo a mim mesma, isso *há de ser* vencido, até chegar ao topo da colina. Sim, pois dentro de mim senti que havia um fim em algum lugar, se eu ao menos aguentasse, sem me entregar e sem

passar fome de propósito e adoecer, então chegaria um momento em que eu poderia tirar o fardo e contemplar a vista lá de cima.

Aquela noite dormi bem. Mas cedo, cedinho, acordei num estado tumultuado, não havia como compreendê-lo, mas trazia mau agouro, era como se eu tivesse me esquecido de alguma coisa. Precisei lutar contra aquilo, batalhei contra algo invisível e escorregadio, procurei em tudo o que tinha pensado na véspera e o encontrei, mas não se fixou direito. Ao soar o primeiro canto de galo num galinheiro distante, eu me levantei e me vesti. Lá fora, as ruas ainda estavam mortas e silenciosas, mas nos jardins e arredores havia um alvoroço furioso de pássaros. E lá no alto da colina, como um fulgurante manancial de alegria, uma canção borbulhou em direção ao céu, sendo lançada ao ar, onde explodiu em milhares de pequenas gotas douradas que se espalharam pelo espaço. O pequeno cantor lá em cima da árvore parecia prestes a estourar de felicidade, e eu estava encostada a uma cerca, deixando toda aquela alegria de viver entrar em todas as minhas feridas e arranhões a ponto de arder, pensando que precisava suportar até aprender a ser feliz.

Pois é, talvez tenha sido um pensamento tolo e ridículo, mas me parecia forte e sabiamente pensado, e me agarrei a uma estaca da cerca, ganhando coragem com isso. E mesmo assim, senti o tempo todo uma cutucada por dentro por ter esquecido algo, e quando vi alguém se esgueirando com pressa ao longo dos jardins das ruas de cima e a reconheci pelos cabelos de azeviche e fiquei observando Svanhild voltar sorrateira da casa de Johannes, então apertei os dentes com tanta força que doeu e agarrei a estaca da cerca de modo que a madeira cortou minha mão, pensando durissimamente que *ali* estava, ali estava chegando aquela coisa dolorosa que havia me cutucado de modo tão difuso por dentro, então agora podia aceitar a dor e voltar a me acalmar. — Sim, a dor estava bem nítida. Muitas vezes de manhãzinha, eu tinha saído da casa dele assim, na ponta dos pés, logo deixei as ondas me inundarem num turbilhão — revivi com amargura o cansaço quente do abraço de Johannes, a pequena e aflitiva felicidade que trazia nela o anseio pela próxima vez — e agora eu estava

ali e era a moça mais solitária do mundo numa manhã primaveril que cintilava em seu dourado, enquanto a mulher dele corria para casa, bem diante dos meus olhos, quente e feliz. Pois é, lá estava eu gemendo um pouco e aceitando a dor. Pensei, vai passar, vai passar. Em algum momento tem que passar. No entanto, em meus olhos brotavam lágrimas de dor. Mas — uma coisa fantástica havia acontecido. Lembre-se, eu tinha apenas dezoito anos de idade, não são muitos anos. E pelo meu corpo contrações trêmulas e desejo amargo e dores tremendas se contorciam. Mas não desmoronei, tampouco fugi, não me entreguei. Pois havia acontecido o seguinte: eu tinha começado a lutar. Minha consciência estava presente, ela olhava com os olhos abertos, duros, para a maldição. E aquilo, sabe, era como se eu tivesse recebido um presente. Um presente amargo, um presente pesado e desafiador e cansativo, mas um presente. Parecia uma força feita de paixão — uma paixão dura e cinzenta, mas não sem certa alegria amarga. Escute, você entende alguma coisa do que estou dizendo? Ficarei com menos medo se souber que você entende o que quero com você. Sim, porque estou com medo, não sei, mas às vezes ele me pega e me leva como uma folha ao vento, o pavor cinza. — Bem, medo? Não, medo não, não tenho medo. Não mais.

Suas mãos tinham ficado inquietas. Ela estava mexendo em sua mala, abriu-a e pegou a caixinha. Suas mãos brincaram um pouco com ela, abrindo e fechando, mas em seguida a pôs rapidamente de volta na mala, a qual fechou com um estalo e pousou no chão outra vez.

Bem. Mas o que eu estava te contando mesmo? Ah, já sei, daquela vez em que o organista causou um escândalo na igreja. — Não, será que era isso? Não, não estou bem da cabeça, estou me confundindo. Ai, quando essas dores se instalam, aí não consigo pensar. Mas preciso, preciso te contar tudo isso, pois tenho pouco tempo, que horas são agora? É que estou me distraindo agora, com

algo que é de outra época e que não te contei, achei que não tinha importância. Diz respeito a Johannes, foi seu mau começo. *Ele* também tem uma corrente a arrastar pela vida, só para você saber, e isso — bem, não é nada romântico, tem a ver com dinheiro. Ele tinha uma boa formação, conseguiu se tornar professor ginasial, mas ele era mais pobre que um mineiro. Ah, ouvi tantas histórias de sucesso na vida, sobre aqueles que começam sem nada, e com empenho, frugalidade, determinação, e por aí vai. Uma pessoa que conheci, ele se chamava Carl, ele era assim. Tinha muito dinheiro no banco e uma peixaria que o deixou rico. A propósito, fui casada com ele por dois anos. — Te contei que já fui casada? Ele era o que se chama de autossuficiente. Mas sei que quem é autossuficiente e consegue fazer fortuna precisa, além de seu empenho e de sua habilidade, estar equipado com uma boa dose de inescrupulosidade, ou ser cara de pau — não é por acaso que ser cara de pau é considerado um dom.

Mas, meu Deus, como estou atrapalhada. É apenas Johannes que está me assombrando. Pois um homem que começa endividado, ele é igual àquele da lenda, bem, não lembro seu nome, porque agora está doendo adoidado em mim, e sinto frio porque o hálito da morte é gelado. Ah, bem, o homem da lenda que luta com a pedra pesada e toda vez que consegue colocá-la no lugar ela torna a rolar para baixo. Ai, meu Deus, é impossível pensar direito, mas não era assim? E Johannes, ele anda tão silenciosamente com seu fardo, sempre anda silenciosamente, Johannes.

Mas e aquela manhã de primavera sobre a qual eu estava te contando? Já me lembro de tudo, sim, Deus do céu, agora já está ganhando vida de novo. Aquela vez sofri por causa de Johannes e descobri que conseguia olhar de olhos abertos para aquele sofrimento sem desmaiar, eu disse a mim mesma que agora me livraria de Johannes. Quantas vezes na vida me livrei definitivamente de Johannes?

Nunca me livrarei de Johannes.

Uma manhã, há muitos anos, fui caminhar, desgrudei de uma cerca, onde eu quase tinha me enraizado num tormento que já foi o tormento de muitas

pessoas através de todas as manhãs primaveris do mundo. E adentrando o bosque recente, passei a vau por um dilúvio de pássaros que cantavam e senti uma dura alegria ao descobrir que havia forças escondidas em minha própria consciência, sim, em minha sede de conhecimento e minha sensação de ser uma pessoa num mundo cheio de pessoas que labutavam acorrentadas.

Eu precisava falar com alguém, ansiava pela chegada do dia e pelo momento em que as pessoas saíam de casa, para que eu pudesse vê-las e saudá-las bem baixinho, comigo mesma. Era como uma promessa.

E os operários estavam indo para a fábrica quando voltei para casa, a fumaça saía das chaminés, e as vozes ecoavam pelas ruas silenciosas com os passos de pesadas botas de trabalho. A casa de campo do diretor da fábrica estava com as venezianas fechadas, olhando cegamente para a baía em direção à cidade, estava ali como o palácio dormente de uma Bela Adormecida ao sol da manhã. Lá não morava ninguém a não ser o caseiro, que providenciava para que não houvesse assaltos à adega, à coleção de armas, às coleções de antiguidades ou a qualquer uma das coisas belas que havia lá dentro, e das quais ninguém desfrutava além de algumas semanas durante o verão. Exceto o caseiro, Tellefsen, e sua esposa, que tinham uma casinha só para eles e uma boa vida, e recebiam um belo salário para cuidar de tudo aquilo.

Sim, era uma manhã bonita. Mas aí havia aquela coisa, que eu parecia ter me esquecido de algo. Algo que eu não conseguia lembrar. Era como se passos apressados estivessem ao meu encalço, mas quando me virava, não via nada.

À noite, comprei um monte de jornais, duas maçãs e um saco de pãezinhos doces para levar para casa. Queria me mimar.

E fiquei mastigando ruidosamente a maçã, lendo sobre as greves no porto e sobre os socialistas que estavam matando a indústria e o comércio do país, assolando tudo. Havia algo chamado “os defensores da sociedade”, um grupo de jovens simpáticos e corajosos que se opunham aos vândalos no porto, e eles não se achavam melhores que ninguém, mas carregavam e descarregavam como trabalhadores comuns para salvar o comércio da Noruega. Havia um pequeno

artigo bem-humorado com uma ilustração engraçada, dizendo que agora os trabalhadores grevistas poderiam tranquilamente fazer uma excursão no campo ou tomar sol nos bancos do parque, pois a esperança é a última que morre. E os operários podiam muito bem se embebedar até nos dias de semana, pois estavam sendo sustentados por Moscou, então não havia problema nenhum para eles.

Sim, era o que dizia, e eu engoli até as sementes da maçã.

Pois eu sabia o que uma greve significava para os operários. Meu pai participara da greve no Vilarajo da Mina alguns anos antes, e naquele inverno fomos para a floresta juntar gravetos para queimar no fogão a lenha, e era pouca a comida que se comprava com as duas coroas pagas pelo sindicato do fundo de greve, e o pior de tudo eram as lágrimas e as lamentações da minha mãe. Ela dizia, essa política nos levará à morte por fome, você devia é ser grato pelo trabalho e agradecer a Deus por não estar desempregado — sim, porque já passamos por isso também — e ela dizia que aquilo não passava de agitação e política, e que prejudicava as mulheres.

O clima em casa era horrível naquela época. Pois meu pai estava exaltado e irritado, não suportava muito daquela ladainha. Certa vez tentou explicar a ela que aquela era a luta dos trabalhadores e sua única arma, e que quem desistisse ou traísse a luta era um traidor de toda a classe operária. As cenas chegaram a tal ponto que nós, as crianças, nos escondemos. E acontecia de meu pai ir embora com raiva e voltar bêbado na manhã seguinte, e aí era um terror e uma desgraça maior que nunca. Dizia minha mãe, a gente se virava bem do jeito que estávamos, não passávamos fome. Dizia meu pai, sim, porque os trabalhadores antes de nós lutaram, por isso não passamos fome. E minha mãe fungava no avental — era da opinião de que então poderíamos nos contentar com aquilo. E meu pai, *nós*, sim! Você, talvez, e nós aqui, somos apenas cinco, mal nos sustentamos. Mas e os outros, aqueles com cinco filhos, sete filhos? E minha mãe gritava para ele que as pessoas podiam aprender a se precaver, e os homens podiam aprender a se controlar.

Naquela noite ele saiu de novo para beber. Sim, ele ficava bêbado com frequência, como na época em que ainda não tínhamos nos mudado para o Vilarejo da Mina, quando ele estava sem trabalho.

E agora havia um artigo bem escrito e sensato num jornal, dizendo que a bebedeira tinha começado durante a greve, e isso só mostrava que gentinha era aquela que queria impor sua vontade fazendo greve. — Vagabundos, dizia, e indivíduos dados à bebida, dizia. Sim, e falava de maus-tratos a esposas, eles se embriagavam e quando voltavam para casa espancavam suas mulheres. Sim, dessa forma as pessoas podiam ver que tipo de forças estavam por trás das greves, a escória da sociedade, as camadas sociais mais baixas.

Comi todos os pãezinhos doces, quase os devorei sem mastigar, engolindo-os com leite, porque agora precisava conversar com Morck. Ele era o único com quem eu podia conversar, e havia algo bem específico para o qual eu precisava de uma explicação — talvez tenha sido essa a inquietação insistente e vaga dentro de mim.

E Morck estava em casa. Era início de noite, e ele tinha acabado de se levantar. Estava sóbrio e muito pálido. Pois é, você nem imagina o homem bonito que era Morck quando estava sóbrio, ele tinha feito a barba para mim e estava feliz por eu ter vindo, e vi que ele devia ter sido muito lindo antes de os dentes apodrecerem e o cabelo desbotar. Foi naquela noite que nos desentendemos pela primeira vez, sim, eu me esquentei um pouco e acabei brigando, mas aquilo me deu muito que pensar — pois bem, agora vou contar para você.

Ela havia posto a mala no colo novamente, e remexia nela. Os cabelos estavam desalinhados, e o rosto brilhava. Após um momento de reflexão, ela tomou dois comprimidos. Encontrou um lençinho que amassou na mão, e tratou de fechar a mala e devolvê-la a seu lugar, enquanto prosseguia:

Então, naquela noite contei a ele uma parte da minha vida, contei que havia ido ao médico e tal. E contei sobre a costureira Borgny e seu filho, e sobre todos os pequenos Menininhos que estavam sendo exterminados. Falei da minha mãe e de sua decadência mental e corporal, eu lhe disse que tinha descoberto que tudo aquilo estava relacionado e que todas as greves e a agitação no universo do trabalho tinham algo a ver com as mesmas coisas. Eu disse, é tão horrível que tem que ser mudado, deve ser possível fazer algo para mudar tudo isso, e não é fácil, entendo tão pouco disso, mas deve haver algo errado em algum lugar, algo completamente errado, não?

Morck estava sentado em cima da mesa, com um cotovelo apoiado sobre uma das mãos, fumando cachimbo. Ele balançava levemente a cabeça, mordiscando o cachimbo e me observando o tempo todo. Quando por fim falou, disse algo como, pois é. Pelo visto, você conheceu aquela parte da totalidade chamada de pogroms contra os fetos. Pogroms contra os fetos? Eu não sabia o que eram pogroms.

De modo geral, os pogroms são um sintoma. Os pogroms muitas vezes caracterizam a agonia da morte de um sistema. Sistemas, sintomas. Palavras que eu desconhecia, me limitei a balançar a cabeça. Ele disse que a própria vida traçaria as linhas para mim, porque eu era alguém com sensibilidade à flor da pele e aquele raro tipo de olhos que foram feitos para *ver*. Mas eu disse, você precisa tocar para mim, porque aí parece que entendo melhor. Mas ele deu uma forte aspirada no cachimbo, soprou uma fumaça espessa e disse, os pogroms contra os fetos são o mais asqueroso dos crimes do sistema vigente. São o próprio sintoma do câncer.

Ele me falou um pouco do câncer. Ai, Deus, já descobri o que é isso! — Passei muitos anos sem sentir dor. Sim, levava a vida sem suspeitar de nada. Mas naquela época não o entendi direito, quando ele disse que ninguém bradava contra aqueles pogroms. Somente no que dizia respeito aos crimes externos em que resultavam. Pretendia-se que as curandeiras e as infelizes mulheres fossem a causa, sem querer admitir que eram uma mera

consequência. Ele me contou quem eram os que se opunham à educação sobre o controle de natalidade e à assistência médica qualificada. Eram os mesmos que se opunham às condições de vida das crianças nascidas a termo.

Eu estava impaciente, perguntei, por quê, mas por quê? Ele disse, ora, minha filha, quanto mais pobres forem as massas, mais barata será a mão de obra e mais forte se tornará o capital. Mas eu disse, as massas podem fazer greve, hoje estão fazendo greve por toda parte, li sobre isso nos jornais.

Morck sorriu, e não gostei daquele sorriso. Ele disse, podem, sim. Podem fazer greve. Exceto pelo que lhes custa fazer greve. Em geral, passam a receber salários ligeiramente melhores, e depois os preços sobem. O novo salário passa a equivaler ao anterior. Então entram em greve de novo. E Os Santos dos Últimos Dias podem lavar as mãos, apontando para os impossíveis operários, vejam, meus amigos, essas almas gananciosas nunca ficarão satisfeitas!

A inquietação que eu estava sentindo me incomodava mais do que nunca, eu queria ir para casa, pois achava que algo me esperava ali. Mas não consegui me desvencilhar, tinha lágrimas nos olhos quando disse, mas então não adianta nada? Então nunca poderá ser diferente?

Morck desceu da mesa, se espreguiçou. Disse, nunca se sabe, nunca se sabe. Se os salários não podem subir sem que os preços subam, aí é preciso encontrar outro jeito. Para que os salários subam e os preços *não* subam.

Ele falou de um modo que dava a entender que estava zombando de mim e de todos os trabalhadores em greve. Mas ri ao ver minha expressão, ele disse, é simples. Se é tão impossível para os pobres senhores da indústria resolver esse problema de matemática, a indústria deve trocar de senhores. Que saibam fazê-lo melhor. Eu disse, como, quem, que senhores?

Ele se posicionou bem na minha frente, estava sério. Disse, todos os Menininhos. Seus pais e suas mães.

Eu afirmei, nunca mais vou tirar outro. Se vier um Menininho, quero tê-lo,

seja como for. Mesmo que tenha que implorar e obter à força a pensão alimentícia.

As lágrimas nos meus olhos transbordaram quando disse isso, e as palmas das minhas mãos estavam úmidas por causa daquela inquietação, senti uma vontade cada vez mais forte de ir para casa.

No entanto, Morck pegou minhas mãos e as afagou até elas se acalmarem, ele disse, faça isso. Assim haverá um aumento no mercado de escravos e ainda mais gente que, de chapéu na mão, receberá o óbolo por sua penosa labuta, com a qual aumentará a riqueza de seu patrão e a pobreza de seus irmãos.

Mas eu estava com raiva, estava prestes a perder o fôlego de raiva. Arranquei minhas mãos das dele e levei os punhos aos olhos para estancar as lágrimas, eram lágrimas de raiva. Eu disse, só porque *you* está amargurado, porque *you* perdeu a fé e a coragem! E gritei para ele, é porque *you* mesmo falhou, e *you*, o que *you* fez por seus irmãos? — —

Naquele ponto parei. Naquele ponto fui interrompida por seus olhos, por seu rosto lívido. As palavras estavam penduradas em meus lábios, mas felizmente pararam ali, e o que *you* fez com sua namorada, com seu filho? Não, graças a Deus, eu não disse isso. Pois não consigo descrever aquele seu rosto, e era tão deplorável aquela coisa de ele ter um olho azul e outro castanho. Ele estava em pé, com os braços pendendo ao lado do corpo, balançava um pouco. Enxuguei os olhos e assoei o nariz, gastando muito tempo, não sabia onde pôr as mãos. Mas, meu Deus, como estou feliz por não ter dito aquilo.

Ele tinha virado as costas para mim, estava desenhando com o dedo na poeira do piano de cauda. Passado muito tempo, ele sussurrou — sim, quase sussurrou, mas o silêncio era tão grande que cada palavra soou como uma martelada. Ele disse que eu tinha razão. Ele era um traidor. Mas, disse, a liberdade de um país não é menos preciosa só porque há traidores entre os que lutam por ela. E a tarefa que está diante da humanidade não é menor só porque alguns de nós não estamos à altura e a traímos. E ele disse que crianças nascidas da carência e da desonra não poderiam se tornar pessoas felizes.

Mas! — Se houvesse um número suficiente delas, se houvesse descontentamento e indignação suficientes, então elas se tornariam o explosivo que acabaria com aquela montanha que estava bloqueando o caminho para uma sociedade humana com sentido.

E então ele olhou para mim, sabe, e disse, uma sociedade humana que recebe todos os Menininhos deste mundo e que precisa deles e cuida deles, porque necessita da força e das habilidades e da alegria de viver de cada criancinha humana que inventa de querer entrar neste mundo.

Disse muito mais, de que não me lembro. Ele me prendia com o que dizia, mas aquilo que pensei ter esquecido titilava e formigava dentro de mim. Eu disse, você tem que tocar para mim de novo, vai tocar?

Mas ele não quis. Não naquele momento. Disse ele, tenho meia garrafa de aguardente e agora quero beber. Sim, me pediu que fosse embora, queria ficar sozinho agora, queria beber sozinho. Mas pegou minhas mãos quando eu estava saindo e prometeu que tocaria para mim outra hora. Me avisaria.

Foi isso. Quando cheguei em casa, eu já sabia o que havia esquecido.

De repente, a inquietação explodiu dentro de mim, e eu sabia o que tinha esquecido. Meu coração parou de bater.

Porque eu tinha esquecido — sim, eu tinha deixado completamente de prestar atenção na data em que menstruara pela última vez. Fazia tempo, e agora lembrei, porque senti uma dorzinha que apertava os seios e uma pontada daquelas dores gélidas no baixo-ventre que são um aviso.

Sim, meu rosto começou a arder. Eu não tinha menstruado desde antes de ficar com Johannes naquela noite em que cheguei da casa de Morck. Estava atrasada várias semanas.

Na verdade, é curioso como a vida tem senso de ritmo. Para alguns de nós. Ela brinca de gato e rato com você e te agarra toda vez que você pensa que agora está a salvo, agora vai conseguir. Tem sido assim comigo quase sempre. —

Bem, a esta altura as garras já se cravaram de vez, posso dizer adeus à esperança.

Viu? Logo vou morrer. Será uma morte lenta e dolorosa. E não tenho mais coragem nem vontade de ajudar a pôr um fim nisso. Já te contei? Descobri hoje. Finalmente disseram a verdade. Foi dito da seguinte forma, a senhora não

precisa se desesperar. Muitas pessoas vivem com isso durante vários anos, pode haver períodos sem dor.

Bem. Agora não há mais o que fazer.

Aquela vez sobre a qual acabo de te contar, naquela fase, a vida tinha começado a ter um sentido para mim, e eu talvez pudesse ter sido algo na vida, algo com significado. Eu vislumbrava uma luz, uma esperança de liberdade.

E então tudo desabou sobre mim novamente, na mais profunda escuridão de desespero. Não havia mais nenhuma claridade, com a exceção das que tentei invocar do breu num estado de semi-histeria.

Durante os primeiros dias, fui arremessada de uma turbulência emocional para outra. De uma esperança desesperada de que poderia ser um erro, um atraso accidental — afinal, tinha tido dores naturais — desceria hoje à noite, amanhã — — para um ódio fervoroso contra tudo e todos, contra Johannes, contra mim mesma. O ódio da desesperança. E aí tentei pôr alguma ordem nos pensamentos, encontrar uma solução, enxergar uma saída. Tirar, acabar com aquilo! Para tanto, eu precisaria de dinheiro. Bem, Johannes que me desse. Mas o médico, será que ele correria o risco uma segunda vez? Provavelmente não. Mas eu não conseguia imaginar procurar por Johannes! Bobagem. Eu teria que me forçar a procurá-lo. Ou teria que me matar.

Bem, aí havia os momentos em que eu simplesmente me entregava ao desespero e tinha crises violentas de choro. E o ciúme se contorcia em mim, dando solavancos piores do que nunca, sobretudo quando eu pensava em procurar Johannes, sabendo que agora ele era um estranho para mim e ia se casar com Svanhild dali a quinze dias.

Ia se casar! Com Svanhild!

Nunca, jamais. Eu esbravejava, desvairada de dor com aquela ideia. Eu ia impedi-lo, eu, eu escreveria uma carta a Svanhild para que terminasse com ele imediatamente. E não é que sentei e escrevi uma carta para Svanhild, a filha do

farmacêutico? Só Deus sabe o que escrevi, mas o lápis dançava, e senti um curioso consolo e contentamento em revelar tudo sobre mim e Johannes o mais veementemente possível. Aquilo me aliviou. Agora eu criaria uma tempestade, agora perceberiam que eu existia. E pus a carta num envelope, escrevi o nome dela e fui para a cama. E dormi. E acordei no meio da noite extremamente angustiada. A desesperança me repuxava e esmagava contra a parede. A carta, a carta vil e má, pairava sobre mim como um pesadelo — eu havia me rebaixado tanto que me tornara vil e vingativa. E então rasguei a carta e chorei, e me entreguei à sentimentalidade e senti carinho por Svanhild ao pensar no mal que poderia ter feito a ela. Svanhild era boa e nobre e bela e, a bem da verdade, boa demais para Johannes. Ai, Deus, como eu chorava e soluçava. Eu amava Svanhild! Verdade mesmo.

Pela manhã, dediquei-me à limpeza com esmero incomum, tinha ficado tão incrivelmente boazinha, e queria ter meu bebê, e Johannes e Svanhild o ganhariam, com certeza ela o amaria como se fosse seu, pois não havia ninguém tão nobre e bela como Svanhild. E eu seria a empregada na casa deles, eu descascaria as batatas e faria a limpeza e passaria pelo fogo e pela água por Svanhild e Johannes, sem pretensão de ser chamada de mãe por meu próprio filho. Sim, eu ficava limpando, arrumando, espanando e esvaziando os urinóis num estado febril, agora eu havia encontrado a solução, e tudo ficaria bem, eu iria procurar Svanhild assim que terminasse a limpeza da casa e iria contar para ela, conversar com ela, dizer que gostava dela. —

E entrei no meu quarto para lavar os olhos e me vestir e me arrumar lindamente. E enquanto fazia isso, toda a bondade se esvaiu, dando lugar a um ódio indignado — o que ela estava imaginando, a Svanhild? Que ela teria Johannes e o bebê, enquanto eu trabalhava como uma escrava para todos eles? Ah, eu não sabia onde enfiar a cara de vergonha pelas bobagens que havia fantasiado, fui tomada por uma raiva dos culpados por aquilo — Svanhild e Johannes. Com toda a certeza eu ia à casa dela! Eu ia no mesmo instante, antes que mudasse de ideia. E ela ficaria sabendo que tipo de mulher ela era, eu

gritaria tão alto para ela que a rua toda escutaria, e a cidade inteira poderia muito bem ficar sabendo, que o respeitável professor ginásial e vereador, ele ia ter um filho comigo quando se casasse com ela.

E eu realmente fui. Com os olhos quentes, o nariz frio e os joelhos tremendo, desci para a casa do farmacêutico. E não é que ela estava no quintal dando comida para as galinhas, de vestido branco e aventalzinho, chamando có-cocó-cocó, enquanto jogava o milho? Fiquei parada do outro lado da rua, havia uma escadinha com corrimão que levava a uma loja de roupa de trabalho, tamancos e fios de lã, fiquei ali me segurando no corrimão como se fosse cair a qualquer momento. Fiquei olhando fixo para ela, com admiração indefesa e ódio fervoroso e uma necessidade sentimental de ser amiga dela, procurar sua ajuda, me abrir com ela. Senti o cheiro de almoço saindo de todas as casas, enquanto seguia cada movimento dela, imaginando-a com Johannes, olhando para os gestos suaves de seus braços, seus quadris, seu peito. Era como uma faca sendo revirada em meu baixo-ventre. Lá estava ela podando umas roseiras, e lá estava eu passando frio ao sol e fechando o mantô no pescoço e olhando para ela até querer gritar. Ela não me viu, não, ela não me notou de forma alguma, ela estava ali se curvando e abaixando de modo que cada contorno de seu corpo se tornou claramente visível sob o leve vestido, cantarolando com uma voz grave, um pouco rouca.

Foi só depois de ela ter entrado que me desvencilhei e subi para a loja, morta de cansaço.

Ela se levantou e esvaziou os cinzeiros. Então abriu a janela e se sentou no parapeito, a pálida luz do sol obliterava suas feições, restavam apenas as sombras profundas da boca. O barulho da rua foi convidado a entrar, era plena manhã e a hora em que a maioria das pessoas vai para o trabalho. Eu também tinha um trabalho para ir. Mas não conferi o relógio. Ela tornou a fechar a janela, eliminando o barulho da rua antes de prosseguir.

Alguns dias mais tarde, depois de algo que para mim equivalia a anos de aflição e desespero, tomei a decisão de procurar Johannes, dizer a verdade sem rodeios, e sem piedade exigir que ele arcasse com as consequências. Ninguém precisava saber, exceto ele, eu e a autoridade competente, ele teria que contribuir com o sustento da criança e me ajudar a conseguir um novo emprego, de preferência em outra cidade. E aquilo era algo pelo qual eu precisava passar.

No entanto, aquela manhã, quando eu estava deitada aguardando a chegada do dia para ir cedo à casa de Johannes, antes que ele fosse para a escola, o raio me atingiu novamente. Sim, àquela altura eu havia alcançado uma espécie de calma, porque pelo menos tinha tomado alguma decisão, embora uma decisão amarga, repleta de ansiedade e insegurança diante do futuro — mas uma decisão.

E então eu estava deitada ali, às voltas com meus pensamentos.

E aí ele veio, um pavor cinza. Irrompeu de algum lugar escondido na minha consciência e foi se espalhando pelo corpo todo, até eu estar deitada ali como um pacote frágil, sentindo o frio me carcomer dos pés para cima.

Enfim, durante todo aquele tempo — nem havia me passado pela cabeça que eu não tinha ficado apenas com Johannes. Eu tinha ido para a cama com Mohn. No decorrer de uma semana eu estivera com os dois, e naquele período eu não havia menstruado.

Pois é, deitada ali, mergulhei vertiginosamente num abismo.

Eu não podia ir lá e responsabilizar Johannes.

Eu não podia responsabilizar ninguém.

Eu não sabia quem era o pai da criança que carregava no ventre.

Para mim, os primeiros dias após aquela percepção aterradora se apresentam envoltos numa névoa tóxica amarelo-cinzenta. Só me lembro de fragmentos. Acho que tentei me matar. Lembro-me de um dia em que soprava um tremendo vento leste, sei que estava sentada no topo de um penhasco íngreme à beira-mar, e a torrente de ondas espumejantes espirrava em meu rosto. Lembro-me do pavor vertiginoso ao olhar para baixo. Mas não tive coragem. Falava sozinha e estava bem louca, esbravejava e invocava todos os poderes imagináveis, chorava alto e descaradamente, e ainda bem que eu estava sozinha.

Ela desceu deslizando lentamente do parapeito da janela e foi até mim. Sem me olhar, pediu que eu pegasse um cigarro para ela. Em sua testa brotava uma umidade de brilho acinzentado. Suas mãos estavam muito inquietas. Ficaram em movimento constante sobre os braços da poltrona quando ela se sentou, e demorou um pouco até eu conseguir acender seu cigarro.

Não posso deixar de rir quando penso em todas as coisas estúpidas que são ditas sobre mulheres solteiras terem ou não terem filhos. Se alguém declara que qualquer mulher que quiser ter filhos terá o direito moral de tê-los, então Os Justos dizem que ela pode se casar se quer tanto ter filhos. Bem — basta fazer a contagem de quantos homens há no mundo, e quantas mulheres.

Por sinal, fui me casar direitinho cerca de um ano depois de receber alta da clínica daquela vez. Durante aquele ano, lutei para manter a fome longe e os trapos intatos, e para ter um teto sobre a cabeça. E vivi no meu canto, eu estava apavorada. Além do mais, fiquei extremamente debilitada com aquela história, quase me fui por causa da perda de sangue.

Havia muito desemprego, era preciso aceitar o que ofereciam, e comecei a trabalhar numa peixaria. Sabe de uma coisa — toda vez que passo por um mercado de peixe e sinto o cheiro característico de peixe fresco do mar e sangue velho de peixe impregnado no chão de pedra, aí ponho instintivamente as mãos nos bolsos e encolho os dedos. Como eu passava frio nas mãos naquela época. Não há nada tão frio quanto peixe e arenque no inverno. Eu trabalhava de suéter, casaco e mantô por baixo do avental, e enormes pantufas de feltro nos pés. O frio esfolava minhas mãos e doía nos braços, e nada é tão ardentemente gélido quanto arenque congelado. Mas Andersen era um patrão gentil, ele morava no andar de cima e me convidava a subir para me esquentar com café, e eu ficava mais que grata. Ele tinha uma casa bonita, e na verdade eu nunca havia entrado numa casa bonita e moderna. Pois é. Não importa agora. Ficamos amigos. Pois outra coisa eu não queria, e ele achava que eu era uma moça muito decente. Me dava presentes e me convidava para ir ao cinema.

Então casamos mesmo. Casei com Carl para ter uma vida confortável, para estar sempre aquecida e não ter nenhuma preocupação com meu sustento. Ele era gentil, é tudo o que posso dizer. Ele me bateu algumas vezes, mas isso foi mais tarde, foi culpa minha. Tinha a ver com Johannes. Como não bastasse ter traído Carl, também dei dinheiro a Johannes. Foi aquele dinheiro que levou à descoberta do caso. Mas por que estou te contando isso agora? Ah, sim, foi

aquela coisa de que podemos nos casar se quisermos ter filhos. Pois é. E eu queria ter filhos, sim, isso foi uma das coisas que me fez superar minha aversão a Carl — então, já mencionei isso para você? Ele era gentil, sim, também era bonitão, e eu gostava bastante dele. Mas gostar de um homem, bem, nem sempre significa que você gosta de ir para a cama com ele.

Verdade seja dita, sempre fiquei um pouco impressionada com aquelas mulheres que são capazes de se casar por conveniência, mulheres que são muito mais inexperientes do que eu era quando me casei e que se casam por interesse — ou por conveniência, que soa muito melhor. Pois foi um pouco difícil, sim, é de admirar que na primeira semana Carl não tenha perdido a paciência comigo, pois eu era bem imatura e dada a chorar nas horas mais impossíveis. Mas melhorou, sim, depois melhorou muito. Se ele tivesse querido ter filhos logo em seguida, eu provavelmente ainda estaria casada com ele. Porque nem mesmo uma garota como eu iria querer desrespeitar o filho que traz dentro dela ou no colo. Mas ele era um homem cuidadoso, Carl, e aí havia a questão de seu mercado. Ele poupava dinheiro, queria expandir os negócios e se tornar um homem rico, tinha estabelecido como meta “ser um homem de cem mil”.

Bem, e a história com Johannes? Foi culpa minha. Escrevi para ele. Johannes tinha me emprestado alguns livros havia muito tempo, e eles ainda estavam comigo. Só queria devolvê-los, para deixar tudo em ordem. E então escrevi uma cartinha para acompanhar a remessa, contando que tinha casado e coisa e tal. Bem, aí recebi uma carta de volta, uma carta simpática. Guardei-a só para mim, me regalando com ela, um segredo que escondi de Carl. Aliás, seria errado dizer que foi naquele momento que comecei a mentir para ele, pois eu mentira o tempo todo, não lhe contando sobre mim e não mencionando que fora internada na clínica depois de me machucar a ponto de quase sucumbir, para tirar um bebê cujo pai eu não sabia quem era. Então, ele não sabia nada sobre tudo isso, ele me deu uma máquina de costura, e ganhei um fogão elétrico, sim, ele não sabia o que mais me dar. E ele tinha orgulho de mim, porque quando

nos casamos, eu ainda estava magra e irascível em consequência daquela enfermidade, estava simplesmente feia, até hoje não entendo como alguém podia me desejar. Estava tão magra que fiquei dentuça de tanta magreza. E então, com o tempo, fui ficando mais bonita, ganhei peso porque estava bem, sem nunca precisar pensar em pular um jantar ou algo do gênero.

Mesmo assim, um belo dia escrevi para Johannes de novo, obrigada pela carta. Bem, por um tempo só trocamos cartas, como amigos. Mas esse tipo de correspondência é um tanto perigoso. Você fica aguardando uma carta, sim, você acaba ficando unicamente à espera de uma carta. Parece que foi o que aconteceu tanto com Johannes quanto comigo.

Johannes, ele conquistou a moça que mais queria, assim como nos romances. Além de linda, ela era boa, sim, sem dúvida, sem dúvida, não havia nada de errado com Svanhild. A mãe de Johannes vivia na cidade onde me casei. Ela morava na periferia, num bairro de casas velhas e degradadas e becos malcheirosos. Eu a procurei, pois é, agora queria conhecer a mãe de Johannes. Era parte dele, era algo da infância de Johannes. Fui até a casa dela e disse que era da cidade tal, que conhecia seu filho, disse, vim trazendo lembranças dele. Apenas isso. A velhinha juntou as mãos e olhou para mim com felicidade e orgulho. Ela se referiu ao filho como o professor ginásial fulano de tal, me mostrou a foto de casamento dele com Svanhild.

Mas ao sair da casa dela, entendi por que, pelas cartas de Johannes, parecia que ele não estava cem por cento feliz com Svanhild. Cada qual com seu igual? — *Há* alguma verdade nisso. Existem certas coisas às quais é difícil se adaptar. E alguém que sempre teve uma boa vida tem dificuldade de entender muitas coisas. Ela certamente era boa o bastante. E o proletário que quer subir na vida, ele precisa chegar bem no alto para se livrar do proletário. E Johannes, ele tem um fraco pelas mulheres. Ele se consola com as mulheres da mesma forma que outros se consolam com a bebida. Pois é. Também não há como descartar por completo a questão da bebida. Mas isso é mais coisa dos últimos anos.

A propósito, como cheguei a falar de tudo isso? Já estou tendo certa

dificuldade de me concentrar numa coisa de cada vez, sabe, pois sinto que logo preciso ir, e há algo que tenho que desabafar antes de ir.

Meu casamento? Ah, já faz tanto tempo, quase o esqueci. Enfim, eu tinha uma vida boa, muito boa. Ganhava quase tudo o que eu queria. Menos filhos. Meu marido queria esperar, não queria saber de filhos. Mas ele queria que eu comprasse um mantô de pele, ele me deu quinhentas coroas para eu comprar um belo mantô de pele do meu gosto. No entanto, não comprei mantô de pele nenhum, guardei o dinheiro, pois quis esperar para ver.

Certa vez minha mãe adoeceu, e tive a oportunidade de ir para casa. É verdade, eu não tinha a intenção de trair Carl, que era tão gentil. Realmente, é verdade. Mas também não sei. Afinal, escrevi para Johannes que ia e que ficaria hospedada no novo hotel lá embaixo na cidade, contei isso a ele para que soubesse que eu estava muito bem e podia me hospedar num hotel e pagar a conta. Sinceramente, achei que esse era o motivo por que havia escrito isso para ele. Depois de ir ao Vilarejo da Mina, voltei para o hotel, e naquele entretempo ele passara por lá perguntando por mim. Era minha intenção viajar no dia seguinte, minha mãe não estava doente a ponto de eu não poder ir embora no dia seguinte.

Mas fiquei. Pensei, talvez ele volte a me procurar, e se ele não vier, então vou embora amanhã. Afinal, eu tinha vontade de vê-lo, conversar com ele, cumprimentá-lo. Depois de todas as cartas simpáticas. Nada mais que isso. Comprei alguns doces e pedi um café especial do hotel. Na hipótese de alguém aparecer. Mas pensei, se ele não vier hoje, aí viajo amanhã. Não importa se ele virá ou não, mas seria legal. Assim eu falava para mim mesma.

No entanto, não consegui ler nem fazer nada. Escovei o cabelo e olhei o relógio. E tive que lavar as mãos repetidas vezes, as palmas ficavam úmidas muito rapidamente.

E então Johannes apareceu.

Ai, meu Deus, isso é difícil para mim. Veja bem — não, ninguém pode entender isso. Pois alguém bateu à porta, e aí foi como se algo fosse me fazer

explodir.

E lá estava ele. Ouviu o que estou dizendo? E lá estava Johannes na porta, ele tirou o chapéu e me estendeu a mão. Meu Johannes.

Ah. Como posso te explicar isso? — Ele tinha envelhecido, estava com o semblante desgastado. Ele sorriu, sim, estávamos quase tímidos um perante o outro, mas era o velho sorriso e mil estrelinhas em seus olhos. Ficamos um bom tempo só olhando um para o outro, então ele disse algo gentil sobre minha aparência, mas eu não consegui dizer nada sobre a dele. Não consegui dizer nada mesmo, mas liguei para pedir o café. Bem, foi um longo tempo de conversa sobre coisas corriqueiras, e aceita mais um pedaço de bolo, e assim por diante. Mas quando ele não estava sorrindo, surgia em seus olhos aquele ar de desamparo que eu conhecia, e que significava que ele estava triste, e não feliz.

Agora vou te dizer — e acredito que seja verdade — não fosse o fato de sua nuca ter ficado tão pequena, tão magra e estranha, aí teríamos provavelmente nos despedido assim, e nada mais teria acontecido. Tenho quase certeza disso. De alguma forma, a roupa havia ficado muito folgada nele, e quando lhe mostrei algumas fotos do Menininho que recebera da minha irmã, aí ele teve que pôr os óculos. Parecia velho com aqueles óculos. E não havia jeito — aquela nuca. A pele da palma das minhas mãos estava sedenta por se desfazer de um pouco de ternura — eu tinha que tocar sua nuca.

Bem, bem, bem. Foi isso. E fiquei ali na cidade por mais três dias.

Foi naquela vez que Johannes veio até o sul para tentar conseguir um empréstimo que lhe dei as trezentas coroas restantes do valor que Carl me dera para comprar um mantô de pele. Duzentas eu tinha dado a minha mãe, pensando que sempre seria possível comprar um mantô de pele por trezentas. No entanto, as três notas de cem que me restavam, eu dei a Johannes, pois havia algo, uma promissória, e o casamento dele estava cheio de problemas por causa de dinheiro. Ela estava acostumada à boa vida e tal, sabe. Andava sempre muito bem-vestida. E ainda por cima aquela dívida dele, da época de estudante. Mas eu não suportava ver Johannes daquele jeito, tão preocupado. Você pode entender isso? — Nós nos encontramos, ficamos juntos, e eu parecia estar cheia de estrelas por dentro sempre que encontrava Johannes. Sei que foi desprezível dar aquele dinheiro a ele, o dinheiro de Carl. Porque ficávamos juntos, Johannes e eu, onde quer que tivéssemos oportunidade de ficar. Em terrenos baldios depois do escurecer, no parque. Onde quer que fosse. Nós nos encontrávamos como criminosos, era um relacionamento sem floreios e nu. Mas aquilo nos prendia. Ah, sim, nunca nos desprenderemos um do outro. Pois esse tipo de coisa nos prende. Esse tipo de coisa nos torna cúmplices.

E eu mentia para Carl, sim, eu era repugnantemente habilidosa. E passei a ter carinho por ele e me afeiçoei a ele, porque ele acreditava em mim. Acredite se quiser, estávamos felizes juntos. E mesmo assim, mesmo assim. — Se eu quisesse me desculpar agora, eu diria que não estava feliz com Carl. Mas você deve saber como eu era. Então você vai entender melhor que fui embora porque *tive que* ir embora. E o ato diabólico depois, o que cometi comigo mesma mais uma vez, daquilo não havia como escapar.

Sim, eu tinha uma vida boa com Carl. Mas havia um porém. Não há ninguém que tenha conseguido me fazer florescer, a não ser Johannes. Não há ninguém além de Johannes que tenha acendido uma profusão de estrelas em mim, como um pródigo céu de inverno que ressoa silêncio e luz.

E aquele mantô de pele — bem. É claro que ele, Carl, me perguntou a quantas andava. E aí eu já não era tão habilidosa. Ao me examinar mais de perto, ele deve ter percebido algo, pois eu já não era tão boa para inventar coisas, e senti que estava pálida. Aliás, não me lembro de tudo. Minha memória fica mais clara no ponto em que ele me bateu pela primeira vez. Parecia uma rajada violenta de frio no rosto, como um desajuste repentino, e meu espanto foi maior que a dor. E minha súbita compaixão com Carl foi maior que tudo. E eu pensei, ele me comprou. Ele me comprou e pagou, e eu o defraudei daquilo que ele achava que havia comprado — uma mulher que era sua própria mulher.

Ficou tudo bem de novo. Bem — tudo bem?

Ela riu sem a menor sombra de sorriso nos olhos.

Johannes teve algum desentendimento com sua mulher, mas ela o perdoou, eles já tinham um filho, e ela ia ter outro, e ele estava chorando de felicidade. Ele tinha bebido um pouco, pois aos poucos já começara a beber, e ele estava tão feliz que derramou lágrimas, porque Svanhild queria que tudo ficasse bem.

Recebi uma carta horrível dela. Pois é claro que ela sabia das ocasiões em que eu havia ido para a cidade fingindo que minha mãe estava doente. Lá na cidade, isso tinha vindo à tona, e todos desculpavam Johannes, pois eu sempre tinha corrido atrás dele.

Pois é.

Naquela vez em que ele ia viajar novamente para a cidade ao sul de onde eu morava, ele e Svanhild ainda estavam bem, e ele escreveu e me pediu que fosse até lá. E eu encontrei um pretexto, sim, foi mais fácil encontrar um pretexto agora que eu não iria para minha própria cidade, onde Johannes residia. Carl se sentia seguro, pois não sabia que haveria uma convenção de professores naquela cidade, e ele achava que as coisas estavam bem entre nós e não sabia que eu morria de saudades de Johannes.

Mas enquanto eu descia até o barco, mudei de ideia. De repente. Ventava muito naquela noite, era uma daquelas noites tempestuosas de novembro, e Carl pedira desculpas por não poder me levar, ele tinha algum trabalho para fazer lá na peixaria. E lá estava eu, ciente de que na peixaria o frio era de rachar. Além disso, havia o fato de que ele tinha — sim, é quase nada, mas ele havia deixado um saquinho de uvas na minha mala logo antes de eu a fechar. Na véspera, eu queria comprar uvas, estava com vontade de umas uvas que acabavam de chegar à loja, mas eram caras, e Carl disse que não tínhamos dinheiro para isso. Mas ele tinha — bem, você pode entender isso? Você precisa entender o que significa isso, o fato de que ele acabara de comprar uvas para mim e as pusera na mala, timidamente. Ele o fez de modo tão desajeitado, não queria que eu o beijasse por causa disso, ficou um pouco vermelho e disse que não era nada.

Mas eu me lembrei disso, sentindo como o rugido do fiorde era frio e desprotegido. Fiquei no cais até o barco zarpar, quase me deleitando com o frio que sentia. Pensei em Johannes e chorei um pouco, porque agora a história com Johannes já tinha acabado. Sim, agora eu queria pôr um ponto-final

naquilo, pois era tudo simplesmente horrível demais. Fiquei ali até as luzes do barco desaparecerem. Então fui para casa.

Bem, é um pouco estranho eu te contar isso, porque não tive a intenção de contar, já que pode dar uma impressão errada sobre Carl. Mas você deve lembrar como me comportei mal com ele e lembrar que ele tinha recebido pedra por pão, sem me expulsar.

Mas, enfim, cheguei em casa. Não havia luz no mercado, e eu fiquei feliz porque ia encontrar Carl em casa. Eu queria lhe contar tudo, queria ver se não poderia ser honesta com um homem honesto e tirar algo puro e íntegro disso. E seguro. Acima de tudo, algo aconchegante, algo justo.

Bem, entrei em casa.

Mas percebi imediatamente, já na entrada. Não era a mesma casa. Havia talvez, sem que eu tivesse consciência disso, um cheiro estranho. Ou posso ter escutado algo, uma risada. Mas não captei nada, apenas senti essa angústia, sabe, uma inquietação como se algo ruim me aguardasse. Fazia tempo que eu não tinha essa sensação. Teria preferido fugir. Mas não sabia de quê. E pensei — ao menos acho que pensei isso — aqui há algo pelo qual você tem que passar. De qualquer forma, essa foi a sensação que tive ao entrar na sala.

Lá, simplesmente me senti. Estava completamente desnorteadada. O coração martelava meu peito até sangrar.

O fogão estava aceso e fazia um calor agradável. Mas meu corpo inteiro tremia, tinha calafrios, os dentes batiam na minha boca. Eu conhecia esse estado. Já tinha passado por isso uma vez.

Na mesa havia uma garrafa de vinho pela metade e três taças. Sim, três. Veja, eram três, foi isso que me deixou confusa. Havia dois mantôs de mulher ali, jogados sobre uma cadeira. Um deles tinha pele de raposa-vermelha, que estava bastante molhada e desgrenhada. E no meu desespero pensei, pele de raposa-vermelha não é roupa de chuva. O quarto de dormir ficava logo ao lado.

Ela fechou os olhos. As mãos arranhavam o apoio de braço. Um sutil estremecimento passou pelo seu rosto, ela mexeu a boca de leve, arrepiando-se. Servi vinho para ela e para mim. Esvaziei minha taça e acendi um cigarro. Ela abriu os olhos, olhando para sua taça, mas não fez menção de tocá-la. Uma calma recaiu sobre seu rosto, e ela ficou imóvel olhando para sua taça enquanto prosseguia.

O quarto de dormir era contíguo à sala. Ouvi tudo.

Olhei para a almofada que eu havia feito para o sofá e da qual gostava. Mas ouvi tudo. Foi repugnante. Não acho que estava com ciúmes, mas foi repugnante, me senti nauseada. E estava presa. Se eu pudesse me levantar e ir embora, aí aquilo não teria nada a ver comigo. Mas não consegui nem me levantar nem ir embora. Não consegui nem acender um cigarro direito, porque minha mão tremia ridiculamente. E olhei para o lindo abajur que havíamos comprado fazia pouco tempo, eu o queria e o ganhei, e ele fazia parte do meu lar. E ouvi tudo. Risadas, gritos. Ruídos grosseiros de um quarto de dormir. Tive que apagar o cigarro, ele me deixou enjoada.

De repente não aguentei mais. Gritei.

Sim, gritei. Ficou mais quieto lá dentro, mas não totalmente quieto, não de imediato. Então gritei de novo, e eu tinha me levantado e posto o dorso inteiro da mão na boca para estancar aqueles gritos, mas ainda veio mais um, embora já houvesse silêncio total lá dentro.

Bem, aí eu estava sentada na poltrona outra vez. Achei que tinha ido embora, mas na verdade sentara de novo na poltrona, e achei que estava prestes a me debulhar em lágrimas, mas não veio choro algum, nem uma única lágrima. Apenas uma náusea enregelada.

Carl mal vestira uma roupa qualquer, e me contorci por dentro de repulsa quando o vi. Porque sua expressão era de susto também. Tive que baixar os olhos para a mesa e fiquei morrendo de vergonha. Sim! Não teria ficado mais

envergonhada se tivesse sido eu a ser flagrada num momento vergonhoso. No parque ou algo assim. Porque *tudo* é vergonhoso e revoltante se te pegam em flagrante. E Carl? Ele optou por ficar bravo.

Sim, graças a Deus, ele optou por ficar grosseiro e terrível.

Ele me chamou dos piores nomes. As mulheres apareceram na porta para espiar, estavam apenas semivestidas. Não conseguiram controlar a curiosidade, tiveram que espiar pela porta. Carl as mandou para o inferno, e aí elas fecharam a porta.

Cruz-credo, foi horrível. Não me lembro de tudo. Mas eu não disse nada. Enfim elas vieram pegar suas roupas, e Carl as enxotou antes que pudessem se vestir. Ele jogou algum dinheiro atrás delas, e as notas caíram no chão, e as garotas gritaram protestando que não queriam dinheiro nenhum, mas no último segundo uma delas voltou como uma ratinha e pegou o dinheiro. E, veja bem, não sei, mas uma pequena inundação repentina tomou conta do meu coração, porque ela voltou e pegou depressa o deplorável dinheiro, o mesmo que ela havia lhe cuspidado que não queria.

Quando ouvimos a porta de entrada bater, fez-se silêncio na casa.

Ele disse, você também vai embora agora, não é? Fiz que sim. Ele se virou de costas e ficou ali chorando. Ai, o pior de tudo foi o que ele disse então, depois de se tornar manso.

De repente, eu vomitei. Pois é, não tive tempo de ir para outro lugar nem pude me conter. E isso eu também reconheci e já tinha acontecido antes, mas não consegui lembrar quando. Não até mais tarde.

Carl se serviu de vinho e bebeu. Ele disse, vou me matar se você for embora. Então eu lhe contei — sim, que eu tinha ido fazer algo desprezível e que voltara para acabar com todas as mentiras e baixarias.

Havia um cheiro de vômito e vinho. Nenhum de nós fez nada para eliminá-lo.

Primeiro, ele se desesperou. Mas eu fiquei absolutamente calma depois de conseguir dizer o que disse. E me levantei para sair.

Primeiro, ele pediu, implorou. Mas eu apenas peguei meu gorro e comecei a vesti-lo.

Mas ao ver que era sério, ele ficou fora de si. E aí ele me bateu. Ainda escuto o som dos golpes e meu choro, porque foi horrível, mas a dor eu já esqueci.

Foi isso. Quando me vi na rua sangrando pelo nariz e pela boca, aí eu soube que havia queimado minhas pontes. Àquela altura já dissera que nunca o tinha amado e que ele estava certo em me chamar pelos nomes que usou, pois eu me vendera a ele.

Ela se endireitou, enxugando a umidade da testa com o mesmo lençinho amassado. Em seguida, levou a taça de vinho à boca e bebeu lenta e pensativamente.

Quer saber? Depois aconteceu de eu me vender por uma noite. Já aconteceu muitas vezes, sim, pois a certa altura era frequente. Foi aquela época em que era quase impossível conseguir emprego. Mesmo em casa de família. Pediam referências.

Você se vende por uma noite. E daí? É uma transação real. Não é nada mais do que parece ser. E assim você consegue o dinheiro de que precisa para poder almoçar pela primeira vez em uma semana, ou para pagar o aluguel.

O matrimônio, porém, é uma fraude porque o chamam de sagrado. Sim, sacrossanto. Sacrossanto! — Sobretudo aqueles casamentos que não passam de uma transação disfarçada sob contrato fixo.

Sabe o que alguém que eu conheci me disse certa noite? Ele disse, nada nasce ao luar.

Um tempo atrás, cheguei a pensar nisso, enquanto o homem que amei durante toda a minha vida roncava ao meu lado. E no fim fiquei tão exasperada, com ele, comigo mesma e com toda a minha existência, que quase o matei.

Mas não é culpa dele que eu o ame. Ele representa todas as forças que desperdicei na vida. Porque é isso que faz as pessoas se atrapalharem tanto, é o fato de que deixam o mundo seguir seu curso torto e vivem sob seu próprio luar sem ver, sem querer ver o seguinte: o luar é apenas um reflexo frio da luz do sol.

Eu te disse que abandonei meu marido, não é? Pois é, e ele passou a me odiar. Quando lhe pedi ajuda, me disse que a porta da rua é serventia da casa e que o filho não era dele. — Pois poucos dias depois de eu ir embora ficou claro. Eu estava grávida. E era dele, porque por um tempo havia sido só ele. Mas ele não acreditou em mim. Não quis acreditar em mim, porque me odiava.

Eu queria ter o filho. Sim, acabei entrando em desespero, não tinha levado nada além do mais essencial, e eu não tinha nada, e ninguém precisava do meu trabalho. Eu chorava na rua e falava sozinha, pois estava totalmente fora de mim naquele período, sentindo fome e raiva, e queria roubar, assaltar um

banco, qualquer coisa, porque não queria fazer aquilo de novo, não queria me destruir de corpo e alma outra vez para matar a vida que brotava dentro de mim. Sim, eu estava disposta a voltar para a casa de Carl se ele me aceitasse. Mas ele não quis saber mais de mim e ameaçou me levar ao tribunal, teria a lei do seu lado.

E aí eu fiz mesmo assim.

Mais uma vez, fiz a mesma coisa que havia feito aquela vez em casa e que jurara jamais fazer de novo, acontecesse o que acontecesse.

Ela juntou as mãos no colo e ficou encurvada, balançando-se para trás e para a frente, cerrando os dentes e respirando por entre eles, uma respiração trêmula.

Daquela vez, em casa, foi justamente nos dias em que se publicaram os proclamas de Johannes na igreja, e ele se casaria com outra. Já te contei isso? E lá estava eu, grávida, achei que era de Johannes e estava disposta a cometer qualquer infâmia, ameaça de escândalo, qualquer coisa, para destruir ou impedir aquele casamento, pois queria ter o filho. Mas então me ocorreu que o filho podia não ser necessariamente de Johannes, porque houve outro — um acaso, um passo em falso por desespero. Alguém chamado Mohn. Ai, meu Deus, que momento. Procurei o médico, implorando-lhe que me ajudasse, mas ele se recusou, já havia me ajudado uma vez, não teria coragem. E eu não sabia mais o que fazer, sabia tão pouco sobre aquelas coisas, e corri para o Vilarejo da Mina a fim de pedir conselhos a minha irmã, que eu sabia ter se virado sozinha por eles não disporem de muito dinheiro. Fui lá várias vezes, porque na hora de lhe contar, eu perdia a coragem.

E quando enfim contei — bem, aí foi uma cena e tanto. Ela havia se esquecido completamente de que estivera na mesma situação, afinal, não era casada quando teve o Menininho, se casou depois, à força.

Mas de qualquer forma ela explicou como se faziam aquelas coisas. Aí tive que me deitar um pouco. Estava prestes a desmaiar.

Ela se deteve, mordida o lábio nervosamente. Ao prosseguir, parecia ter dificuldade de falar. Havia um quê de dor e desamparo em seus olhos quando se desviaram dos meus.

Eu fiz apenas alguns dias depois. Só então tomei coragem de fazê-lo. E vou me lembrar disso por toda a minha vida, foi a primeira vez e longe de ser a última. *E lembre-se disso!* Pois é algo que devem saber, todos aqueles que dizem que não merecemos nada melhor, e todos aqueles que dizem que naturalmente devemos ser punidas por isso, em nome da moralidade. Punidas! Imagine, *punidas!* Depois disso! Valha-me Deus.

Estava quente naquele dia. Abafado e sem vento. Tempo cinza e uma luz doentia e amarela. Os pássaros estavam calados. A gata andava choramingando, ora se escondia, ora aparecia, agitada, para depois se esconder em outro lugar.

Eu estava sentada no meu quarto suando nas mãos. Então escureceu de vez, um crepúsculo pesado. E aí veio uma pancada de chuva. Gemi alto de terror. A chuva crepitava no pátio, jorrando a cântaros sobre as vidraças. Quando parou, o sol apareceu por um instante, cintilando nas gotas de chuva que escoavam do telhado e pingavam e choravam das árvores. Mas então escureceu novamente, uma escuridão amarelada. Soou um ronco ao longe, um rosnado baixo e agourento. Descontrolada, pensei, agora vou fazê-lo. Mas a arma do crime, que era uma agulha de tricô, permaneceu sobre a mesa, não ousei tocar nela. Então houve um relâmpago fraco, eu não tinha certeza se fora apenas algo em meu olho. O silêncio era sepulcral. Logo peguei a agulha, tive que enxugar as mãos, e gotas de suor escorriam por minhas têmporas. Então o rosnado soou mais alto, se desprende do horizonte e esvoaçou pelo céu. Dois fortes relâmpagos e uma torrente de chuva. Estalava detrás das montanhas, estalos hesitantes, abafados.

Transformaram-se em canhões que se soltaram e foram lançados como placas de ferro esvoaçantes através do céu. Depois houve o clarão ofuscante de um relâmpago, dois relâmpagos, e então o mundo ruiu. O céu explodiu com um estrondo logo acima da minha cabeça, as montanhas do outro lado do fiorde se fenderam e desmoronaram, mil balas de canhão caíram, rolando algum tempo por uma terra de ferro, com os raios ao seu encalço. O suor escorria aos borbotões pelo meu rosto, o cabelo descia sobre os olhos.

Consegui pôr uma das mãos dentro de mim. O resto do corpo se achava paralisado de pavor. Minha língua estava dormente e se avolumava na garganta, a náusea se alojava gelidamente no fundo do cérebro. O quarto se acendia em vislumbres ofuscantes, se apagava e tornava a se acender, e o mundo todo desabou sobre mim num pandemônio.

Meus dedos pegaram algo. Era desprovido de sensibilidade. Mas, em compensação, dores angustiantes irradiavam através dos meus dedos, que haviam encontrado a abertura do útero. Rosnei por entre os dentes, Deus, Deus, deixe a Terra perecer. Porque agora vou fazê-lo, agora vou fazê-lo.

Inseri a agulha em mim, sem saber se era o lugar certo, pois uma agulha de tricô não consegue tatear. Tive uma sensação asfixiante, a respiração vinha como uma forte ânsia de vômito. A tempestade se distanciou um pouco, os relâmpagos minguaram, e a chuva tamborilava em ritmo constante na janela. Fiz pressão com a agulha, não sentindo outra coisa senão resistência. Procurei e tornei a procurar com a arma, mas havia resistência.

Então fui fundo. Gotas de suor escorriam pelo dorso do nariz, e percebi que estava com a língua para fora. Porque agora algo se rompera, pude ouvir o suave estalo de tecido muscular se rompendo por dentro. A dor percorreu a espinha, irradiando pela pelve e pelo abdômen. Gritei, achei que gritei, mas não saiu som nenhum. Mais, mais, pressionar mais, encontrar outro ponto. Pois aquele sem dúvida não era o ponto certo. E peguei a ponta da arma com o polegar e o indicador para encontrar a abertura do útero outra vez, foi difícil, mas achei ter conseguido, a haste de aço deslizou em direção a algo e, com um pouco de

esforço, chegou bem lá em cima, e então um penetrante raio de dor através do abdômen, das costas e do cérebro me contou que a agulha havia atingido algo. Mais, mais, não desistir. O tecido muscular estourou. O suor cegou meus olhos. Ouvi um longo gemido estertorante vindo de mim mesma, enquanto minha mão, com uma coragem insana, deixava a arma trabalhar.

Então não pude mais. Estava soluçando por falta de ar. Ouvi a agulha de tricô cair, ouvi o tilintar no chão, de modo que o som me atingiu em cheio. Eu estava exausta e acabada e me deitei na cama para poder chorar, mas saíram apenas soluços secos. Não tinha forças para me lavar. Depois de um tempo, as dores se acalmaram, o corpo era um grande cansaço.

O temporal já havia passado. Eu estava completamente indiferente a tudo, e acabei dormindo.

Você não está mais com jeito de quem precisa dormir, né? E você não vai dormir. É isso que quero te dizer. É hora de as pessoas tratarem de acordar e olhar em volta. É isso que eu quero com você.

Na manhã seguinte, aí saiu algo, acordei por causa disso, achei que tinha saído naquela hora. Mas era apenas um muco ensanguentado. Você não deve fechar os olhos, precisa aguentar isso. Naquele par de dias também não doeu tanto, havia uma dor constante, distante e ameaçadora que me acompanhava por toda parte, e de resto eu simplesmente estava exausta. Passei a tarde de sábado deitada, e continuava deitada quando alguém bateu à porta na manhã de domingo. Indiferente, murmurei, pode entrar.

Era Morck. Ele perguntou se eu estava doente, mas eu estava apenas cansada. Ele disse que era para eu me apressar e pôr a roupa, eu deveria ir à missa. Sim, foi estranho. Um capricho de Morck, afinal, ele era meio maluco. Prometi me apressar. Ao sair, ele disse que hoje tocaria para mim.

Depois daquela tormenta, o tempo mudara, tornando-se um esplêndido verão. A igreja não ficava muito longe, mas o caminho parecia se estender por dezenas de quilômetros.

Bem, como é que se passou tudo isso? — Eu estava sentada ali, absorta em

meus pensamentos. O sol formava traves diagonais de poeira luminosa que atravessavam a nave da igreja. Ouviam-se pigarros, suspiros e tossidas, uma constante agitaçãozinha nos bancos e folhas de hinário sendo viradas. Toda essa calada massa de sons ondeava entre o teto e as paredes da igreja. Uma criança falou em voz alta durante a cerimônia de abertura, a mãe fez psiu, e o S desceu sibilando da abóbada. A surda dor abdominal ondulava dentro de mim, e voltei o pensamento para mim mesma. O hino número tal e tal. E viradas de folhas e pigarros, teve início um baixo prelúdio. Eu me deixei levar por ele, de olhos fechados. Mas a dor tinha ficado mais forte, era uma verdadeira cólica menstrual, e abri os olhos à escuta dela e da música. O retábulo estava na sombra, cego por uma trave diagonal feita de poeira de sol que flutuava lentamente. Somente a cor vermelha transluzia, e eu pensava nas minhas coisas e sentia que a dor começara a ganhar vida dentro de mim. A música de órgão percorria de mansinho todos os registros, com uma pequena alegria compungida, pensei, é para mim que ele está tocando, e minha dor começou a se intensificar.

O diminuto instante de silêncio antes de o hino ser entoado chegara. Naquele piscar de olhos avistei o rosto de Cristo, foi apenas por um segundo entrecortado em que algumas partículas de poeira se apagaram, em seguida tornaram a despontar cegando o rosto novamente. Mas naquele segundo ele se precipitou em minha consciência e ali ficou vibrando, aquele olhar de sofrida indignação voltado para o púlpito. A dor me fustigou em ondas. E a música começou.

Bem, você precisava ter vivenciado isso para entender.

Houve alguns que começaram a cantar também, mas pararam, inseguros e descompassados, olhando uns para os outros, se virando para a galeria.

Lá em cima alguns acordes irromperam e cresceram até formar uma imponente coluna que ficou ressoando.

Então uma tempestade desabou sobre a igreja. Sim, a tempestade da noite anterior irrompeu sobre a congregação desprevenida. Tentei ficar em pé, mas fui obrigada a me sentar imediatamente, me encolhendo com um pequeno gemido. Das paredes e do teto veio um mar furioso e incandescente de música. A igreja estava pegando fogo.

O pequeno e sério sacristão Holmsen desapareceu, o pároco estava tenso e pasmo, congelado no púlpito. As pessoas ora se levantavam ora se sentavam, a música subia e descia, uma fanfarra vermelha e retumbante de vitória, um apocalipse.

De repente, fez-se silêncio. A comoção nos bancos, os sussurros e murmúrios soavam como as ondas na praia após a passagem de um navio de guerra, e os “ss” sibilavam em direção à abóbada. Ouviram-se vozes na galeria, uma voz exaltada de homem, depois isso também silenciou.

O órgão ficou mudo. O sacristão Holmsen voltou correndo, a igreja estava em total silêncio. Após um sinal assustado do sacristão, o pároco desceu, os dois sussurraram e cochicharam entre si.

O pároco se ajoelhou por um momento diante do altar, em oração, então se virou para os congregados espantados e pigarreou.

Teriam que cantar aquele hino sem o acompanhamento do órgão, o organista estava — hum. Indisposto. Sim, meus caros paroquianos, a mão punitiva de Deus tocou nosso pobre organista. Oremos por ele!

E então o pároco inclinou lindamente a cabeça e orou pelo desencaminhado organista Morck, rezando para que se emendasse e fosse perdoado e encontrasse a graça do Senhor. E o povo da igreja estava em pé, de mãos unidas e cabeça inclinada.

Exceto eu.

Eu estava sentada e senti que algo descia, um fluxo lento e quente. Mas não inclinei a cabeça nem juntei as mãos. Preferia ter saído imediatamente, queria correr ao encalço de Morck e o acompanhar até sua casa. Mas não pude me mexer.

E naquele espaço imenso o canto soou comoventemente frágil e prestes a explodir sozinho sem o órgão, deitando um pálido matiz de confiança cega ali onde Morck pouco antes acendera uma fogueira chamejante de um sermão de avivamento que ninguém além de mim havia entendido.

Mas eu o entendi! E fora para mim, para mim, para mim que ele tinha feito aquele apelo, aquele seu derradeiro e desesperado apelo.

Pois aquilo foi o fim. Não o vi mais.

Permaneci sentada ali, sozinha, enquanto a congregação saía aos arrastos, rangidos e sibilos. Demorou uma eternidade. Porque àquela altura minhas roupas estavam arruinadas, eu não podia deixar ninguém me ver. E a dor me sugava por dentro, e ondas de sangue quente vertiam de mim aos borbotões. No fim, consegui sair da igreja vazia sem que o sacristão Holmsen percebesse. Deixei rastros por onde passei, pegadas vermelhas no piso sagrado da igreja.

Esgueirei-me por entre os túmulos e me escondi no galpão de ferramentas. Pus o gancho no ferrolho e fiquei ali até o anoitecer. Me sentei no chão, batendo os dentes e me lamuriando silenciosamente. Eu o tinha guardado no meu lenço. Eu o recolhera e escondera no meu lenço.

Não era grande. Não passava de uma bolota de sangue gosmenta que cheirava mal. Mesmo assim, quando saiu, parecia que meu estômago, meu cérebro, meu coração e tudo o mais seriam expelidos.

Você não está dormindo, está? Não, porque você não pode dormir.

Quase louca de dor e com o rosto petrificado de lágrimas, eu o enterrei. Encontrei um túmulo pobre e abandonado com um crucifixo torto de madeira e uma placa de latão, na qual o nome quase fora apagado. Só era possível ler Com Fé em seu Salvador, e o primeiro nome, Marie.

Ali enterrei o pequenino, minúsculo feto.

Ela olhava para baixo, enquanto os dedos não paravam de amassar o lencinho. Os cabelos tinham ficado espigados e desgrenhados, havia algo desalinhado em seu rosto. Os olhos se fechavam o tempo todo, e a cabeça se

afundava como que pelo próprio peso. Ela se endireitou novamente e olhou para mim com um olhar extenuado.

Foi isso.

Adoeci. Aquilo não queria parar. E fiquei sabendo que Morck seria demitido.

À noite, eu roubava sacos vazios das grandes casas de barcos, jornais velhos, o que quer que encontrasse. Para servir de roupa de cama.

Mas uma noite fiz um esforço e fui até a casa de Morck. Era uma quinta-feira, sei disso porque foi um dia antes de a febre me pegar e eu ser mandada para a cidade.

Ele não tinha acendido nenhuma luz. Àquela altura, havia noites claras de verão, então podia ser —

Cheirava mal na entrada lá em cima onde ele morava. Um silêncio malcheiroso, sim, um silêncio sem respiração. — A porta estava trancada por dentro. Eu a sacudi, eu martelei, mas as marteladas produziam um eco morto, e não ousei ouvir minha própria voz, não ousei chamar o nome dele, eu o sussurrei por entre os dentes. Aquele silêncio! E então eu soube.

Desci correndo para a rua, bati à primeira porta. Não os acompanhei lá em cima. O delegado veio e a porta foi arrombada.

Morck tinha cortado os pulsos fazia vários dias.

Ela se reclinou e fechou os olhos. A boca estava entreaberta, e o rosto assimilara a luz amarelada do dia. Ela dormia.

Lá fora era pleno dia, com toda a sua canção cinza.

Mesmo assim, devo ter dormido um pouco.

Eu estava sentado com a cabeça apoiada nas mãos, e quando ergui os olhos, não havia ninguém na poltrona onde ela estivera sentada. Não havia ninguém na sala além de mim. Da noite anterior, um cheiro rançoso de fumaça de cigarro pairava no ar. Eu tremia de frio. Ela não estava na cozinha, ela não estava em lugar nenhum do apartamento. Ela havia sumido. Sua mala havia sumido.

Eu não podia chamar por ela, porque não sabia seu nome.

Há treze dias ando procurando por ela. Já atravessei a cidade, estive em todos os lugares. Circulei pela estação de trem por horas a fio, foi ali que a encontrei naquela noite. Não há um só lugar onde eu não tenha estado nesses últimos dias, à procura de seu mantô azul.

Mas ainda não a achei.

Ainda não.



©ASCHEHOUG

TORBORG NEDREAAS nasceu em 1906, em Bergen, na Noruega. Estreou em 1945, com os contos reunidos em *Bak skapet står øksen*, e ganhou popularidade dois anos mais tarde com *Nada nasce ao luar*, seu primeiro romance. Autora também de peças radiofônicas e ensaios, recebeu os principais prêmios literários de seu país e é considerada uma das maiores vozes da literatura norueguesa do pós-guerra. Foi comunista e envolveu-se na luta pelos direitos das mulheres durante toda a sua vida. Morreu em 1987.

Copyright © 2026 by Torborg Nedreaas.

Publicado primeiramente por H. Aschehoug & Co. (W. Nygaard), Oslo (1947, 1982, 2006). Publicado em acordo com Oslo Literary Agency e Casanovas & Lynch Literary Agency.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Esta tradução foi feita com o apoio financeiro da NORLA.



Título original

Av måneskinn gror det ingenting

Capa

Violaine Cadinot

Foto de capa

Cristina Coral

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Ingrid Romão

Luís Eduardo Gonçalves

Versão digital

Rafael Alt

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nedreaas, Torborg, 1906-1987.

Nada nasce ao luar / Torborg Nedreaas ; tradução do norueguês Kristin Lie Garrubo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2026.

Dados eletrônicos (1 ePub)

Título original: Av mǎneskinn gror det ingenting.

ISBN 978-85-359-4598-0

1. Ficção norueguesa I. Título.

CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norueguesa 839.823

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

x.com/cialetras